

ANA ELISE CARDOSO INÁCIO

JOVENS EM MOVIMENTO:

Um estudo sobre o Movimento Passe Livre em Florianópolis

Florianópolis – SC

2008



UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO

JOVENS EM MOVIMENTO:

Um estudo sobre o Movimento Passe Livre em Florianópolis

Mestranda: Ana Elise Cardoso Inácio
Orientadora: Prof. Dr^a. Sonia A. Branco Beltrame

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação como parte dos requisitos para obtenção do grau de Mestre em Educação.

Florianópolis (SC), Julho de 2008.



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
CURSO DE MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**"JOVENS EM MOVIMENTO: UM ESTUDO SOBRE O MOVIMENTO PASSE LIVRE
EM FLORIANÓPOLIS"**

Dissertação submetida ao Colegiado do
Curso de Mestrado em Educação do
Centro de Ciências da Educação em
cumprimento parcial para a obtenção
do título de Mestre em Educação

APROVADA PELA COMISSÃO EXAMINADORA em 14/04/2008

Dra. Sonia Aparecida Branco Beltrame (CED/UFSC-Orientadora)

Dra. Luiza Mitiko Yshiguro Camacho (UFES/ES-Examinadora)

Dra. Olga Celestina da Silva Durand (CED/UFSC-Examinadora)

Dra. Ione Ribeiro Valle (CED/UFSC-Suplente)

Profª. Eneida Oto Shiroma
Coordenadora do Programa de
Pós-Graduação em Educação

ANA ELISE CARDOSO INÁCIO

FLORIANÓPOLIS/SANTA CATARINA/ABRIL/2008

*...As revistas
As revoltas
As conquistas da juventude
são heranças
são motivos
Pras mudanças de atitude
Os discos
As danças
Os riscos da juventude
A cara limpa
A roupa suja
Esperando que o tempo mude.
Nessa terra de gigantes
Vocês já ouviram tudo isso antes...*

(Engenheiros do Hawaii - Terra de Gigantes)

AGRADECIMENTOS

Nos dicionários “agradecer” aparece como uma forma de manifestar gratidão, mostrar-se grato por benefício recebido, mas *agradecer* vai muito além.

Foram muitas as pessoas que contribuíram, mesmo que sem intenção para que hoje mais uma etapa de meus estudos fosse concluída.

Agradeço a Deus pela vida, pelas oportunidades, por ouvir minhas preces e colocar pessoas especiais em meu caminho.

Agradeço à família, aos irmãos, aos sobrinhos e principalmente a meus pais, Eduardo e Joaquina, pelo carinho, pelo incentivo dado em todos os momentos.

Agradeço à professora e amiga Sonia que me fez compreender a importância da educação e de um estudo de pós-graduação. Por ter me dado uma oportunidade e um voto de confiança.

Às professoras Olga e Ione, pelas tão úteis recomendações dadas no exame de qualificação e pelas indicações de livros.

Aos colegas do Mestrado pelas trocas de experiência e pelo crescimento intelectual em grupo.

Aos amigos que, de longe ou perto, estão em meu coração e nas minhas histórias de vida: Aline, Ana Paula, Anne, Carol, Davis, Flávia, Fran, Glaura, Kátia, Luciana, Marcinha, Mayko, Pedra Clarisse, Raquel e Tayana.

Ao Douglas pela cumplicidade, carinho, amor e amizade. Pelas conversas de incentivo e pelos bons momentos divididos.

SUMÁRIO

AGRADECIMENTOS	5
RESUMO.....	7
ABSTRACT	8
LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS	9
LISTAS DE ABREVIações E SIGLAS	10
INTRODUÇÃO	11
1- A JUVENTUDE E O SEU PAPEL CONTESTADOR.....	17
1.1 O potencial revolucionário da juventude.....	19
1.2 A condição Juvenil: Em busca de uma identidade.....	25
1.3- Educação e Juventude	32
2- MOVIMENTOS SOCIAIS: AS ESPECIFICIDADES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL.....	39
2.1- Os Movimentos Sociais em diferentes contextos.....	40
2.2- Movimento Estudantil: A geração de 1968	48
3- MOVIMENTO PASSE LIVRE: DA REVOLTA DO BUZU AO CONTURBADO ANO DE 2005.....	64
3.1- Movimento Passe Livre: Da Criação Nacional a Estruturação em Florianópolis	65
3.2- Movimento Passe Livre em Florianópolis: O conturbado ano de 2005.....	71
4- A EDUCAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS: AS REDES DE INFLUÊNCIAS....	82
4.1- Jovens e a Família	84
4.1.1 Participação dos pais	88
4.1.2 Participação dos pais no Passe Livre.....	90
4.1.3 Influências.....	93
4.2- Jovens e a Participação Política	96
4.2.1 Entrada no Movimento	100
4.2.2 Participação no Passe Livre.....	102
4.2.3 Experiências.....	105
4.3- Jovens e a Escola	107
4.3.1 Ambiente Escolar	111
4.3.2 Vivências de Amigos e Professores	113
CONSIDERAÇÕES FINAIS	115
REFERÊNCIAS.....	120
ANEXOS	126

RESUMO

As mobilizações estudantis, presentes em diversas etapas e fases da história brasileira ocorreram também em Santa Catarina, como exemplo, o movimento Passe Livre. Assim, para estudá-lo, essa dissertação procurou identificar na estrutura e organização desse movimento estudantil, conteúdos e formas organizativas que indicassem possíveis campos que influenciaram a participação dos jovens. Esse conteúdo é entendido como um processo de construção que permite na sua dinâmica observar os relacionamentos dos participantes com o próprio movimento e com a sociedade.

O estudo teve seu principal enfoque na realização de entrevistas com duplas de pais e filhos que participaram direta ou indiretamente no movimento Passe Livre. Os dados coletados foram analisados a luz de um referencial teórico que privilegiou o estudo sobre juventude e movimentos sociais, enfatizando as relações construídas no interior do movimento estudado. As entrevistas, assim como as coletas dos dados foram feitas seguindo três eixos principais: família, participação política e escola.

Palavras Chave: Movimentos Sociais, Juventude, Estudantes, Participação.

ABSTRACT

The student mobilizations that are present in several stages and phases of the Brazilian history also happened in Santa Catarina, such as the movement called *Free Pass*. Studying this movement, this dissertation tried to identify in its structure and organization, some contents and organization forms that indicated which fields influence the juvenile participation. This content is understood as a process of construction and foundation that allows in its dynamics to create new relationships of the participants with the own movement and with the society.

The study had its main focus on interviewing pairs of parents and children who participated directly or indirectly in the movement *Passe Livre*. Data collected were analyzed through a theoretical reference focused on youth and social movements, emphasizing the relationships built within the movement studied. The interviews, as well as collections of data were made following three main areas: family, political participation and school.

Key words: Social movements, Youth, Students, Participation.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES E GRÁFICOS

ILUSTRAÇÕES:

Ilustração 1 Maio de 1968 na Alemanha	17
Ilustração 2 Caras Pintadas	39
Ilustração 3 Os presidentes Costa e Silva e Castello Branco	52
Ilustração 4 Participação da classe artística na passeata dos 100 mil.....	54
Ilustração 5 Estudantes em confronto.....	55
Ilustração 6 Estudantes guardam o corpo de Edson.....	57
Ilustração 7 Estudantes presos em congresso da UNE em 1968	58
Ilustração 8 Passe Livre	64
Ilustração 9 Símbolo das mobilizações do movimento Passe Livre: A catraca	67
Ilustração 10 Dimensão da mobilização em Florianópolis.....	68
Ilustração 11 Confronto próximo das pontes em Florianópolis.....	72
Ilustração 12 Manifestantes em Passeata.....	74
Ilustração 13 Invasão à Câmara Municipal de Florianópolis	78
Ilustração 14 Movimento Estudantil Brasileiro.....	82

GRÁFICOS:

Gráfico 1 Dados Estatísticos do IBGE 2006, sobre matrículas.	35
Gráfico 2 Dados Estatísticos do IBGE 2005, sobre matrículas.	35

LISTAS DE ABREVIACOES E SIGLAS

SIGLA	SIGNIFICADO
CMI	Centro de Mdia Independente
COTISA	Companhia Operadora de Terminais de Integração S/A
DOPS	Departamento de Ordem Política e Social
IPVA	Imposto sobre Propriedade de Veículo Automotor
JR	Juventude Revolucionária
MPL	Movimento Passe Livre
TICEN	Terminal Integrado do Centro
TITRI	Terminal Integrado da Trindade
UDESC	Universidade do Estado de Santa Catarina
UFSC	Universidade Federal de Santa Catarina
USAID	United States Agency for International Development

INTRODUÇÃO

Ao se analisar a participação estudantil nas diversas fases e etapas na história brasileira, verifica-se algumas vezes sua expressão de manifesto e luta por algum objetivo ou problematização. Bravata de juventude? Politização? Influência de outros atores de conflitos e movimentos? Vários são os questionamentos dos motivos que se teve e se tem para a participação e mobilização de estudantes e jovens em movimentos sociais.

O movimento Passe Livre iniciou-se na Bahia, mais precisamente no ano de 2003, onde estudantes foram às ruas de Salvador, para reivindicar contra os aumentos das tarifas de transporte coletivo. As atuações estudantis tiveram duração de 10 dias nessa cidade, sua repercussão foi tão forte, que motivou a realização de um documentário chamado de “A Revolta do Buzú” de Carlos Pronzato. Esse documentário teve um grande papel na eclosão do movimento em Santa Catarina. Com o aumento das tarifas em Florianópolis o Movimento Passe Livre (MPL), inspirado por esse documentário exibido aos estudantes, foi às ruas da capital catarinense reivindicar. As raízes do MPL em Florianópolis, iniciaram porém, anos antes da exibição desse documentário.

O movimento Passe Livre, representa hoje um marco na questão estudantil em diversas cidades brasileiras, dentre elas Florianópolis. Sua repercussão tornou-se intensa nesta cidade com um episódio que acabou por destacar o movimento em nível nacional e local, com o inusitado fechamento das pontes, em 2004, que ligam a ilha ao continente na capital dos catarinenses. Esse episódio e outros tantos, mostraram um movimento estudantil com força e que há tempos não ocorria com a mesma dimensão e intensidade.

As mobilizações na época de exibição do referido documentário passaram a ser constantes na cidade de Florianópolis fazendo com que o movimento tivesse repercussão nacional. Ao mesmo tempo em diversas outras cidades do país, o

Movimento Passe Livre tomava força e jovens saíam às ruas reivindicando melhorias e a gratuidade aos estudantes no transporte coletivo.

O movimento Passe Livre em Santa Catarina, é formado por uma juventude diversificada, composta por estudantes tanto de escolas públicas quanto particulares. Pessoas com as mais variadas ideologias e que tiveram um apoio dos pais, que estavam cientes do que estava acontecendo, através de seus filhos ou da própria imprensa. Muitos dos pais aderiram e participaram juntamente com seus filhos nas mobilizações, esse fato é por si só um diferencial e que merece ser problematizado.

Para pesquisar o Movimento Passe Livre, essa dissertação visou identificar na participação desses jovens no referido movimento, conteúdos e formas organizativas que nos indicassem campos que influenciam e levam esses jovens a participarem, bem como as relações dos jovens com esses campos. Esse estudo é entendido como um processo de construção e embasamento que permite observar na sua dinâmica os relacionamentos dos estudantes com o próprio movimento e com a sociedade.

Para uma análise efetiva do movimento Passe Livre foi realizado um estudo que trouxe não só as questões e o movimento em si, mas também suas nuances e singularidades. Sua importância em níveis locais abrange não somente uma ação coletiva que proporcionou benefícios para diversas pessoas com a redução das tarifas, mas sim, o movimento foi incrementado por intencionalidades e interesses pessoais de cada estudante ao entrar na luta e nos manifestos. E é esse ponto que se torna fundamental, ao problematizarmos as relações que alguns campos como família, amigos e escola, tem na participação desses jovens.

Com forma de melhor compreendermos tais questões, alguns aspectos primordiais, como juventude e identidade, movimentos sociais e estudantis foram abordados. A juventude é um período de construção, onde se busca uma identidade própria para ser jovem. Nessa faixa etária experimentam-se os mais variados campos, como músicas, grupos de amigos, ideologias políticas e outros, como maneira de formar o que chamamos de identidade juvenil. Assim os

movimentos como o Passe Livre são cada vez mais heterogêneos e entrar e sair deles é algo rápido e constante para esses jovens.

Outro ponto também relevante para o presente estudo são os movimentos sociais. Assim para melhor observarmos as questões relacionadas com o movimento Passe Livre, torna-se necessário abordarmos sobre movimento social e por conseguinte movimento estudantil. Dentre as inúmeras possibilidades investigativas sobre tal tema, optou-se por trazer um pouco da trajetória do movimento estudantil de 1968. A escolha deve-se ao fato da representação que esse movimento tomou não só no Brasil, mas também no mundo. Uma geração que faz parte da história e que a marcou profundamente.

A geração de 68 foi a primeira que desde cedo mora fora de casa, trabalha e tem independência em relação aos pais. É também a primeira que mistura classes altas e pequena burguesia com os filhos de trabalhadores, nos cursos noturnos das universidades. E faz ruptura. (DIRCEU, 1998 p. 32)

Assim, podemos verificar que a geração estudantil de 1968 tornou-se um diferencial, quebrou de certa forma com a hierarquia nas relações entre pais e filhos. Iniciam um processo onde rompem certos paradigmas dentro do núcleo familiar. Essa mesma relação entre os jovens e a família será trazida para a pesquisa ao abordarmos os fatores familiares que influenciam na participação dos jovens no movimento Passe Livre. Hoje diferencialmente do passado, muitos pais apoiaram e até participaram das mobilizações desse movimento em Florianópolis.

A dissertação foi desenvolvida em quatro capítulos. O primeiro deles “*A juventude e o seu papel contestador*”, traz as primeiras relações do sujeito de pesquisa. Tendo como foco principal os estudantes, não podemos desvinculá-los de sua condição juvenil e dessa maneira estudar sua identidade participativa, seu potencial reivindicativo e suas relações familiares.

O segundo capítulo “*Movimentos sociais: “as especificidades do movimento estudantil”*” faz uma análise dos movimentos sociais. Dialoga com autores que abordam tal tema, como também aborda o movimento estudantil de 1968, trazendo as singularidades dessa época.

O terceiro capítulo “*Movimento Passe Livre: da revolta do Buzú ao conturbado ano de 2005*” traz o contorno e aplicações do Movimento Passe Livre. Resgata a história do movimento, bem como, os significados da questão juvenil participativa.

Por fim, o quarto capítulo “*A educação política dos jovens: as redes de influências*”, foca-se na problemática levantada. Tendo em mãos as entrevistas e leituras, dividiu-se esse capítulo em três eixos para análise da participação e da relação desses jovens.

A metodologia de análise escolhida para a pesquisa, que se baseia na coleta de informações através de entrevistas com os estudantes e seus pais, utilizou uma aproximação ao método proposto por BARDIN (1977, p.38) denominado análise de conteúdo. Trata-se de um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utilizam procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. Segundo BARDIN (1977, p.38) a intenção do método “é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção recorrendo a indicadores.” O material de análise são entrevistas, em número de seis, que correspondem a três duplas formadas entre pais e filhos e constituem uma amostra representativa dentro do universo do movimento Passe Livre possível para o presente estudo.

De posse das transcrições organizaram-se as respostas obtidas de acordo com três dimensões *família, participação política e escola*. Estas se tornam variáveis empíricas, que emergem do conteúdo das entrevistas transcritas. “O objetivo é estabelecer uma correspondência entre o nível empírico e o teórico, de modo a assegurar-nos – e esta é a finalidade de qualquer investigação – que o corpo de hipóteses possa ser verificado pelos dados do texto”. (BARDIN, 1977, p. 69).

Um outro ponto forte nas análises e nas entrevistas, é o fato de que estas foram realizadas, como já falado, através da formação de duplas. Assim, foram constituídas três duplas, totalizando seis entrevistados que por sua foram formados de acordo com um grau de parentesco, no caso pais e filhos. Essa metodologia de duplas foi escolhida pois os questionamentos levantados por essa dissertação dizem respeito a questões sobre campos que possam vir a influenciar

ou contribuir para a participação desses jovens no movimento Passe Livre. Sendo assim, a família é um desses campos e as relações estabelecidas entre pais e filhos nos permitem observar os desdobramentos de tais questões. Embora tenha sido realizada a formação dessas duplas, todas as entrevistas foram feitas individualmente, deixando uma liberdade e um espaço para cada entrevistado falar sem se sentir direcionado ou pressionado pela presença de um membro de sua família.

Por fim, os movimentos sociais, a exemplo os estudantis, aparecem nas sociedades complexas com outros formatos. São formados por inúmeros e diferentes grupos de jovens. Podem ser constituídos por jovens que são mais politizados, outros que entram no movimento, mas pela *onda* que se forma em instituições como a escola e a universidade.

Por que existe uma questão juvenil? De onde vem o interesse para estudar os jovens? A resposta, em termos de sociologia do conhecimento, é relativamente simples: por que os jovens são autores de conflitos. Essa é a razão principal pela qual nos interrogamos sobre a condição juvenil. O percurso é exemplar pelo modo de se enfrentar o problema teórico dos movimentos sociais: da presença de uma ação coletiva passa-se se interrogar sobre a condição social de uma certa categoria (nesse caso, os jovens) para deduzir daí as causas da ação. (MELUCCI, 2001 p. 100).

Esses movimentos são também formados além dessas diferenças entre os jovens pelo somatório de outras redes. Os jovens trazem para dentro do movimento suas experiências vividas pelas diversas instituições como partidos políticos, movimento negro, rap e outros tantos. O fato é que essa grande variedade de experiências que formam o jovem estudante participante de movimentos como o Passe Livre, reflete no próprio movimento, caracterizando-o cada vez mais diversificado e complexo.

...Eles convidavam os pais, os amigos, convidavam as famílias, colocavam adesivos, sempre foi muito aberto, muito de base, participavam mais de forma igual, sem uma concepção muito de vanguarda. No início foi um movimento muito aberto, com diálogos nas praças, nas universidades, na concha acústica no domingos, à noite no centro da cidade. Sempre em espaços abertos e o povo poderia participar de uma forma bem direta...

(Valéria, professora universitária)

1- A JUVENTUDE E O SEU PAPEL CONTESTADOR



Ilustração 1 Maio de 1968 na Alemanha

Fonte: (<http://www.lamenha.blogger.com.br>)

A juventude¹ tem participado fundamentalmente no decorrer da história da humanidade. Essa passagem da vida mostra-se como um momento importante para a definição e escolhas. Por esses motivos, essa fase é foco constante de marketing e também de estudos. Mostram ser uma parcela em destaque na população, sobretudo, no Brasil, onde atualmente temos uma população relativamente jovem, o que exige grande atenção por parte do governo na educação, economia e lazer. Eles são ou serão parte da população economicamente ativa no país, fator o qual por si só, já requer cuidados e atenção.

A educação política do jovem é um processo que ocorre através da passagem por diversos grupos sociais, como a família, escola, trabalho e amigos. Dessa maneira, a juventude acaba por concentrar suas orientações políticas, passando por essas instituições e pessoas. Os tipos de orientações variam, não são uniformes ou direcionais ao extremo, podem aparecer até indiretamente

¹ Entendida aqui pela faixa etária média entre 18 a 25 anos e compreendida na dissertação no sentido de “juventudes”, ou seja, não é única, uniforme, mas diversificada.

quando, por exemplo, escutam outras pessoas como a família e amigos a falarem sobre política.

Os jovens caracterizam-se precisamente pela busca de outras referências para a construção de sua identidade fora da família e social. Necessitam falar de si no plural, recriando “famílias” (como construção de nós) fora de seu âmbito familiar de origem, através dos vários grupos de pares (peer groups), seja em torno da música (rock, rap), de outras atividades culturais, esportivas ou de outras formas de expressão dos jovens no espaço público. (SARTI, 2004 p. 123)

Podemos observar que hoje, a juventude está inserida em um contexto diferente de outras épocas, temos novos valores, novas políticas e novos conceitos. Assim, muitos espaços para essa parte da população acabam sendo restritos, de certa forma limitados, quando, por exemplo, falamos sobre primeiro emprego, desafios e carreiras. Como consequência dessa falta de espaço, os jovens buscam contorná-los adentrando em lugares onde possuem representatividade. Acabam-se envolvidos em grupos, em movimentos, em organizações e tantas outras esferas, que comportem e tragam motivos, para o que podemos chamar de participação juvenil.

Nesse sentido a complexidade em se estudar a juventude exige um cuidado, pois não se trata de um tema uniforme e único, como se os jovens possuíssem todos, um mesmo perfil e nível de participação. Trazem sim, algumas características similares, que podem ser atribuídas a essa parcela da população, pontos que aproximam o jovem de hoje e também o de outrora. Podemos citar como exemplo, a busca da autonomia financeira, a criatividade, a faixa etária, a organização em grupos e outros.

1.1 O potencial revolucionário da juventude

É notório que cresce a atenção dirigida aos jovens, seja por parte da opinião pública, meio acadêmico, atores políticos e instituições governamentais ou não. Essa parcela é público alvo de marketing, focando para eles uma série de produtos e imagens, onde por sua vez se traçam comportamentos e modismos. Já na academia, estudos de mestrado e doutorado têm apresentado cada vez mais discussões a respeito da juventude, voltando para considerações que retratem os jovens com suas experiências, percepções, formas de sociabilidade e atuação. Percebemos assim que questões e estudos relacionados à juventude vem se destacando, devido à importância dada a essa parcela da população por diversas áreas e esses serem também atores de conflitos e movimentos.

É curioso notar que, apesar da juventude estudantil ter tido, durante todo um período dito “de modernização” do país (dos anos 30 aos 70), destacada presença em prol dos processos de democratização e combate às estruturas conservadoras, houve sempre certa ressalva com relação à eficácia de suas ações: para certos conservadores, a suspeita de baderna e de radicalismo transgressor; para alguns setores da esquerda, a suspeita da alienação ou de radicalidade pequeno-burguesa inseqüente. No entanto, a partir dos anos 80, o enfraquecimento desses atores estudantis levou a fazer notar, e lamentar, o desaparecimento da juventude da cena política.(...) mesmo sua participação nas movimentações de rua pelo impeachment de Collor, em 1992, foram largamente desqualificadas por serem “espontaneistas”, “espetaculares”, com mais dimensão de festa do que de efetiva politização. (ABRAMO, 1997 p. 27)

Essa atuação juvenil aparece e reaparece em todo país em diversos movimentos e épocas, como movimentos negros, estudantis, punk e tantos outros. Nessas atuações juvenis se percebe um número de participantes menor do que se comparado com o número de jovens que poderiam estar engajados em algum tipo de mobilização. Observa-se também um certo desinteresse por parte de muitos, que mais assistem as ações dos outros do que participam efetivamente.

A tematização da juventude pela ótica do problema social é histórica e já foi assinalada por muitos autores: a juventude só se torna objeto de atenção enquanto representa uma ameaça de ruptura com a continuidade social: ameaça para si própria ou para a sociedade. Seja

porque o indivíduo jovem se desvia do seu caminho em direção à integração social (...), seja porque um grupo ou movimento juvenil propõe ou produz transformações na ordem social ou ainda porque uma geração ameaça romper com a transmissão da herança cultural. (ABRAMO, 1997 p. 29)

Ao falarmos em jovens e participação, devemos também nos remeter a juventude dos anos 60 e 70. Eles demonstraram para a sociedade, toda uma geração que questionou a ordem social e em diversos setores, como o político, cultural e moral, lutaram contra a ordem estabelecida e buscaram atos em prol da transformação do país.

Foi somente depois, quando tais movimentos juvenis já haviam entrado num refluxo, que a imagem dessa juventude dos anos 60 foi reelaborada e assimilada de uma forma positiva, generalizando a ótica da minoria que neles depositava diferentes tipos de esperanças: a imagem dos jovens dos anos 60 plasmou-se como a de uma geração idealista, generosa, criativa, que ousou sonhar e se comprometer com a mudança social. Essa reelaboração positiva acabou desse modo, por fixar assim um modelo ideal de juventude: transformando a rebeldia, o idealismo, a inovação e a utopia como características essenciais dessa categoria etária. (ABRAMO, 1997 p.31)

Dessa maneira, as novas gerações estudantis e os novos movimentos e mobilizações sociais são vistos muitas vezes como individualistas, consumistas e indiferentes aos assuntos políticos, quando comparados aos movimentos juvenis das décadas de 60 e 70. A partir dos anos 90 que essa visibilidade sobre os jovens começa a modificar um pouco, aumentando até a atuação desses estudantes em diversos movimentos. Um marco expressivo dessa participação política parece que se redimensionou, sobretudo, com os famosos caras pintadas, de 1992. Eles contribuíram para a derrubada de um presidente da república, fato o qual acabou por gerar grande polêmica no país ao se analisar a atuação juvenil e por conseguinte compará-los a outras gerações.

Surgiram comparações nostálgicas com a oposição estudantil dos anos 60, que começou com a campanha pela reforma universitária e se radicalizou ao longo de vários anos de confronto com a ditadura militar. O movimento estudantil foi brutalmente esmagado em 1968 com a prisão, perseguição, morte ou exílio da maior parte das lideranças, muitas das quais entraram em grupos clandestinos de resistência armada durante os anos 70. (MISCHE, 1997 p. 135)

Apesar dessa visão nostálgica, sabemos que existem fortes diferenças entre esses movimentos, uma delas é o contexto histórico ao qual estavam envolvidos. Primeiramente os estudantes de 1968 atuaram num campo político polarizado entre o Estado Militar e a oposição estudantil, já os caras pintadas e até o movimento Passe Livre agiram com certos privilégios, onde existiam uma ampla mobilização não só deles mas da sociedade civil, incluindo assim os próprios pais e familiares.

Várias são as formas para se chegar a uma possível explicação da participação política desses jovens. Dentro dessas variadas formas um dos problemas que aparecem em muitas é a utilização de modelos estáticos e deterministas de influências sociais. Esses modelos apresentam variadas versões desde concepções que explicam através da internalização de normas pré-concebidas, até as que reduzem a ação e os interesses dos jovens.

Para entender as mudanças históricas que levaram os jovens da identidade participativa forte de estudante nos anos 60 à nova identidade, complexa e contraditória, de cidadão nos anos 90, é necessário analisar as transformações nas redes interpessoais e organizacionais nas quais os jovens se encontram, e como as estruturas diferenciadas dessas redes influenciam na articulação de projetos pessoais e sociais. (MISCHE, 1991 p. 138)

Na leitura dessas redes sociais onde se encontram e conseqüentemente caracterizam a juventude, desenvolvem-se os atores coletivos e o próprio movimento estudantil, em um contexto de mudanças sociais, com a aquisição de novos traços. Dentre esses, as motivações em participar das mobilizações em virtude não somente de um ideal, mas também por seus desejos, por suas relações pessoais, possivelmente ministradas nesse caso, por influências, de amigos, professores como também do núcleo familiar, que por sua vez esteve por diversas vezes ao lado desses sujeitos, nas mobilizações em estudo, ou seja, Movimento Passe Livre da cidade de Florianópolis.

Essa ampliação a que nos remetemos no campo das motivações, quebra com a visão partidária dos movimentos estudantis e traz uma juventude não direcionada a um partido político. Podem sim, ser motivados através de ideologias partidárias ou direcionados, sem a filiação efetiva a partidos políticos. Essa

simpatia ou filiação a um partido político não é um pré-requisito único ou fundamental para caracterizar tais sujeitos. Essas diferenças entre os novos movimentos sociais, apontam posições que dependem muito do momento histórico e de valores envolvidos pelos indivíduos participantes.

Esse potencial da juventude no sentido de uma ação transformadora não é, necessariamente, positivo para a humanidade. Diferentes motivações têm despertado o vigor da juventude e funcionando como um verdadeiro motor propulsor para rumos muito diferentes, considerados de uma perspectiva político-ideológica ou sob um determinado conjunto de valores. (ZANETI, 2001, p. 21).

Os valores trazidos na militância podem se constituir não só na família, como também, na escola, amigos, trabalho e comunidade a que pertencem. São formadores de opinião, no sentido de trazemos para a militância um pouco de cada um desses universos e realidades que compõem nossa estrutura e visão crítica de mundo. Assim, os movimentos sociais, estudantis e as juventudes (no sentido de não termos apenas uma juventude e sim várias), acabam por trazer esses valores para sua atuação nas diversas instâncias sociais.

Ao relatarmos essa mesma juventude em décadas passadas, podemos observar que a militância política dos jovens que viveram entre 60 e 70 foi reflexo da capacidade que essa juventude teve em potencializar, sua condição transitória e de vivenciarem as ações de um contexto de forte efervescência política e cultural. Dessa mesma maneira, as próximas gerações entram no novo século com outras determinações do contexto social e se organizam conseqüentemente, através de diferentes modos.

A juventude hoje traz um contexto marcado pela grande competitividade no mercado de trabalho e a necessidade dos jovens ingressarem mais cedo neste mercado, revelando um perfil de dupla jornada, não somente estudantil, mas também de trabalhador. Vivenciam uma realidade onde a classe média retarda sua saída à casa dos pais, onde convivem com a falta de emprego, com as dificuldades de se entrar no mercado de trabalho e com a liberdade de consumo, expressão e sexo. Fatores esses que acabam por nos apresentar uma outra juventude ou outras juventudes, baseadas no pluralismo de expressões e idéias. É essa juventude que caracteriza e faz parte dos movimentos sociais presentes.

Se os jovens, mesmo possuindo pouca idade, demonstram participação em certos momentos e ocasiões são porque as circunstâncias sociais e históricas favorecem a isso, constituindo-se como característica própria desta geração. Serve como exemplo, a participação em manifestações públicas de rua, permitidas a partir da redemocratização nos anos 1980, já que sob a ditadura militar a representação e mobilização juvenil eram reprimidas.

Observa-se que a participação da juventude brasileira em movimentos marcou e marca, profundamente a história e os processos vivenciados no país. A participação pode ser exemplificada através dos tempos pela passeata dos cem mil em 1968 e até os já citados Caras Pintadas do início dos anos 90. Os jovens que atuaram em diversos e distintos episódios tomaram características próprias em cada uma dessas épocas. A juventude está de cara nova e isso pode ser visto em diversos campos, como as relações familiares, os avanços tecnológicos, a liberdade, o mercado de trabalho e no ensino. Assim argumentam ex-militantes:

Na época em que comecei a militar, nos primeiros anos da década de 1980, era o regime militar que escolhia os diretores. Jamais concordei com isso. Tínhamos ideais, bandeiras de luta, como as eleições diretas, a liberdade de imprensa, a própria legalização dos movimentos estudantis. Nossas armas para evitar as agressões por parte da polícia eram máquinas fotográficas e megafones à pilha. Hoje não vejo isso nas centrais de estudantes. O individualismo e a falta de espírito contestador prejudicaram a formação de líderes atuais. Se nós tivéssemos a tecnologia que existe hoje nas mãos, a história do Brasil seria outra.²

Uma outra observação feita no momento em que a reitoria da Universidade de São Paulo foi invadida em 2007 por estudantes, são as declarações feitas pelo filósofo Paulo Eduardo Arantes, professor aposentado do curso de Filosofia da USP. Tal professor argumenta que:

O período das grandes marchas acabou. A invasão da reitoria da USP também. E agora? Seria um equívoco procurar no passado e na mística de 68 a chave de compreensão do movimento liderado pelos estudantes contra o governo do Estado e o comando da universidade. Parece haver algo de novo no ar, embora ainda não seja possível dizer exatamente o que, nem afirmar qual o legado que deixará para a esquerda.³

² André Renato Bolner. “Eles estão de cara nova”. Zero Hora. Porto Alegre, 10/06/2007. p. 41.

³ “Invasão na USP revela um desejo paradoxal por ordem”. Folha de São Paulo. São Paulo, 24/06/2007. p. A16.

Não podemos negar que essa fase entre adolescência e vida adulta é constituída por fatores próprios dessa etapa, como às primeiras preocupações com o emprego, futuro profissional, família e outros. Nesse âmbito de questionamentos, sobre o que esperar do futuro e do presente, floresce a ideologia e a vontade em se apresentar e representar perante a sociedade.

A mobilização estudada, Passe Livre, e tantas outras mobilizações de juventude, apontam questionamentos sobre essa atuação. Assim argumenta o professor de Ética e Filosofia Política da USP, Renato Janine Ribeiro:

Mas o fracasso das revoluções faz temer o fracasso das revoltas. Têm eles *day after*? O aluno que ocupa a reitoria, em 1982 ou em 2007, o que fará depois? Consolidará um compromisso com a transformação do mundo, com a defesa da justiça? Ou terá apenas se emocionado com uma revolta juvenil, antes de se integrar feito uma luva no sistema? Até as revoltas estão em crise. (RIBEIRO, 2007, p. 15)

De fato, os inspiradores jovens da década de 60 mostraram-se um grande referencial, o que nos remete muitas vezes a compará-los hoje e também observar a juventude com outros olhares. O que podemos sim trazer dessas grandes representações juvenis na atualidade e em diversas partes do país, é que elas estão de cara nova, novos formatos incrementados por tecnologias, ideologias, formas de comunicação e relação, que não mostram um contorno ao certo, mas sim, algo que está diferente, novo o qual não sabemos ainda ao certo que rumos e definições irão tomar.

1.2 A condição Juvenil: Em busca de uma identidade

A condição própria da juventude tem diversos desdobramentos. Implica em uma fase transitória, onde algo novo está sendo construindo, uma época onde são realizadas escolhas profissionais e pessoais que repercutirão ao longo da vida.

A noção de condição juvenil remete, em primeiro lugar, a uma etapa do ciclo de vida, de ligação (transição, diz a noção clássica) entre a infância, tempo da primeira fase de desenvolvimento corporal (físico, emocional, intelectual) e da primeira socialização, de quase total dependência e necessidade de proteção, para a idade adulta, em tese a do ápice do desenvolvimento e de plena cidadania, que diz respeito, principalmente, a se tornar capaz de exercer as dimensões de produção (sustentar a si próprio e a outros), reprodução (gerar e cuidar dos filhos) e participar (nas decisões, deveres e direitos que regulam a sociedade). (ABRAMO, 1997 p. 41)

Assim, quando falamos em juventude, estudantes e participação, não podemos deixar de perceber a importância do tempo, espaço e cultura que fundamentam a identidade, destes jovens. É evidente que a adolescência é a época na vida em que se começa a encarar a idade e o passar dos anos com uma dimensão significativa e contraditória da identidade.

Uma análise em termos de perspectivas temporal considera o tempo como um horizonte no qual o indivíduo ordena suas escolhas e comportamento, construindo um complexo de pontos de referências para suas ações. A maneira como a experiência do tempo é vivenciada vai depender de fatores cognitivos, emocionais e motivacionais, os quais governam o modo como o indivíduo organiza o seu “estar na terra”. (MELUCCI, 1997 p. 8-9)

O conceito de identidade também se faz presente ao adentrarmos nos estudos a respeito desses sujeitos de pesquisa. Normalmente o que entendemos com essa palavra, são conceitos ou qualidades que agregam certo valor a esses sujeitos, como por exemplo, gênero, raça, ideologias e outros. Esses atributos são na verdade possíveis identidades, ou seja, aquilo que a princípio é visível. Porém não são apenas esses tipos de conceitos que delimitam a identidade do coletivo, mas também as experiências e orientações dentro de um determinado contexto, criando assim, formas diferenciadas de reconhecimento. Sabemos também que a juventude é sensível à formação de identidades, onde e através das experimentações nos mais variados campos vão se delimitando aquilo que seria

sua identidade. Essas relações e opções acabam por sua vez condicionando toda uma estrutura, que possivelmente permeará sua essência ao longo da vida. Essas relações serão constituídas e acrescidas de outros enfoques, conforme as escolhas e interações que serão realizadas.

A identidade forte de “estudante” se tornou um prisma para múltiplas dimensões dos projetos emergentes dos jovens da classe média universitária, dentro de uma dinâmica radicalizante de oposição política. Isso não se deve a uma lógica intrínseca ou “destino histórico” de estudantes como categoria social, mas resultou da estrutura específica de suas redes sociais, concentradas principalmente na família e, mais importante ainda, nas universidades. Em contraste, o período posterior de reestruturação democrática, nos anos 80 e 90, é caracterizado pela dispersão crescente das redes juvenis. Os anos formativos dos jovens não são limitados à família e às universidades, mas acontecem em contextos sociais, culturais e políticos mais diversos, englobando um campo maior de possíveis projetos pessoais e coletivos. (MISCHE, 1997 p. 140)

Nesse período e momentos vivenciados, podemos observar que a busca dessa identidade está vinculada muitas vezes com a existência de uma atitude revolucionária, onde podemos observar essa “tendência” a participação mais aguçada. De acordo com ZANETI (2001, p.59) “À medida que a juventude busca a construção de sua identidade, à medida que essa construção esbarra em obstáculos que lhe dificultam esse caminho, surge o conflito, enfrentamento, ou seja, há uma idealização da identidade buscada, um sonho sobre o vir a ser e um não espaço para esse objeto. Surge, então, a vontade de remover obstáculos”.

Nessa etapa da vida há uma potencialidade latente “disponível” que pode ser mobilizada em diferentes direções, por diferentes motivações. Parece que a associação da condição de jovem e estudante torna essa potencialidade mais “palpável”, mais presente e mobilizável. Essa potencialidade se manifesta mais freqüentemente como revolta e pode ser mais facilmente canalizada quando o objetivo que se busca é ‘contra’. (ZANETI, 2001, p. 52).

Uma outra observação é que a socialização política ou participação política, não segue um modelo, um padrão universal único. Surge na maior parte em função de fatores difusos no ambiente, contatos com redes e relações interpessoais. A transmissão intencional e programada de atitudes e orientações, a essas manifestações é um elemento relevante, mas não o fundamental. Grande parte do aprendizado político das novas gerações provém das inúmeras

experiências que esses têm ao longo de suas existências, contatos e influências muitas vezes não-intencionais. As agências de socialização mais destacadas por esse estudo como já falado no item anterior desse capítulo, são as famílias, as escolas, os grupos de pares, as igrejas, o ambiente de trabalho, os partidos, os movimentos sociais e a mídia. De acordo com, SCHMIDT (apud ABRAMO, 2005 p.161-162) a questão sobre "qual é o peso de cada agência socializadora" não tem uma resposta única, pois a resposta varia de ambiente para ambiente e nos diferentes períodos históricos. Nas sociedades ocidentais de hoje, tem sido dada grande ênfase à influência da família e da mídia.

Embora em um primeiro momento a família pareça não tão expressiva, ela assume um grande papel ao abordarmos a participação de seus membros em movimentos sociais. A partir das referências familiares o indivíduo se constitui socialmente. Trazemos da família nossas primeiras impressões e socialização, exemplos, que por sua vez acabam sendo complementados por campos, como trabalho, escola e outros valores que constituem o indivíduo.

Assim, um dos pontos fundamentais desse trabalho é observar além de outros campos, o peso da família e das relações estabelecidas dentro dela que favoreçam a atuação de jovens em movimentos sociais, mais precisamente no movimento Passe Livre. Na obra de ZANETI encontramos menção a uma pesquisa realizada com jovens brasileiros que comprova esse tipo de questionamento.

Quanto maior a intervenção socializadora da família, maior o desenvolvimento nos jovens daqueles aspectos psicológicos favoráveis a uma forma de vida democrática, ainda que isso não se reflita diretamente na coloração ideológica do voto juvenil, ou seja, a intervenção educadora da família constitui efetivamente uma condição necessária (embora não suficiente) para a democracia. A existência de um meio comunitário relativamente estável, como quadro de valores comuns compartilhados pelos membros da coletividade, tende a favorecer o desenvolvimento da consciência do indivíduo. (ZANETI, 2001 p.36)

Uma outra observação sobre participação e movimentos sociais vem de MELUCCI, afirmando que *sociedades complexas*, existe um mundo veloz e constituído de ações e atitudes rápidas. A pluralidade de redes e grupos existentes para a participação coletiva fragmenta e auxilia mais ainda essa

dinamicidade. Assim entrar e sair dessas diferentes instituições e formas de participação é mais rápido e mais freqüente do que antes e a quantidade de tempo que os jovens investem em cada uma delas é reduzida. As informações crescem em um ritmo acelerado, os meios de comunicação, família, escola e amigos, geram uma rede de mensagens e informações que se expandem rapidamente e influenciam mais e mais.

Nos últimos trinta anos a juventude tem sido um dos atores centrais em diferentes ondas de mobilizações coletivas: refiro-me a formas de ação inteiramente compostas de jovens, assim como a participação de pessoas jovens em mobilizações que também envolveram outras categorias sociais. (MELUCCI, 1997, P. 11-12)

A idéia de ruptura com a ordem, com desvio de conduta ou com o sistema estabelecido, foi muito bem vivenciada pela geração juvenil da ditadura militar, assim ela nasce nos anos 60, em meio aos debates sobre engajamento político da juventude. Esse engajamento político dessa geração de 60 revela diferenças existentes entre essa e outras gerações passadas.

A consciência da identidade geracional deriva, portanto de uma tensão entre duas ordens de significados expressos por gerações diferentemente e é tanto mais forte quanto mais forte a própria tensão. Se a tensão se dissolve, ou por mudança excessivamente lenta, ou por mudança excessivamente rápida, já não há também possibilidade de cristalização de identidades geracionais diferenciadas. (MELUCCI, 1997, p.20)

Um outro conceito muito importante é o de herança, aqui representada não somente pela condição de herdar os resultados, os frutos sociais de uma geração passada, mas sim serem reflexo e terem por base as causas, os exemplos, as táticas de lutas e a condição juvenil. De acordo com KEIL, (2004, p. 42), em suas pesquisas a autora aborda que, por exemplo, ao adentrarmos no campo das 'influências', percebe-se que no campo das escolhas partidárias ou mesmo dos candidatos, os jovens acabam escolhendo, candidatos, partidos ou campo político (direita/esquerda), tendo como referências seus pais, seja negando ou validando suas escolhas. Diz ela que "a herança, nesse domínio, será sempre uma reapropriação seletiva".

Ora, essa questão da herança política tem grande relevância para se compreender o comportamento político dos jovens, pois a escolha dos candidatos corresponde em grande parte à validação ou à negação das posições dos progenitores. Entram em cena aqui alguns pares conflitantes: processo/ projeto, singular/sujeito, composição/ organização. (KEIL, 2004, p.42)

Todos esses pontos nos remetem a observações da importância e o papel que essas relações de herança tem na vida participativa desses jovens. Falamos aqui tanto dos conceitos herdados pelas instituições sociais como família, amigos, educação, quanto dos exemplos e considerações levantados a partir de observações de atuações estudantis e juvenis passadas.

Assim nos afirma o ilustre Zuenir Ventura na obra “1968 O que fizemos de nós” publicada este ano:

Quarenta anos depois, parece haver um meia-oito em cada canto e para todos os gostos, partidos e cargos. A geração de 68 não chegou a eleger nenhum presidente, ainda que os dois últimos – Fernando Henrique Cardoso e Luiz Inácio Lula da Silva – considerem ter levado para o poder idéias e representantes da turma com a qual reivindicam ter afinidades eletivas. Em compensação, os remanescentes daquela época formam um enorme elenco que está ou esteve presente em vários escalões do serviço público (sem falar na universidade, no showbizz, na publicidade, no jornalismo). (ZUENIR, 2008, p.48)

Cabe observar também que a herança de uma cultura de mobilizações entre as gerações estudantis acaba por não existir de uma maneira efetiva. Herdam conhecimento e inspirações, mas divergem das outras décadas tanto os militantes das décadas de chumbo, quanto os atuais “revolucionários”, por sua maneira de lutar, ver o mundo, formar lideranças e também pelas mudanças ocorridas culturalmente dentro da própria sociedade civil. Depois de uma enxurrada de manifestações intensificadas nas décadas de 60 e 70, as gerações futuras herdaram a história, o entusiasmo e, sobretudo o exemplo daqueles. Os anos que se seguiram acabaram, porém, por mostrar uma juventude que de certa maneira se dispersou para outros campos como grupos de rap, partidários, negros e outros mais no quesito mobilização social, trazendo para esses campos seus interesses muitas vezes individuais.

Em contraste com seus pais que queriam mudar o mundo, a próxima geração está mais interessada em melhorar a própria vida. Os jovens de hoje não se interessam por qualquer tipo de manifestação social. Vivem para resolver seus próprios projetos pessoais. (MISCHE, 1997 p. 135)

Outro ponto também relevante é que a juventude dos anos 60 era constituída principalmente de jovens universitários e esses agiam, ou melhor, se organizavam através desse ambiente. Porém quatro décadas depois do esfacelamento do movimento estudantil dos anos 60, os jovens estão inseridos em outras configurações. Dentro dessas, estão não somente nas universidades como outrora, mas também em outros centros de vida cultural e juvenil.

Em contraste com os anos 60, os jovens agora passam seus anos formativos em redes mais dispersas, formadas nas escolas públicas e particulares, nos lugares de trabalho, nos shopping centers, nos clubes noturnos, nos bairros e ruas, e em outros espaços de lazer, cultura e sociabilidade (...) ser jovem não é mais equivalente a ser estudante; a identidade juvenil se desloca para fora das universidades, estendendo seu alcance além dos setores médios e abrangendo outras significações, altamente ligadas ao consumo e aos estilos culturais. (MISCHE 1997 p. 135)

É importante observar que a participação estudantil atual se constrói por aquilo que podemos chamar de interrelações, nesse sentido os participantes dos movimentos se engajam também em outros locais de atuação, como partidos políticos, escola, universidade e até organizações. Esse entrelaçamento das mais diversas áreas de atuação acaba trazendo uma linguagem que é mais reconhecida entre os próprios membros, não se difundido tanto para a sociedade civil. Cabe salientar também que podem existir divergências dentro do próprio movimento, onde variados atores e lideranças apontam ter ações e caminhos antagônicos, acirrando disputas muitas vezes entre os membros participantes. Como exemplo, podemos citar o slogan da UNE de 1993 “a juventude negra não tem cara pintada”, esse slogan demonstra claramente o antagonismo e heterogenia dos movimentos sociais, onde podemos encontrar desmembramentos e outras visões ideológicas que podem colocar atores de um mesmo movimento social em conflito.

A complexidade é ainda maior se levarmos em conta que a juventude é dinâmica no sentido de sua permanente renovação, é um período da vida da humanidade no qual os indivíduos jovens entram e saem, com essa rotatividade, influenciam e são influenciados pelo conjunto. Parece todavia que ao longo do tempo as características fundamentais da juventude não tiveram mudanças assim tão fundamentais. A indicação é de que as mudanças ocorridas são mais de estilo de vestimenta e que não é possível caracterizar uma geração de jovens como um todo uniforme e distinto de outra geração. (ZANETTI 2001 p. 49)

Os jovens que atuaram em diversos e distintos episódios tomaram características próprias em cada uma dessas épocas. Porém, essa juventude independentemente do período em ocorra traz em comum a busca por uma posição social, no sentido aqui de se ter às primeiras preocupações com o emprego, futuro profissional, família dentre outros. Nesse âmbito de questionamentos sobre o que esperar do futuro próximo e da realidade floresce a ideologia e a vontade em se afirmar perante a sociedade. A complexidade em se estudar esse tema é que a juventude não é uma unicidade, uma uniformidade, ela está envolvida por um somatório de grupos e pessoas, caracterizando assim não uma juventude, mas sim juventudes. Não podemos também distingui-la completamente de outras passadas, existem sim diferenças, até por estarem em épocas e situações sociais e políticas diferentes, mas não podemos nos esquecer de que essas gerações de jovens tem em comum a sua condição histórica e social.

1.3- Educação e Juventude

Relevantes e variadas mudanças ocorreram desde os tempos conturbados dos anos de chumbo no período militar brasileiro ou do famoso maio francês de 1968. Essas mudanças são relacionadas com questões como a incorporação e novas configurações dos movimentos sociais, ponto o qual será mais bem explicitado no terceiro capítulo. Por conseguinte, ao relatarmos sobre juventude além de abordarmos algumas de suas características participantes, não podemos deixar de observar questões relacionadas com a educação dessa juventude e seus desdobramentos. De acordo com ABRAMO:

Por muito tempo, pelo menos até os anos 1960, a visibilidade da juventude no Brasil ficou restrita a jovens escolarizados de classe média, situação que condensava o significado da condição juvenil; o debate se dirigia então para o papel que os jovens (principalmente por intermédio dos movimentos estudantis, da contracultura e do engajamento em partidos políticos de esquerda) jogavam na continuidade ou transformações do sistema cultural e político que recebiam como herança. (ABRAMO, 1997, p. 38)

Utilizando-se das argumentações dessa autora, verificamos que essas diferenças entre décadas passadas e a condição estudantil dos dias atuais está direcionada por inúmeros fatores. Além das tecnologias acrescidas como métodos educacionais e instrumentos de utilização no caso de divulgação e organização de movimentos sociais, como o auxílio da rede mundial de computadores – Internet, é o fato de que essa juventude não está relacionada ou interligada exclusivamente com a escola, ou melhor, a condição estudantil não é mais pré-requisito para a militância e participação. Outros meios estão inseridos e interagem nessa realidade como os partidos políticos, as participações em outros movimentos, a influências de amigos, famílias, professores e também da própria escola. Ainda com a mesma autora:

Os jovens que hoje estão no sistema de ensino experimentam a condição juvenil em espaços não escolares e já adentram na instituição com essas práticas e modos de vida consolidados porque possuem alternativas e querem, certamente preservá-las. Aqueles que não encontram fora do espaço escolar possibilidades de interações ricas nos grupos de pares, nas formas de lazer e de consumo ou na produção cultural compartilham esse universo simbólico carregado de expectativas e esperam realizá-las enquanto estudantes. Certamente constituem

essas demandas desde o momento em que abandonam a infância, pois a escola não é a única agência que lhes fornece modelos culturais para a experiência de ser jovem. (ABRAMO, 2005, p. 123-124)

Assim sendo, a realidade que os jovens encontram no espaço escolar, é vista com uma configuração sempre muito próxima dos variados universos e possibilidades que têm esses sujeitos de participarem. Possibilidades estas exemplificadas, sobretudo, pela cultura que trazemos dos muitos lugares onde freqüentamos, como já abordado nesse trabalho.

A escola, como instituição socializadora, nos moldes construídos na modernidade, está passando por mudanças, e não se está eliminando as possibilidades ainda existentes de que isto ocorra de outras maneiras, não somente através de projetos educativos ou de preocupações do mundo adulto, mas partindo dos jovens com a escola. Além disso, estas mudanças que a escola enfrenta faz com que os jovens acabem aprendendo sobre o mundo e como interagir com ele em outros espaços, entre os quais os grupos culturais juvenis representam lugar de grande importância. (ABRAMO, 2005, p. 123-124)

Tradicionalmente a família, a escola e o trabalho eram as instituições que fundamentalmente auxiliavam os jovens no preparo para a vida adulta incluindo aqui, escolhas profissionais, pessoais, de caráter como sujeitos, institucionais e culturais. Porém essa visão e espaços estão sendo modificados e até substituídos por outros, como a mídia, grupos culturais juvenis e também os movimentos sociais. Todas esses lugares contribuem significativamente para as experiências e a constituição formadora do jovem. Alguns desses itens explanados podem sobressair mais que outros nessa constituição formadora, podem ter pesos diferentes ao mesmo tempo em que muitos podem estar em um mesmo patamar. O que diferencia essas influências e escolhas são as formações subjetivas de cada indivíduo, suas escolhas, histórias de vida e prioridades.

Esses variados espaços servem, sobretudo, de aprendizado. Os jovens em geral identificam-se, se reconhecem e compartilham suas experiências nesses grupos e espaços, onde também trocam informações. Muitas vezes nesses outros espaços não se tem o compromisso em aprender de uma maneira formal, mas mesmo assim, o aprendizado ocorre na medida em que optam pela convivência e se aproximam dos demais.

Ser estudante hoje, não é condição essencial para a caracterização do jovem. As diversas instâncias que apontamos demonstram a existência de muitos modos e possibilidades constitutivas dessa fase da vida. A educação e a escola, assim como a universidade continua sendo um local de importância fundamental para desenvolver as capacidades intelectuais, assim como proporcionar contatos e preparo para o que está por vir. Acima de tudo, não podemos deixar de ter em mente que o jovem e a juventude não se restringem ao espaço educacional, as trocas com outros meios auxiliam na formação de cidadão e complementam o espaço escolar.

Em muitas das escolas onde existiam as mobilizações e reuniões do Passe Livre, ocorria apoio por parte dos professores e do próprio corpo escolar, auxiliando com o transporte para o centro da cidade, bem como com a liberação de algumas aulas para que se fosse organizado debates nas salas de aula. Esse apoio estrutural foi um outro fator motivador para muitos dos estudantes que participaram, já que os professores eram vistos como uma referência. Eles acabaram sendo aliados, formadores de opinião, contribuindo significativamente para o aumento do número de estudantes participantes nas passeatas.

Contraditoriamente, no Passe Livre, ocorreu também a adesão de estudantes de escolas particulares ao movimento. Suas questões não foram somente de uma determinada camada social, mas sim, fruto de um movimento estudantil, que abrangeu uma gama heterogênea de membros participantes. Esse conceito de heterogeneidade parece não só pelas individualidades, experiências e histórias de vida, mas também por diferenças econômicas ou de oportunidades, que acabam separando muitas vezes o jovem da escola pública dos jovens de escolas particulares quando falamos, por exemplo, do acesso ao ensino superior.

Como forma de melhor exemplificar essa questão, abaixo trouxemos dados comparativos em números, sobre a matrícula de jovens realizadas no ano de 2006 e 2005, em instituições públicas e particulares de Santa Catarina. Para compreendermos o gráfico, teremos como referência na parte vertical os números relativos às matrículas realizadas em determinado ano e na horizontal os diferentes níveis de escolaridade, fundamental e médio, no primeiro gráfico e

universitário no segundo. As cores auxiliam também na visualização sendo azul para o ensino privado e vinho para o ensino público.

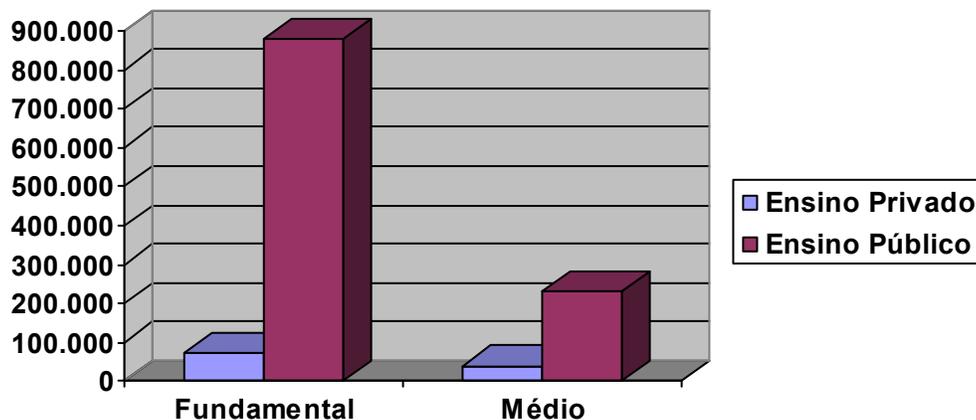


Gráfico 1 Dados Estatísticos do IBGE 2006, sobre matrículas.

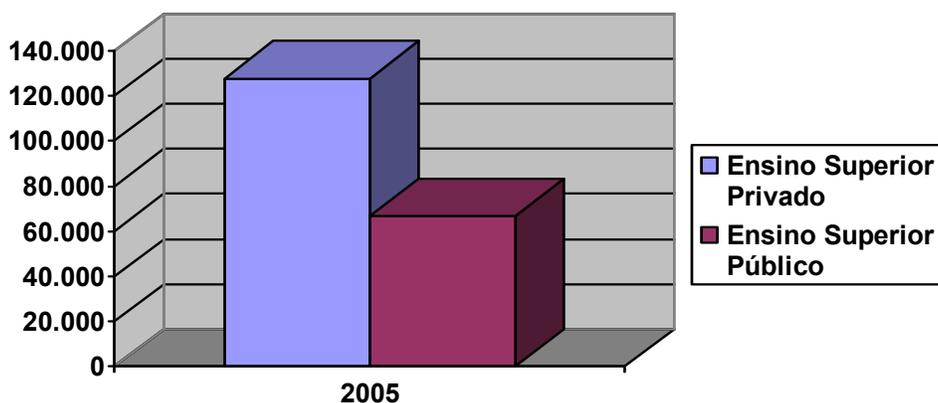


Gráfico 2 Dados Estatísticos do IBGE 2005, sobre matrículas.

O gráfico 01, traz as matrículas realizadas em 2006, no ensino fundamental e médio, nas referidas redes de ensino, particular e pública. Através dos dados podemos perceber que o número de estudantes que utilizam o ensino público é consideravelmente maior quando comparado aos que utilizam esse serviço na rede particular de ensino.

Já o gráfico 02 nos mostra o percentual de jovens que fizeram a matrícula no ensino superior no estado, apresentando onde esses jovens ingressaram, se

na de rede pública ou particular. Consta-se assim, que a maioria dos estudantes das Universidades catarinenses no ano de 2005 fez sua matrícula na rede particular, enquanto que uma minoria realizou sua matrícula na rede pública, representada aqui no Estado principalmente pela Universidade Federal de Santa Catarina e também pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Esses gráficos, dentre outras coisas, nos mostram o reflexo da falta de vagas e também da falta de universidades públicas no Estado.

O ensino público e o particular são contrastantes, pois o ensino médio e com destaque o ensino fundamental são constituídos por um número maior de crianças e adolescentes na rede pública. Tais quadros nos mostram que quando esses estudantes passam para um outro patamar de estudo, no caso para o nível universitário, ocorre uma inversão fazendo com que a maioria dos estudantes universitários sejam da rede particular de ensino. Esse fator em Santa Catarina não é diferente do resto do país e nos mostra quão frágil é nosso ensino público. Primeiro porque faltam vagas nas universidades públicas e segundo porque a continuidade do ensino para estudantes de escolas públicas é mais difícil do que para estudantes que realizaram seus estudos na rede particular. Além da falta de vagas nas universidades públicas e do ensino médio defasado, os alunos da rede pública que passam para o ensino superior em universidades particulares têm como um dos problemas a dificuldade em pagar as mensalidades.

Tais contradições vêm, constituídas pela palavra *oportunidade*. Mesmo com o aumento de projetos do governo para estimular o crescimento do número de jovens na universidade como o caso do Prouni⁴, e da cotas para negros implantadas em muitas universidades públicas, os procedimentos e projetos não são suficientes ou capazes de reverter esse quadro. Faltando possibilidades dessa juventude conquistar um local mais qualificado no mercado de trabalho através do seu amadurecimento e da conquista do diploma universitário.

⁴ O ProUni - Programa Universidade para Todos, criado pelo governo brasileiro e institucionalizado pela Lei nº 11.096, de 13 de janeiro de 2005. Tem como finalidade a concessão de bolsas de estudos integrais e parciais a estudantes de baixa renda, em cursos de graduação e sequenciais de formação específica, em instituições privadas de educação superior.

Esses gráficos, aqui explorados, nos mostram uma realidade complexa e que acaba separando e diminuindo oportunidades entre esses jovens da rede particular e pública. Porém, observando essas questões dentro do movimento, constatamos que o Passe Livre conseguiu reunir todos esses grupos de jovens. Ocorreu nas passeatas e mobilizações que se formaram uma grande variedade de grupos juvenis, onde estiveram lado a lado, mesmo concorrendo muitas vezes em outras situações como as aqui explanadas, estudantes oriundos da rede particular e pública de ensino.

A intenção desse diálogo com os dados escolares é trazer a importância que a educação e os demais espaços têm na formação dos jovens que estão nas ruas e nos movimentos sociais. O ambiente escolar foi amplamente favorável ao desenvolvimento do movimento Passe Livre, pois foi através dessas escolas que ocorreu uma organização e até adesão da grande massa estudantil que participou. Em muitas escolas como o Colégio de Aplicação da UFSC, ocorreu uma organização por parte dos estudantes, esses se reuniam, pediam apoio aos professores e levavam ao conhecimento de outros estudantes e em outras escolas, o que estava acontecendo. Discutiam principalmente, quais motivos os levavam às ruas da capital catarinense.

...De ver as coisas de outro jeito, de não naturalizar o que está “porque está assim, tem que ficar assim pra sempre”. Acho que isso, participar de um movimento, faz a gente pensar que as coisas podem se modificar e que junto com outras pessoas a gente pode tentar promover isso, mudanças...

(Patrícia, estudante universitária)

2- MOVIMENTOS SOCIAIS: AS ESPECIFICIDADES DO MOVIMENTO ESTUDANTIL



Ilustração 2 Caras Pintadas

Fonte: (www.cigarro.med.br)

Ao falarmos em juventude e participação, não podemos deixar de vinculá-los aos movimentos sociais. Encontramos hoje dificuldades em caracterizar e definir as sociedades e conseqüentemente os movimentos nelas inclusos. Primeiramente além do antagonismo e heterogenia dentro dos movimentos, encontramos fusão entre o movimento e diversas outras redes de entidades sócio-políticas, como, por exemplo, partidos, igrejas, sindicatos, ONGs e universidades. Essas relações não implicam em uma harmonia ou homogenia de pensamentos, ao contrário, existe cada vez mais conflitos e visões antagônicas, que, porém, acabam criando em virtude dessas relações um imaginário social de unicidade, de totalidade e harmonia.

Essa “nova roupagem” dos movimentos sociais, traz à tona um movimento contemporâneo, com uma rede solidária e de fortes conotações culturais. Os atores tornaram-se muitas vezes provisórios, onde o poder é mostrado através de linguagens e fluxo de informações. A ação coletiva acaba por representar um anúncio para a sociedade de que algo está confuso, com problemas ou diferente, revela-se como uma ação composta por experiências individuais e cotidianas, algo heterogêneo, com uma multiplicidade de atores e interesses.

2.1- Os Movimentos Sociais em diferentes contextos

Os movimentos sociais e seus contextos restringiam quase que unicamente até meados do século XX, aos movimentos sindicais e estudos sobre o socialismo. Em contrapartida, a análise sociológica do termo emerge na década de 60 com Antony Oberschall (sociólogo) e Charles Tilly (historiador), no final da mesma década, Alain Touraine, sociólogo francês, constrói os primeiros conceitos sobre movimentos sociais (RIBEIRO, 2005). Uma outra referência também importante sobre esse assunto é o pensador italiano, Melucci, sua obra é referência fundamental quando abordamos tais temas.

Assim sendo, em termos de referencial teórico, o debate sobre movimentos sociais é rico e variado, seja no âmbito nacional e internacional. Os debates no Brasil sobre o tema cresceram, sobretudo, no período que vai dos anos 80 até os anos 90. É notório também que o debate teórico repercutiu consideravelmente, sobretudo, na época de transição, com a saída de um regime autoritário de governo das décadas de 60,70 e 80 a uma “democracia” efetiva dos anos 90. “A década de 90 explicitou um complexo debate sobre a importância da sociedade civil, e, em especial, dos movimentos sociais, na construção cidadã, democrática e plural da sociedade brasileira em tempos globais” (RIBEIRO, 2005, p.26).

Em geral, na América Latina e no Brasil, as análises têm como referências as bases européias. Autores brasileiros como Paoli, Sader, Scherer Warren, Dagnino e muitos outros, são importantes para a compreensão sobre o tema. Na literatura recente sobre movimentos sociais, encontramos esses autores preocupados com o aprofundamento de estudos sobre a sociedade brasileira. Seus focos de análise centram-se nas possibilidades de construção que se apresentam. (RIBEIRO, 2005, p. 64). Essa preocupação apontada pela autora justifica-se através do grande leque de possibilidades que temos em pesquisas e temas do gênero, com destaque aqui para os autores citados anteriormente.

Ao adentrarmos nessas questões alguns conceitos são de suma importância para estruturarmos a problemática levantada por esta dissertação, como democracia, experiência política, e cidadania.

As questões levantadas pelos movimentos sociais estão relacionadas quase que diretamente a democracia. As décadas de 80 e 90 trouxeram para o país no bojo das lutas, temas relativos a essa terminologia e também a cidadania. Ainda que o contato com o termo já venha desde a Grécia antiga, referindo aqui principalmente a Cidade-Estado de Atenas, seu desenvolvimento deu-se, sobretudo, no século XX, mais precisamente após as duas grandes guerras mundiais.

Entretanto, a segunda metade do século XX não assistiu somente à formação e implementação da democracia representativa elitista como prática restrita de legitimação de governos; também emergiram concepções distintas, contra-hegemônicas, onde democracia é compreendida como uma forma sócio-histórica, não sendo determinada por quaisquer tipos de leis naturais, mas algo advindo da vontade humana, fruto do aperfeiçoamento da convivência humana, fruto da convivência entre homens e mulheres. (RIBEIRO, 2005, p.42)

Ainda com RIBEIRO (2006), democracia é entendida como práticas sociais e culturais que ultrapassam o nível institucional formal, onde o reconhecimento do direito próprio e do outro, também possibilita e legitima conflitos no campo democrático. Em seu sentido amplo, democracia pressupõe cidadania, políticas igualitárias e direitos universais, onde se possa trazer a raiz etimológica dessa palavra em sua totalidade (demo=povo, cracia= governo), governo do povo. Sua discussão nas últimas décadas traz consideravelmente questões sobre a inserção de novos sujeitos na cena política, os quais disputam pelo significado da democracia e pela constituição de uma nova relação social.

O termo cidadania é outro item importante na compreensão dos movimentos sociais. Seu conceito empalhou-se pela nação fundamentalmente com a carta constitucional de 1988, que por sua vez recebeu o título de *constituição cidadã*. Tal termo foi usado por distintos e variados grupos, possuindo também distintos significados. O conceito cidadania está intimamente ligado com democracia, completando e auxiliando como suporte. Os movimentos sociais ao expressarem sua visão sobre democracia acabam também por operalizar na prática, suas questões, em termos de luta pela cidadania.

A categoria experiência política é também importante para a compreensão dos processos vividos pelos sujeitos coletivos ao longo de suas trajetórias. No

caso da discussão em questão, a referência ao movimento estudantil de 1968, poderá servir para a compreensão do movimento Passe Livre. Onde através dessa experiência passada podemos observar e de certa forma questionar o comportamento dos jovens dentro das mobilizações atuais. Os exemplos do passado servem hoje direta ou indiretamente como referência não só para os movimentos estudantis, mas também para própria academia como forma de um aprofundamento e um entendimento dessas relações.

Continuando com a categoria experiência, para THOMPSON (apud RIBEIRO, 2005, p. 44), ela é exatamente o resgate destes sujeitos históricos, cujas escolhas são marcadas pelo modo de vida desses sujeitos coletivos, por suas experiências. Através dessas experiências nos remetemos também aos termos de *participação política*, que para BOBBIO, (apud RIBEIRO, 2005, p. 49) significa:

Na terminologia corrente da ciência política, a expressão “participação política” é geralmente usada para designar uma variada série de atividades: o ato do voto, a militância num partido político, a participação em manifestações, a contribuição para uma certa agremiação política, a discussão de acontecimentos políticos, a participação num comício ou numa reunião de seção, o apoio a um determinado candidato numa campanha eleitoral, a pressão exercida sobre um dirigente político, a difusão de informações políticas e por aí além.

A democracia e a cidadania requerem constantemente para sua efetivação, experiência e participação política. Dessa maneira, os movimentos sociais acabam trazendo essas possibilidades, de se fazer e de se reconhecer perante a sociedade e ao próprio sistema político.

A compreensão desses processos de mutações requer, também, o reconhecimento de que não existe linearidade, ou seja, o novo não substitui o velho. Nas sociedades de intensa desigualdade, como a brasileira, os conflitos que incidem sobre os direitos da cidadania e decorrem da precariedade das relações do mundo do trabalho, se mesclam com novas formas, revestidas de caráter cultural e simbólico. (MELUCCI, 1997, p.18)

Por vezes, costumamos observar um determinado movimento, sob a ótica deste ser, um processo de crise econômica ou contradições do sistema, deixamos de perceber, que muitas vezes existe algo além, como as motivações, o sentido e os componentes da ação coletiva. Um movimento social apresenta muito mais

características do que simplesmente sujeitos que requerem algo de direito para si, que lhes foi tirado em virtude das contradições de um sistema econômico por exemplo. Os movimentos se mostram cada vez mais heterogêneos e motivados por outras vontades, não unicamente a reivindicação. “Um movimento não se limita, portanto, a manifestar um conflito, mas o leva para além dos limites do sistema de relações sociais a que a ação se destina (rompe as regras do jogo, propõe objetivos não negociáveis, coloca em questão a legitimidade do poder, e assim por diante)” (MELUCCI, 2001, p. 32). Ainda com esse mesmo autor, a ação coletiva foi vista por muito tempo como uma patologia em um sistema. Apresentava uma luta entre dois atores, por algo que tem valor para ambos. Porém hoje, os movimentos mostram um conflito que além da solução do problema, questionam sua existência. (MELUCCI, 2001, p. 144).

Outro ponto fundamental ao se estudar movimentos sociais, é a respeito das mudanças. Essas mudanças não devem ser entendidas somente como um processo de adaptação necessária, mas devem ser vistas também, como uma necessidade de manter o sistema dentro dos limites de suas relações sociais dominantes. Nessas mudanças os interesses coletivos aparecem não somente como um dado necessário, mas como algo que precisa ser desvendado, apontando, por exemplo, como se formam e se mantêm.

Dentro dessa mesma perspectiva temos também as motivações, conceito que norteia fundamentalmente esse trabalho. Motivação nada mais é do que *aquilo que nos move em busca de um determinado objetivo*. Melucci traz as motivações nos movimentos contemporâneos torneadas pelas diferenças psicológicas individuais e nos trabalhos de personalidades, consolidando-se pela interação. As motivações acabam se estabelecendo principalmente pelo reconhecimento e valorização nas relações estabelecidas pelos indivíduos. Observando por esse viés, percebemos que pelo fato de termos contato com as mais diversas instituições e pessoas, acabamos nos relacionando com elas e conseqüentemente formando uma rede capaz de nos movimentar em busca de um determinado objetivo, nesse caso, as mobilizações estudantis. Essas redes podem vir dos mais variados lugares, porém, nos levam a pensar que somos

seres construídos culturalmente, formados pelo e no reflexo social de tudo aquilo que absorvemos direta ou indiretamente.

O conceito de identidade coletiva é outro fator importante ao adentrarmos em estudos relacionados com movimentos. A identidade coletiva é um processo de construção, de um sistema de ação. Sua concepção está relacionada com a interação e compartilhamentos existentes entre o que vários indivíduos produzem a cerca das orientações da ação, oportunidades e vínculos. A construção dessa identidade coletiva implica investimentos contínuos, se consolidando tanto mais quando se aproximam das formas mais institucionalizadas do agir social. Melucci discute na sua obra, citada por esse trabalho, que nos sistemas complexos, a ação sobre a ordem não só se generaliza na sociedade, mas também em direção ao indivíduo. Nos movimentos ocorridos em décadas anteriores, a ação atingia os indivíduos enquanto “membros”, hoje, a ação ocorre nos indivíduos “singulares”, trazendo a possibilidade de cada um definir o sentido de sua própria ação.

Ainda de acordo com Melucci (2001), os movimentos contemporâneos oferecem aos indivíduos a possibilidade de participação na formação de sua identidade, aumentando o potencial de ação finalizada e a motivação para a ação humana. Esse aumento acaba por fazer crescer também o controle sobre os processos de formação e transformação dos movimentos, pois ocorre uma rejeição ao social, submetido a normatização e o controle, ao mesmo tempo em que abre um caminho para a fuga em direção ao mito da identidade e a um indivíduo submetido aos vínculos do agir social. Os movimentos reafirmam a ação como capacidade de produção das relações sociais entre os homens.

Na obra de PAOLI (1995 p. 38) se encontram também, discussões sobre a sociedade civil, outro fator relevante. Para ela desde a década de 1980 o conceito de cidadania vem ganhando força no pensamento social e político brasileiro. A palavra cidadania vem de transformações, primeiro, por uma forma autoritária de governo e posteriormente, pela redescoberta da democracia. Sendo assim, o ativismo social cresce, despertando até mesmo no empresariado brasileiro sua autoconstituição de responsabilidade social. A palavra cidadania aparece como sinônimo de civilidade e integração social, desponta como uma alternativa de

segurança e ordem incapaz de ser fornecida pelos tradicionais modos autoritários. Essa problemática de acordo com PAOLI gerou na opinião pública uma demanda por responsabilidade apenas secundariamente pelo governo. Seu crescimento deve-se ao apelo ao ativismo social voluntário da população, tornando solidariedade quase que um sinônimo de cidadania. Assim, os jogos de interesses fazem surgir no presente um novo conceito de sociedade civil, que passa por transformações. Primeiro sendo responsável por movimentos sociais autônomos e politizados e depois por organizações não governamentais, deslocando o ativismo político pela cidadania voltada para a solidariedade social.

O que aparece nos textos mencionados, além da trajetória e da ênfase que a sociedade civil tem nos dias atuais, é que cresce cada vez mais o número de voluntários e contribuintes em projetos sociais realizados, sobretudo, pelas ONGs. Dentro desses contribuintes está a juventude, que motivada por diversos fatores como cidadania, família, educação, trabalho e amigos, contribui consideravelmente. A credibilidade dessas organizações não governamentais cresce cada vez mais com o apoio da mídia, através de campanhas, programas e matérias jornalísticas. Seu papel passa a ser relacionado constantemente com o Estado, vista como uma grande articuladora, auxiliando as esferas governamentais a solucionar problemas sociais.

Outra característica dos movimentos sociais é que eles abrangem tanto questões públicas, quanto privadas. As esferas privadas são invadidas pela mídia, transformando-se em lugares de mobilização e formação de conflitos. Temas “privados” como amor, velhice e morte entram na área pública como forma de reivindicação. Fato que confirma a individualidade cada vez maior dos participantes, onde se aproximam das mobilizações por interesses muitas vezes exteriores ao movimento, como, por exemplo, quando utilizam o movimento como forma de fuga, de vontade, de provar algo para si ou para alguém.

Nesses movimentos, antagonistas, as lutas se fragmentam na ação dos grupos sociais. As posições permanecem constantes, porém os atores mudam. Esses movimentos não esgotam a possibilidade de atuação de um determinado ator, não sendo esse definido unicamente por sua atuação em um conflito. .

Esses atores, expandem-se e crescem com facilidade, difundindo-se até mesmo em áreas próximas.

Os movimentos atuais, além de novos atores e dos conteúdos, são caracterizados por suas relações com os sistemas políticos, colocando em questionamento novas formas de representações e de organizações. Os movimentos em formação utilizam-se das lutas que o antecederam. Muitas vezes, ainda sem identidade própria, se inspiram nos símbolos e experiências dos movimentos que vieram antes deles.

Analisando alguns fatos como antagonismo, heterogenia, individualismo e sobretudo, complexidade. Podemos observar a rapidez com que se formam e a facilidade que os indivíduos têm em participar e sair de um determinado movimento. Os atores buscam muitas vezes uma identidade, um engajamento, no sentido de ser aceito por determinados grupos. Dessa maneira, estudar tais movimentos requer observações que nos instiguem a pensar que temos não somente um conflito, mas sim, um movimento complexo constituído por singularidades e especificidades.

É relevante também abordarmos questões específicas sobre o movimento estudantil para adentrarmos profundamente nos próximos itens deste capítulo. Assim sendo, podemos afirmar que num âmbito maior os movimentos estudantis marcaram fortemente a história e o cenário político nas últimas décadas. Apresentaram-se já no século passado em variadas manifestações e protestos que desencadearam modificações no andamento de diversas causas pelas quais lutavam. No Brasil essa força política e reivindicatória perante o Estado ou contra outras entidades e órgãos, foram marcadas e influenciadas no imaginário social, sobretudo, pelo movimento estudantil de 1968, sendo esse ano um marco de importância e expressão.

O movimento estudantil parece articular elementos de práticas políticas tradicionais e novas herdadas dos movimentos sociais. Mantém-se, paradoxalmente, sobre uma estrutura sustentada ainda em organização formais e centralizadoras (DCE's, CA's, UEE's, ETC), mas também incorpora novas formas (como as Executivas de curso, grupos de cultura, etc). (MESQUITA, 2001, p.2)

Dessa maneira, ao pensarmos em movimento estudantil nos remetemos a questões como, quais fatores interferem hoje na disposição à ação política ou então, que elementos estão presentes na construção dessa ação política juvenil.

Na atualidade, novos elementos começam a aparecer nos movimentos juvenis, através das novas formas organizativas que também nos levam a repensar outros referenciais de análise. Atualmente, os movimentos juvenis (...) tomam a forma de uma rede de diferentes grupos, dispersos, fragmentados, imersos na vida diária. Eles são um laboratório no qual novos modelos culturais, formas de relacionamentos, pontos de vistas e alternativas são testadas e colocadas em prática. (MESQUITA, 2001, p.3)

Assim as mobilizações como o Passe Livre, precisam para sua compreensão de uma análise não só do movimento, mas também de questões e experiências vindas de outros lugares. Nesse raciocínio o movimento estudantil de 1968 vem sustentar a teoria de que os estudantes de diversos lugares e períodos trazem traços juvenis de *experiências* que podem contribuir fundamentalmente para outros tantos movimentos. Essas experiências podem ser constituídas pelas formas de lutas, direitos adquiridos, exemplos e histórias transmitidas no decorrer dos tempos.

2.2- Movimento Estudantil: A geração de 1968

Quando falamos na geração de 1968 nos referimos a um período que abalou jovens de várias partes do mundo, conhecido como contra-cultura. Ocorria naquele período uma verdadeira revolução de costumes, onde se tinham necessidades de quebrar velhos tabus e modificar valores. Essa reivindicação por um estilo diferente, contestava e criticava radicalmente os padrões ocidentais até então estabelecidos, buscavam-se novas formas e canais de expressões, trazendo dessa maneira quebras de paradigmas estabelecidos, como os aqui citados acerca das relações no âmbito familiar.

“Diferente da prática política dos partidos tradicionais, deu-se início a uma nova forma de contestação e mobilização social. Consolidava-se cada vez com mais vigor a transformação da juventude, como grupo etário, em um foco de contestação radical” (CARMO, 2001, p. 51). Dentro dessas perspectivas, os jovens da geração de 1968 no Brasil acreditavam na possibilidade de tornar em realidade seus sonhos, um mundo, ou melhor, um país democrático, sem autoritarismo, discriminação e alienação. A radicalidade também teve destaque nesse período. Eram os cabelos longos, roupas coloridas e muita música. Essa nova forma trouxe maneiras diferentes de se pensar e compreender o mundo, fazendo com que muitos jovens lutassem e fossem às ruas. No Brasil essa radicalidade se manifestou, sobretudo dentro das universidades. O resultado dessas manifestações foi reflexo não somente do sistema político a qual passávamos, mas também do movimento estudantil mundial, no qual podemos destacar o maio de 68 na França, onde milhares estudantes foram às ruas da capital francesa.

Podia-se notar então a entrada em cena do ‘ poder jovem’. Cada vez mais se falava em conflito de gerações, da oposição jovem/adulto. ‘Não confiar em alguém com mais de 30 anos era o lema’. O conflito ganhava ares de arena política no seio familiar, nos campi universitários, na música, nas manifestações de rua, em grandes movimentos sociais. E essa geração radical surdia no seio da educação liberal, que reforçava a existência de um espaço específico para jovens. (CARMO, 2001, p.52)

O ano de 68 simbolizou o sonho de transformação social, englobando uma onda de protestos no mundo todo, inclusive no Brasil. Mesmo que esses acontecimentos tenham ocorrido em diversos países, os mesmos se estruturaram diferentemente nas diversas partes do mundo.

A geração de 1968 distanciava-se da inércia conformista e para realizar tal revolução tinha que correr ou enfrentar a polícia com os olhos ardendo de lágrimas e a respiração sufocada pelo gás lacrimogêneo. Punha-se em questão não apenas a sociedade, que estava doente, segundo o movimento, mas também a própria maneira de viver: o individualismo deveria ser transformado. Tratava-se assim, de uma ordem política, existencial e psicológica. (CARMO, 2001, p.76)

Uma das maiores heranças que podemos trazer da geração dos anos 60 são os tipos de relações que esses jovens tinham com seus pais. Relações que hoje são refletidas na convivência e educação entre pais e filhos, aluno e professor, no movimento feminista, na igualdade de direitos, na preocupação mundial com a ecologia e em outros âmbitos.

No início dos anos 60 a população, sobretudo a juventude, pode vivenciar o movimento de renovação cultural e politização, atingindo e repercutindo em vários campos como na música, teatro e poesia. Nesse contexto, os jovens se encantam com o novo e criaram ideais. O desejo em se compartilhar experiências e de participar de alguma maneira dos acontecimentos do país levou muitos desses jovens estudantes a se organizarem em grêmios estudantis e em centros acadêmicos. Até 1968 no Brasil podiam ocorrer manifestações, elas tinham, porém, algumas restrições. Em dezembro de 68 essas possibilidades de manifestações e passeatas foram extintas com o famoso AI5 (Ato Institucional Número 5) que proibia qualquer tipo de manifestação. Os estudantes, dessa forma, passam a agir na clandestinidade nas famosas guerrilhas, incrementadas por seqüestros e ações relâmpagos. Dentro desses, um dos mais famosos foi o seqüestro do Embaixador Charles Elbrick⁵, em troca de quinze presos políticos. Esses sistemas de seqüestros e trocas por presos políticos passam a ser

⁵ Embaixador dos Estados Unidos da América no Brasil na época do regime militar iniciado em 1964. Em 4 de Setembro de 1969, nos famosos anos de chumbo, ele foi seqüestrado por uma organização conhecida como MR-8.

corriqueiros e usados pelos estudantes que estavam na guerrilha e na luta armada. Desse modo diz CARMO:

As formas românticas ou voluntaristas de ver 1968 devem ser desmistificadas. A primeira visão, romântica, é a de quem não viveu aquele momento e por isso o considera maravilhoso. A outra é a dos que consideram 1968 uma época em que aconteceram movimentos voluntaristas promovidos por sonhadores ou irresponsáveis. (CARMO, 2001, p.104)

Nem uma coisa, nem outra. O movimento e os estudantes de 1968 servem sim, como marco de grande referência, porém, trazer o movimento de uma forma romantizada onde esses estudantes são vistos como o ideal, sem antagonismos, foge dos padrões e exemplos vistos. Do mesmo modo classificá-los como desordeiros, irresponsáveis, sobretudo os que agiram pós 1968 na clandestinidade, torna-se algo desconexo das intencionalidades e de todo o contexto histórico, emocional, estrutural e político vivido.

Um outro feito que sem sombras de dúvidas caracterizou os estudantes e o movimento estudantil, porém em anos posteriores a 1968, foram os Caras Pintadas. Esses jovens tiveram muitas repercussões na mídia na época e foram importantes na pressão ao impeachment do então presidente Fernando Collor de Melo. Suas atuações acabaram tendo repercussões positivas, eram vistos com bons olhos por muitos, atuavam porém, diferentemente dos jovens dos anos 60.

Iniciava-se uma nova era. Estavam ficando para trás os heróicos feitos da geração dos anos 60. Era necessário passar o bastão para uma nova geração: não se podia viver do apego às lutas do passado. Uma alegre e irreverente troca de gerações anunciavam a chegada de novos personagens. (CARMO, 2001, p.165)

As manifestações que ocorreram nesse período (1992), foram diferente das ocorridas no período militar, sobretudo, pelo ar festivo que tinham. Em suas passeatas predominavam a liberdade de manifestação, o uso do verde e amarelo estampado no rosto e a forma pacífica, no sentido de não se estar explicitamente em uma “guerra civil”, como era o caso dos jovens da geração de 68. Todos esses e outros indícios nos apontam que, a leitura tanto da geração Cara Pintada, como da geração Passe Livre, são exemplos distintos de movimentos estudantis e tem cada qual sua especificidade.

O grupo Legião Urbana já havia expressado com categoria esse brado de revolta em Geração Coca-Cola. Uma geração cobrada pelos mais velhos e filha tanto da ditadura militar quanto da revolução nos costumes que explodiu nas décadas seguintes. Trata-se de uma nova geração totalmente gestada através do olhar eletrônico da tevê e que irá cuspir todo o lixo comercial e industrial enlatado dos Estados Unidos. (CARMO, 2001, p.166)

Fica visível que o movimento estudantil vai ganhando novos contornos de acordo com o período em que ocorre. As mudanças ocorridas trouxeram pelo contrário, uma população jovem que quer mudanças, porém é individualista, no sentido de por em questão suas individualidades e vontades próprias. Deixam de lado um pouco a idéia de modificar os valores e mudar o mundo, apresentam-se mais centrados na realidade do hoje, buscando o aqui e o agora, são contraditórios. São “plugados na Internet, os chamados teens globais, são cidadãos do mundo, não mais antenados na ideologia de 1968, em Marx, e sim na auto-estrada da comunicação *on-line*, via Bill Gates”. CARMO (2001, p. 167).

Torna-se importante para entrarmos profundamente na geração de 1968 trazermos apontamentos sobre o período histórico correspondente. Para tanto, nos remontaremos a 3 de outubro de 1966, onde o Congresso Nacional elege para a presidência da república o Marechal Arthur da Costa e Silva. Seu governo durou cerca de dois anos, mais precisamente de 15 de março de 1967 a 31 de agosto de 1969. Costa e Silva chega ao poder prometendo articular regras mais democráticas, divergindo assim, de seu antecessor o Marechal Humberto de Alencar Castello Branco. Seu modo de fazer política comprometia-se com uma certa liberação de forma lenta, mas que dissiparia as tensões. O governo abriu a possibilidade de um início de diálogo com a oposição, mas ao mesmo tempo o aparelho repressivo controlava manifestações nas ruas em diversas cidades.

Filho de um comerciante da pequena cidade de Taquari, no Rio Grande do Sul, Costa e Silva tinha aos 66 anos uma aparência envelhecida e flácida que, somada a um par de óculos escuros dos quais não se desfazia, tomava-o um típico general latino-americano de caricaturas. Chegava à presidência perseguido por uma coleção de piadas onde entrava no papel de paspalho. Numa das mais cruéis, mobilizava o exército para descobrir quem lhe roubava a biblioteca, pois ainda não tinha acabado de colorir o segundo livro. (GASPARI, 2002, p. 268)

Muito além das caricaturas que demonstravam um Marechal ingênuo, Costa e Silva, demonstrou ser um verdadeiro ministro de guerra. “Foi o primeiro chefe a buscar uma legitimidade histórica para o golpe engatando-o na composição ideológica dos movimentos militares dos anos 20” (GASPARI, 2002, p.270). Enquanto Castello Branco procura manter uma ordem constitucional e considera-se um presidente eleito pelo Congresso, Costa e Silva mostrava-se um comandante revolucionário.



Ilustração 3 Os presidentes Costa e Silva e Castello Branco

Fonte: GASPARI, 2002. p. 265.

As décadas de 60/70 foram de transformações, tanto na esfera política, quanto econômica e mais ainda no âmbito social e cultural.

No memorável ano de 1968 o mundo foi varrido pela última tempestade da Era de Aquarius. Não houve governante que por ela não fosse afetado, como não houve país onde não fosse sentida. O vietgongue já havia desencadeado a ofensiva do tet e destruído a credibilidade da guerra dentro dos Estados Unidos [...] Na França, Japão, Polônia, Inglaterra e Itália, jovens estavam nas ruas pedindo paz, terra amor e liberdade. (GASPARI, 2002, p. 268)

O mundo avançava tecnologicamente, o homem vai à lua em 1969, ocorriam expansões econômicas de grandes companhias, ao mesmo tempo em que as mesmas se implantavam em países capitalistas de periferia como o Brasil.

Em meio a esta integração mundial da economia, os países latino-americanos que viviam sob um regime militar, sentiram forte oposição, principalmente de jovens.

Controlando a oposição, Costa e Silva proíbe as atividades do movimento oposicionista e reprime campanhas reivindicatórias dos estudantes. Assim, o processo de liberalização prometido pelo governo praticamente se anulou.

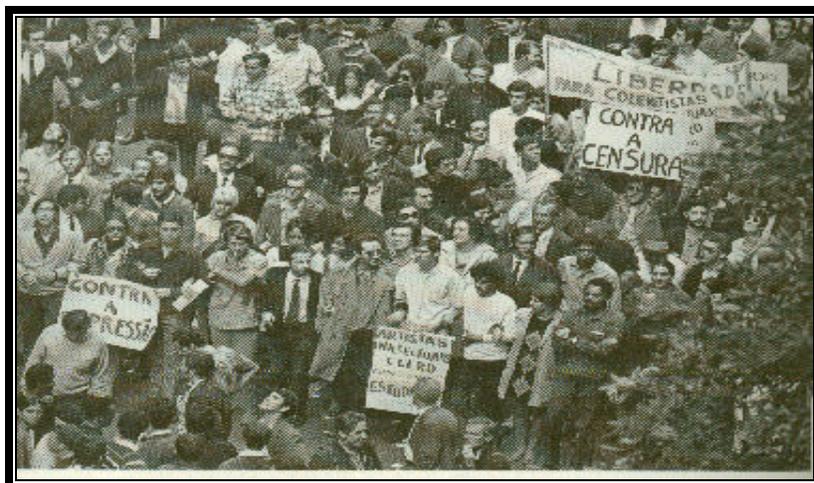
A geração de 68 talvez tenha sido a última geração literária do Brasil-pelo menos no sentido em que seu aprendizado intelectual e sua percepção estética foram forjados pela leitura. Foi criada lendo, pode-se dizer, mais do que vendo [...] na universidade a geração de 68 teve como linguagem escrita uma cumplicidade que a televisão não permitiria depois. O “Bomm” editorial do ano indicava um tipo de demanda que passava por algumas inevitáveis futilidades, mas se detinham da maneira especial em livros dessas idéias e refinadas obras de ficção. Nas listas de best sellers, convivem nomes como Marx, Mao, Che Guevara, Débray. (VENTURA, 1988, p. 51-52)

A oposição vinda principalmente de jovens estudantes, mostrava-se intelectualmente engajada. Sabiam o que queriam e como queriam. No ano em questão, o país ficou submetido a inúmeras manifestações desses jovens.

As agitações estudantis se alastravam por quase todo o país. Em Fortaleza, o serviço de informações dos Estados Unidos, o USIS, era destruído por manifestantes; em Recife 2 mil universitários realizavam uma passeata proibida, em Belém estudantes eram retirados à força da universidade, fechada pelo reitor; em Natal uma greve paralisava todas as faculdades, em Maceió protestos; na Bahia um estudante ferido por um policial revoltava a população. (VENTURA, 1988, p. 171)

O país era abalado por ondas de protestos. A oposição ao governo militar tornava-se cada vez maior. Dentro das inúmeras passeatas, o ano de 1968 foi marcado na história do Brasil pela famosa “Passeata dos cem mil”, ocorrida no Rio de Janeiro.

Olhada, a passeata era uma festa. Manifestação de gente alegre, mulheres bonitas com pernas de fora, juventude e poesia. Caminhada em cordões. Havia nela a ala dos artistas, o bloco dos padres (150), a linha dos deputados, ia abençoada pelos cardeais do Rio de Janeiro, o arqui-concervador Dom Jaime Câmara, que em abril de 1964 benzerá a Marcha da Vitória. Muitas pessoas andavam de mãos dadas. Todo o Rio de Janeiro parecia estar na avenida. (GASPARI, 2002, p.296)



**Ilustração 4 Participação da classe artística na passeata dos 100 mil.
FONTE: GASPARI, 2002, p. 290.**

De acordo com GASPARI a passeata fora uma grande conquista da oposição. Os cidadãos que participaram dela não admitiam em nenhuma hipótese a permanência do regime. A extrema esquerda queria que o povo armado derrubasse a ditadura e começasse a revolução socialista.

O memorável ano de 1968 demonstrou ser um ano e talvez o último, onde as manifestações puderam ocorrer de forma direta no país. O primeiro passo para o fim desta liberdade de manifestar foi dado como já falado, pelo presidente Costa e Silva em uma Sexta feira, 13 de dezembro de 1968, onde o mesmo outorgou o Ato Institucional nº 5, foi dado portanto, um golpe dentro do próprio golpe.

Este ato significava o início de uma ditadura explícita, cujos efeitos foram sentidos em todo o país. Com este ato ficou garantido o fechamento do Congresso por tempo indeterminado, interromperam-se as garantias constitucionais de vitaliciedade, inamobibilidade e estabilidade, podia-se cassar, demitir, transferir, reformar funcionários civis e militares à vontade e suspendia-se o *habeas corpus*.

A estudante Dulce Chaves Pandolf, 24 anos foi obrigada também a servir de cobaia no quartel da rua Barão de Mesquita, no Rio, de acordo com petição anexada aos autos, em 1968: [...] na polícia do exército, a supt, foi submetida a espancamento inteiramente despida, bem como choques elétricos e outros suplícios, como o “pau de arara”. Depois de conduzida a uma cela onde foi assistida por um médico, a supt foi após, algum tempo, novamente seviciada com requintes de crueldade numa demonstração de como deveria ser feita a tortura. (ARNS, 1985, p.32)

Percebe-se que eclode em todo o país não só uma repressão psicológica, como também física, conforme os inúmeros depoimentos referentes a este período. As vítimas não foram compostas somente por estudantes, mas também por diversas outras categorias como profissionais liberais, inclusive crianças e mulheres grávidas.

A tortura foi indiscriminadamente aplicada no Brasil, indiferente a idade, sexo ou situação moral, física e psicológica em que se encontravam as pessoas suspeitas de atividades subversivas. Não se tratava apenas de provocar no corpo da vítima uma dor que fizesse entrar em conflito com o próprio espírito e pronunciar o discurso, que ao favorecer o desempenho do sistema repressivo, significava sua sentença condenatória. Justificada pela urgência de se obter informações, a tortura visava imprimir à vítima a destruição moral pela ruptura dos limites emocionais que se assentam sobre relações efetivas de parentesco. Assim, crianças foram sacrificadas diante dos pais, mulheres grávidas tiveram seus filhos abortados, esposas sofreram para incriminar seus maridos. (ARNS, 1985, p.43)

Em meio à instabilidade política, muitas pessoas se opunham à ditadura, principalmente os estudantes. Sendo assim, um novo poder parecia surgir no Brasil no ano de 1968. Eram os jovens, que acabaram por mostrar a toda uma nação o poder estudantil. Se nos remontarmos à história da civilização brasileira em níveis republicanos, iremos perceber que os estudantes sempre tiveram um papel relevante, podemos observá-los em manifestações como as da década 30 no período Vargas, na semana de arte moderna de 1922, na criação do partido comunista, dentre outras.



Ilustração 5 Estudantes em confronto.

Fonte: (paginas.terra.com.br/.../ditadura/tira1.htm)

O ano de 1968 repercutiu no cenário nacional, como um ano de grandes confusões no país. Os jovens vão as ruas em milhares de passeatas, como as dos Cem Mil, estudantes são presos em congresso, outros são brutalmente machucados e até mesmos mortos, como ocorreu com o estudante secundarista Edson Luís.

No Brasil o chamado poder jovem, ensaiava igualmente a sua tomada de poder e perseguia a sua utopia. Também aqui, em 68, ter menos de 30 anos era por si só um atributo, um valor, não uma contingência etária. Algumas evidências contribuíram para isso. Pelé, aos 28 anos, bicampeão mundial, preparava-se para o tri e já era o maior jogador do mundo; Glauber Rocha, com 29 anos, já conquistava a admiração internacional com pelo menos dois filmes [...]. Além deles, um grupo de quase garotos de nomes desconhecidos Vladimir, Travassos, Muniz, Franklin, Jean Marc, José Dirceu - iriam em breve virar o país pelo avesso. (VENTURA, 1988, p. 44)

Eram os jovens, os estudantes mostrando sua cara. “Aquela rapaziada de 64/68 rompeu com a estrutura repressiva do pai, da mãe, da família, que tradicionalmente absorvia a rebeldia do filho [...]. Tudo isso explica por que um dos traços dessa geração foi uma desconfiança que, misturada a uma febril exaltação com o aqui e o agora, produzia uma original síntese de desprezo ao passado e impaciência com o futuro”, (VENTURA, 1988, p. 46).

De acordo com Zuenir Ventura a contabilidade nunca foi feita, mas é provável que os estudantes inscritos nas escolas e faculdades brasileiras de 66 a 68 tenham passado mais tempo na rua do que nas salas de aula. Dizia-se até que estudantes só queriam fazer política. Esse ano foi marcado por inúmeras passeatas e manifestações e em diversos locais do país.

Em meio a disparo e bombas de gás, choques da polícia federal embalados ocuparam na manhã de ontem a Universidade de Brasília, por determinação do ministro Gama e Silva, da justiça. Os políticos foram recebidos a pedradas e entravam em choque com os estudantes, do qual ficou gravemente ferido o líder estudantil e terceiro sargento da aeronáutica Valdemar Alves Filho, que recebeu um tiro na cabeça, sendo imediatamente transportado para o Hospital Distrital, onde foi submetido a operação.⁶

⁶ “Estudantes e polícia entram em choque”. O Estado. Florianópolis, 30/8/68, Ano 54, nº 15.964, Pg. 1.

Um dos fatos mais marcantes desta geração, que atuou no ano de 1968, foi à morte do estudante Edson Luís Souto. De acordo com as descrições de GASPARI, no anoitecer de 28 de março no Rio de Janeiro, uma tropa da polícia militar atacou um grupo de estudantes que por sua vez pediam melhores instalações para o restaurante calabouço.

Os estudantes jogavam pedras contra os PMs, e um aspirante atirou. Acertou o peito de Edson Luís de Lima Souto, de dezessete anos, protótipo do “calaboçal”. Migrante nortista, pobre e secundarista, não tinha militância política. Defendia o restaurante onde comia e fazia biscates. Os colegas levaram-no para a Santa Casa de Misericórdia, a três quarteirões de distância, mas ele já chegou morto. (GASPARI, 2002, p. 278)



Ilustração 6 Estudantes guardam o corpo de Edson.

Fonte: (http://www.vermelho.org.br/admin/img_upload/edsonuis852.jpg)

Um fato intrigante foi que imediatamente após o ocorrido, colegas do estudante morto, vigiaram seu corpo com medo de que os policiais pudessem sumir com o mesmo para ocultar o fato. A morte deste estudante teve um grande significado ao movimento estudantil. A repressão deste acontecimento culminou três meses mais tarde na lendária passeata dos cem mil. Pode-se dizer que tudo começou ali, foi o primeiro incidente que sensibilizou a opinião pública para a luta estudantil.

Edson Luís foi sepultado à luz de velas e de archotes improvisados- e ao som do Hino Nacional cantado pela multidão [...]. Juntamente com a emoção que tomou conta das pessoas, estudantes ou não, uma retórica fúnebre dominou a imprensa no dia seguinte. Um jornalista escreveu: Edson Luís teve a homenagem que o povo brasileiro costuma consagrar aos heróis populares: O Hino Nacional. (VENTURA, 1988, p. 103)

Um outro acontecimento marcante no ano em questão foi a já aqui citada Passeata dos Cem Mil, que percorreu as ruas do Rio de Janeiro no dia 25 de junho. Nela a participação estudantil foi primordial.

Comparada com a Marcha da Família com Deus pela Liberdade, que em 64 comemorou a tomada do poder pelos militares, ou com o comício pelas Diretas já, que em 84 enterrou este ciclo, a passeata dos cem mil aparece, um modesto feito estudantil. Afinal, em termos de participação quantitativa, ela não conseguiu nem 10% do total reunido por aquelas outras duas manifestações, embora Vladimir discorde dos cálculos oficiais: “É só olhar os fatos. Se o comício pelas Diretas tinha um milhão de pessoas, a passeata tinha pelo menos 300 mil” de qualquer maneira, para a época, a concentração da Cinelândia foi um marco simbólico da força estudantil – dos seus sonhos, também, das suas limitações, como se viria depois. (VENTURA, 1988, p. 164-165)

O movimento estudantil teve uma grande participação, outras categorias da classe média também foram importantes como intelectuais, professores, clero e artistas. As figuras estudantis exprimiam idéias e vontades das principais camadas populares, fizeram política, pela qual ganharam diversos aliados. O movimento estudantil ocorrido em 1968 trouxe uma grande insegurança aos militares, que passaram constantemente a vigiar e punir se fosse preciso. Foi o que ocorreu em Ibiúna, cidade do interior paulista, nela centenas de estudantes foram presos quando tentavam realizar o 30º Congresso Nacional da UNE.

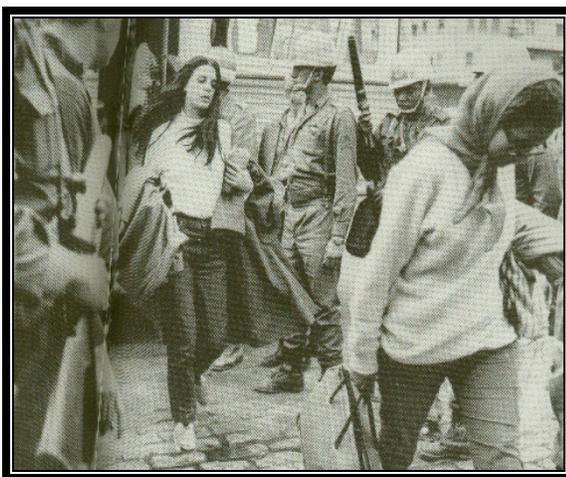


Ilustração 7 Estudantes presos em congresso da UNE em 1968

Fonte: GASPARI, 2002, p. 290.

A partir desses acontecimentos percebe-se o caos que virou o país. Professores e alunos eram considerados suspeitos, eram inimigos internos, entravam constantemente na lista perseguida pelo DOPS.⁷ Muitos estudantes e líderes estudantis foram presos e torturados ou, simplesmente desapareceram.

Ibiúna terminou como era de se supor. A polícia sabia local, dia e hora da reunião. Cercou-a com tropas da polícia militar na madrugada de 12 de outubro. Prenderam toda a UNE, sua liderança passada, presente e futura. No maior arrastão da história brasileira, capturaram-se 920 pessoas levadas para São Paulo em cinco caminhões do exército e dez ônibus. O movimento estudantil se acabara. Dele restou um grande inquérito policial, que se transformou em mola para jogar na clandestinidade dezenas de quadros das organizações esquerdistas. Nos seus anos seguintes, militando em agrupamentos armados ou na guerrilha rural, morreriam 156 jovens com menos de trinta anos. Deles, pelo menos dezenove estiveram em Ibiúna. (GASPARI, 2002, p. 325)

Em todo o país por mais locais que fossem suas reivindicações, os jovens viam os militares como um inimigo comum, pois simbolizavam tudo aquilo contra o que lutavam. A agitação era nacional, sentiam-se oprimidos e ganhavam forças, pois sabiam que não estavam sozinhos na luta, tinham aliados fortes.

Nos anos de chumbo o marco para o incentivo a luta estudantil, foi sem sombras de dúvidas, a morte do jovem secundarista Édson Luis Solto, constituindo um marco de impacto tão forte que despertou forças de oposição e protesto em todo o país. “Édson Luís não foi, evidentemente, a primeira vítima da violência política brasileira, mas coube ao seu cadáver desencadear no Brasil o processo de liberalização que em 1968 sacudiu tantos outros países”. POERNER (1995.p.290). Esse otimismo em buscar os direitos através das manifestações trouxe em 1968 duas grandes greves operárias enfrentadas pelo regime militar nos estados de Minas Gerais e São Paulo. Os operários, por seu turno, manifestaram, em diversas ocasiões, apoiaram aos estudantes, inclusive através de um manifesto divulgado no mês de junho do referido ano.

O movimento estudantil foi então bruscamente interrompido no fim de 1968, onde tivemos um ano efervescente e um final de ano comprometido com a criação

⁷ Departamento de Ordem Política e Social.

do AI 5. Sem condições de se manifestarem com as armas que até então lutavam como as passeatas e mobilizações, o movimento estudantil passou a reunir os estudantes em grupos e organizações na guerrilha e luta armada. Nos próximos anos, milhares de pessoas foram acusadas e presas.

Os jovens foram redirecionados a luta armada, desencadeando uma geração que fica na história estudantil brasileira como o grande sacrifício de uma geração heróica e idealista – talvez a melhor e a mais completa das gerações com que o país contou em toda a sua história de quase meio milênio. (POERNER, 1995, p.214)

Um outro importante item para o movimento estudantil desse período foi a Lei nº 4.464 de novembro de 1964, conhecida como a Lei Suplicy de Lacerda. Essa lei visou especialmente à extinção o movimento estudantil brasileiro. Procurando para efetivar tal objetivo destruir a autonomia e representatividade do movimento, modificando as entidades estudantis, em todos os escalões, transformando-as em “apêndices” do Ministério da Educação, dependentes de verbas e orientações.

Dentro dessas mudanças podemos trazer como exemplo a UNE que foi substituída pelo Diretório Nacional de Estudantes. Proibia-se além das trocas como a falada anteriormente, o livre curso do diálogo entre os diretórios acadêmicos e os alunos.

Os direitos de livre manifestação do pensamento, de livre associação e de organização interna eram, também, vulnerado, com o estabelecimento de data e norma para as eleições, numero de participantes dos diretórios acadêmicos e da convocação dos pleitos pelas autoridades universitárias, através de edital. (POERNER, 1995, p.214)

Um outro acordo que marcou consideravelmente a luta estudantil brasileira no período militar foram os acordos surgidos entre o Ministério da Educação e Cultura do Brasil e a United States Agency for International Development (Usaid). Constituindo-se o fruto desse acordo, como o ponto primordial para a política de desnacionalização do ensino brasileiro. O mais famoso desses acordos, MEC-Usaid, passou a ser adotado como linha mestra de atuação da Usaid no campo da educação na América Latina. A justificativa utilizada pelos órgãos e dirigentes

superiores era de que no Brasil não existiam pessoas competentes o suficiente para realizar um planejamento adequado para a educação. Dessa maneira ou realizavam um plano com pouca qualidade ou “aceitavam” a ajuda oferecida pelos Estados Unidos. Esse acordo foi contestado por muitos estudiosos, sobretudo, os afetados diretamente por eles, os próprios estudantes, que diziam que tal acordo era questionável em virtude da tentativa em se igualar à educação brasileira com a dos Estados Unidos. Questionavam, pois os problemas educacionais brasileiros eram bem diferentes dos problemas enfrentados pelos americanos, sendo uma diferença primordial o fato do Brasil ser um país subdesenvolvido ou em desenvolvimento, ao contrário da realidade vivida nos EUA.

Os convênios entre o ministério da educação e cultura e a Usaid representam, assim, o ponto culminante da escalada cultural norte-americana em nosso país. “O Brasil surgiu como o país ideal para o laboratório de experiências norte-americanas, com vistas a estabelecer um sistema completo de sujeição de uma nação latino-americana aos interesses dos Estados Unidos”. (POERNER, 1995, p.256)

Consta que cerca de 20 acordos foram firmados entre essas parcerias, sendo 15 de natureza educacional, quatro sobre ensino agrícola e um sobre publicação de livros. Dos acordos relacionados com a educação, dois deles englobavam exclusivamente o ensino superior, um no plano administrativo e o outro no plano didático educacional, caracterizando este o mais combatido e contestado pelo movimento estudantil.

Embora já existissem diversas normas para conter ou controlar a onda explosiva do movimento estudantil, em fevereiro de 1969, no governo do General Médice, é implantado o Decreto-Lei nº 477. Esse decreto complementou as leis existentes e criou penas de caráter administrativo-penal, como demissões e expulsões, tanto para professores e funcionários, quanto para alunos do ensino público ou particular que colaborassem com a greve ou portassem *material subversivo de qualquer natureza*. Todas essas leis estabelecidas no país efetivaram a condição clandestina do movimento estudantil. Passa-se então de mobilizações de rua para uma “guerrilha” propriamente dita.

As grandiosas manifestações estudantis que ocorreram na ditadura militar reapareceram nos anos 90 com os Caras Pintadas. Porém, tal movimento vem com outros formatos e novos contornos sociais. Dessa mesma maneira, embora em outras proporções, movimentos juvenis como os de música, negros, de rap e tantos outros foram ganhando espaço nas décadas de 80,90 e 2000.

Após as manifestações do final dos anos 80, simpáticas à opinião pública porque uniam pais e filhos em defesa dos orçamentos familiares, os estudantes retornaram às ruas em agosto de 1992, para exigir o impeachment do Presidente Collor. (POERNER, 1995, p.319)

...A luta do movimento é por tirar da iniciativa privada o transporte coletivo. Que ele seja realmente público. A luta já passou por bastantes transformações, no começo a gente lutava pelo passe livre estudantil e a luta foi amadurecendo até chegar à concepção que a gente tem hoje...

(Patrícia, estudante universitária)

3- MOVIMENTO PASSE LIVRE: DA REVOLTA DO BUZU AO CONTURBADO ANO DE 2005



Ilustração 8 Passe Livre

Fonte: (<http://www.une.org.br>)

O Movimento Passe Livre teve sua origem em Salvador na Bahia, onde em 2003 milhares de jovens estudantes fecharam as vias públicas e protestaram contra o aumento da tarifa. Durante dez dias a cidade ficou paralisada e ganhou repercussão nacional. O evento foi tão significativo que se tornou um documentário chamado “A Revolta do Buzu”, de Carlos Pronzato. Nessa onda ou inspirado por ela é que em 2004, um grupo em Florianópolis articulando uma proposta diferente das organizações estudantis oficiais fez expandir um movimento que já havia dado seus primeiros passos em anos anteriores na cidade. O fato é que inspirados nos acontecimentos de Salvador, Florianópolis parou nos anos de 2004 e 2005 com a famosa "Revolta da Catraca" ou "Amanhã vai ser maior". Os protestos pediam a redução das tarifas de ônibus e o Passe Livre para estudantes. Entre esses anos, manifestações contra aumento de tarifas e contra o atual sistema de transporte ocorreram também em outros estados e cidades brasileiras. Como exemplo, São Paulo, Itu, Belo Horizonte, Curitiba, Cuiabá, Porto alegre, Rio de Janeiro, Brasília, Fortaleza, Recife, Aracaju e Rio Branco.

3.1- Movimento Passe Livre: Da Criação Nacional a Estruturação em Florianópolis

Os primórdios do Movimento Passe Livre (MPL) em Santa Catarina pode ser buscado em 2000 na cidade de Florianópolis, quando quatro jovens militantes do PT plantaram a idéia do Passe Livre iniciando uma campanha com abaixo-assinado⁸. Após esse episódio a bandeira se cristalizou, sobretudo, tendo como principais articuladores a Juventude Revolução de Florianópolis, também conhecida como JR que inicialmente era uma corrente que integrava o PT.

No ano seguinte, em 2001, diversos estudantes uniram-se a esse grupo inicial e entregaram as assinaturas (mais de 20 mil) aos vereadores da cidade. Juntamente com esse abaixo-assinado estava também um projeto de lei sobre o Passe Livre. Entre os anos de 2002 e 2003 cresce o número de estudantes engajados ao movimento e o mesmo começa a tomar força.

A campanha pelo Passe-Livre pretendia ser uma frente que reunisse em torno dessa bandeira todos os indivíduos e grupos políticos que se identificassem com ela. Chegou a reunir, por exemplo, desde militantes do PSTU a militantes do PSDB. Mas as dificuldades internas apareciam quando militantes de partido buscavam fazer da campanha uma correia de transmissão de propósitos e bandeiras do partido. Diante disso, os militantes mais envolvidos na campanha, aqueles que tinham passagem pela JR, resolveram apostar nos indivíduos e setores independentes da juventude (isto é, não filiados a partidos políticos). Segundo eles, foi a partir de então que a campanha deu um salto significativo. (LIBERATO, 2006, p. 212)

Aos poucos a Juventude Revolução de Florianópolis (JR), que era a principal articuladora do Passe Livre, adquiria novos formatos. Em 2002 passou a acrescentar a sigla “I” “Independente”, formando a sigla Juventude Revolução Independente, mas não foi só a nomenclatura que mudou, as metodologias e formas de atuação também mudaram. Iniciou-se um afastamento do PT e de partidos políticos, ocorrendo uma nula ou quase inexistente distinção entre a JRI e a campanha pelo Passe Livre, sendo os dois quase que uma única realidade. “A JRI era uma organização que, até mesmo por ter vindo de uma ruptura com concepções arraigadas em partidos de esquerda o qual havia feito parte, se

⁸ Ver o abaixo-assinado em anexo.

mostrava aberta a novas concepções, sem se fechar em dogmas e doutrinas prontas”. (LIBERATO, 2006 p 213).

A inserção de jovens ao movimento era concebida de uma maneira bem facilitada, já que bastava ter garra para participar, algo que atraiu diversos tipos de jovens com ou sem formação política. O que chamava a atenção no movimento era a quantidade de estudantes secundaristas vindos de escolas públicas, que por sua vez eram a maioria dos participantes. Esses estudantes que se engajaram no movimento não tinham uma doutrina política definida e participavam muitas vezes por um período curto de tempo, onde o fluxo de entrada e saída de integrantes era intenso, o que de alguma maneira mantinha o número constante de participantes.

No ano de 2003, o Passe Livre em Florianópolis tomou repercussão e atraiu mais adeptos as suas causas. Os episódios de 2003 caracterizaram-se pela independência dos estudantes em relação aos partidos políticos e outras entidades. Porém, mesmo sem essa ligação com os partidos, esses tiveram importância mediando em algumas ocasiões a negociação com a prefeitura da cidade.

A campanha pelo Passe-Livre se fortificou, sobretudo, no ano de 2004, quando se iniciou uma divulgação maior e a exibição do documentário gravado em 2003 em Salvador de Carlos Pronzato, sobre a revolta de Buzú. Nesse mesmo ano, ao mesmo tempo em que o movimento crescia ocorreu um aumento das tarifas de ônibus no mês de junho em Florianópolis. Tal fato levou às ruas milhares de pessoas, tendo na sua maioria estudantes secundaristas que acabaram divulgando o movimento e as mobilizações em Florianópolis.

Pode-se dizer sem receio que a revolta foi fruto de condições objetivas unidas à preparação e ao trabalho feito pela campanha pelo Passe Livre para que ela ocorresse, com base numa análise de conjuntura e dessas condições. Por ser o grupo ou a organização há mais tempo debruçado sobre a questão do transporte coletivo em Florianópolis, por seus integrantes e lideranças estarem preparados para o momento, e por terem o maior respaldo e reconhecimento diante da composição majoritariamente estudantil dos manifestantes, o papel destacado da campanha pelo Passe Livre/JRI antes e durante a revolta era evidente. Não seria coincidência que as manifestações contra o aumento da tarifa (...) seriam com frequência chamadas retrospectivamente pela imprensa, por entidades ou por indivíduos como atividades e eventos do “Passe Livre”. (LIBERATO, 2006, p. 215)

A primeira manifestação de 2004 aconteceu em julho, após a prefeitura anunciar um aumento de 15,6% nas passagens de ônibus. Centenas de estudantes fizeram manifestações e receberam como resposta a repressão policial. No entanto, o saldo dos protestos foi positivo: eles conseguiram impedir o aumento nas tarifas de transporte. Esse episódio ficou conhecido como a Revolta da Catraca.



Ilustração 9 Símbolo das mobilizações do movimento Passe Livre: A catraca

Fonte: (<http://brasil.indymedia.org/images/2005/10/334482.jpg>)

Em 2004, além da Revolta da Catraca outro fato acabou expandindo o movimento, divulgando-o em nível nacional. Tratavam-se das passeatas ocorridas nas pontes que ligam a ilha de Florianópolis a parte continental. As mobilizações nas pontes repercutiram em anos posteriores, tornando-se um símbolo do movimento.

Às 17 horas o número de manifestantes cresceu ,e, somando cerca de 4 mil pessoas, a manifestação decidiu fechar as pontes. Primeiro passando pela Colombo Salles, que liga a ilha ao continente. No final voltaram pela Pedro Ivo Campos, que liga o continente à ilha. Houve um momento tenso quando motociclistas quase atropelaram manifestantes. A polícia tinha sinalizado para que o trânsito fosse liberado, mas logo impediu que os motociclistas continuassem, esperando a chegada das quase 5 mil pessoas. A ponte Pedro Ivo se tornou uma grande passarela.⁹

No ano seguinte ocorreu a segunda Revolta da Catraca. O MPL (Movimento Passe Livre) voltou às ruas da capital catarinense no mês de maio de 2005 para exigir a redução das tarifas do transporte público. Os protestos tiveram apoio de parte da sociedade, como trabalhadores que se uniram à luta e pais e

⁹ “Mobilização pela redução da tarifa cresce. Passeata nas duas pontes”. In: CMI na Rua, Florianópolis, 05/07/2004.

professores dos militantes. Mas a resposta do Estado foi uma repressão ainda maior, com três semanas de confronto violento com a Polícia Militar. Nas ruas, pessoas feridas e outras presas.

Obtiveram com os protestos além de repercussão nacional, a diminuição da tarifa cedida pela prefeitura. *Para o MPL, financiar o passe livre é financiar a educação e beneficiar a grande maioria da sociedade. É uma forma de manter os jovens na escola, dar oportunidade aos adultos de voltar a estudar e promover o acesso à cultura, facilitando a ida ao cinema, a um parque ou ao museu, por exemplo.*¹⁰

O passe livre já é aplicado no Rio de Janeiro para quem estuda na rede pública de ensino. Em 2004 foi aprovado na Câmara dos Vereadores o projeto de lei de iniciativa popular (com cerca de 20 mil assinaturas) que garantiu o passe livre estudantil nessa cidade, depois da série de manifestações naquele ano.



Ilustração 10 Dimensão da mobilização em Florianópolis

Fonte: (<http://brasil.indymedia.org/images/2005/10/334482.jpg>)

Segundo o movimento, o passe livre estudantil custaria menos de 5% do orçamento da Prefeitura de Florianópolis. Mas em novembro de 2005, o Tribunal de Justiça de Santa Catarina suspendeu a lei e a luta continuou na área jurídica.

A bandeira pelo movimento também tem uma data de luta: 26 de outubro, Dia Nacional de Luta pelo Passe Livre. A primeira mobilização na data ocorreu em 2005, quando uma catraca em chamas simbolizou a união das manifestações

¹⁰ Fonte site mídia independente, ver em referências.

ocorridas em 14 cidades do país. Em 2006 novamente, militantes do MPL foram às ruas de diversas cidades reivindicar o transporte público gratuito e comemorar a data de luta.

Com já falado, o ponto crucial e que repercutiu movimento em Santa Catarina foi o fechamento das pontes que ligam a ilha ao continente em 2004. Nesse instante o que se viu na cidade foram manifestações de repressão por parte das autoridades que lembravam em muito, o que ocorreu em outros períodos da história, como o movimento estudantil de 1968. Vale lembrar que tais estudantes tiveram também o apoio em parte da população, principalmente aqueles que também necessitam do transporte coletivo.

O relato que expressa a percepção de que a participação política da juventude não se dá com base em uma relação racional com os fins, no qual o fim seria a causa, o tema, a bandeira de luta. A emoção, a excitação, a sensação de subversão movem a juventude a uma ação política mais do que as finalidades declaradas. Exemplo disso era o desejo constante de ocupar “a ponte” expressada pela multidão de jovens que compareciam aos protestos desde o primeiro dia de manifestações. (LIBERATO, 2006, p. 228)

Cabe também observar que a primeira tentativa de estabelecer um Movimento Pelo Passe Livre em nível nacional foi feita no Fórum Social Mundial de 2005 na cidade de Porto Alegre. Segundo (LIBERATO, 2006, p 220), as resoluções das Plenárias lá estabelecidas expressavam um caráter independente, apartidário e autonomista, que marcaram as maiorias das manifestações juvenis pelo aumento da tarifa e pelo Passe Livre em diversas cidades brasileiras. Esse foi o primeiro grande passo para a estruturação do movimento em nível nacional. Cabe salientar que o dia de luta do MPL, 26 de outubro, foi assim escolhido, pois nesse dia ocorreu a votação pela aprovação, na câmara de Florianópolis, do Passe Livre para estudantes. Desse dia em diante, o movimento ganhou força e hoje atua em catorze cidades (Curitiba, Florianópolis, Fortaleza/ Maracanaú, Joinville, Rio Branco, Salvador, Santos, São Paulo, Campinas, Goiânia, Aracaju, Blumenau, Distrito Federal, Porto Alegre).

A princípio, a luta é pela gratuidade do transporte coletivo para os estudantes. Em longo prazo, o objetivo é estender o benefício aos trabalhadores desempregados e, por fim, a toda população. Os ativistas do MPL propõem a

municipalização do serviço, que seria totalmente subsidiada pelas prefeituras. Para a sustentação dessa bandeira levantada por eles, o custo financeiro do projeto poderia vir de verbas, multas de trânsito, cartões de zona azul e do IPVA (Imposto Sobre Propriedade de Veículo Automotor).

Em Florianópolis, o surgimento do Passe Livre foi um somatório de tensões e situações consideradas, pelo movimento, como exploratórias. Assim, o aumento das tarifas no transporte coletivo foi um dos motivos, mas não o único, para a luta do movimento. O descontentamento dos estudantes era constituído também por causa da prorrogação dos contratos de concessões, sem uma nova licitação, entre a prefeitura e as empresas que atuam no setor de transporte na cidade. Essa situação gerou revolta e tumultos principalmente na sessão da câmara de vereadores, a qual concedeu tais privilégios. O descontentamento veio também quando em 2003 a prefeitura da cidade implantou um novo sistema viário, conhecido como sistema integrado, o qual trouxe a inauguração de diversos terminais na cidade, mas que, de acordo com muitos usuários não trouxe tantas melhorias em relação aos horários de ônibus e nos gastos que viriam com esse novo sistema. A questão do transporte público torna-se bastante polêmica, já que passou a ser cada vez mais vista como um monopólio de algumas empresas do setor, que por sua vez, influenciam nos poderes econômicos e políticos locais.

Um ano importante para o movimento foi o de 2005, o qual será mais bem detalhado no próximo item desse capítulo. Nesse ano a ida do movimento às ruas teve algumas peculiaridades. Primeiro porque as manifestações não eram compostas exclusivamente por estudantes, o MPL não estava sozinho. Durante esse ano, a cidade de Florianópolis viu-se articulada nas manifestações com outros autores, como por exemplo, os motoristas e cobradores de ônibus que reivindicavam melhores condições de trabalho e salários. Além da paralisação dos motoristas e cobradores, um novo aumento de passagens fez com que diversas pessoas estivessem nas ruas novamente, dentre elas, sindicatos, trabalhadores e o movimento Passe Livre.

3.2- Movimento Passe Livre em Florianópolis: O conturbado ano de 2005

Ao relatarmos o movimento Passe Livre e sua estruturação em Santa Catarina, temos que nos remontar ao ano de 2005. Esse ano teve uma grande importância para o movimento, pois foi palco de inúmeros eventos e mobilizações.

O movimento em 2005 esteve envolvido além das disputas pela redução das tarifas e do passe livre para os estudantes, por conflitos de ordem política. Dessa maneira as disputas iam além do que poderia ser aparentemente visível para a maioria da sociedade envolvida. Tais disputas dizem respeito a conflitos entre partidos, governo e prefeitura da cidade.

Mas a diferença substancial em relação ao governo municipal anterior esteve no fato de o PSDB estar alinhado politicamente ao PMDB em Santa Catarina. Se em 2004 o governador do estado (PMDB) não tinha interesse nenhum em reprimir manifestantes para satisfazer a prefeitura do PP, e ter com isso um saldo político negativo, em 2005 a configuração política era outra. Em 2005 a polícia e o governo do estado não pouparam esforços para reprimir as manifestações (...) Bem, se ano passado à população conseguiu vencer em uma semana e meia, este ano foram mais de três semanas para se conseguir a vitória. E, de fato, o nome “guerra” se justificou mais. (LIBERATO, 2005, p. 10)

No ano anterior, em julho de 2004, o movimento conquistou a revogação do aumento de 15,6% das tarifas, meses depois, em dezembro, ocorreu um novo aumento na ordem de 6,8%. Esse último aumento em 2004, ocorreu às vésperas das férias escolares e das festas de final de ano, o que impossibilitou as lideranças do movimento se organizarem e chamarem mais estudantes para as ruas de Florianópolis. No ano seguinte, em maio de 2005, novamente outro aumento, desta vez na ordem de 8,8%.

A soma desses fatos fez eclodir em 2005 as passeatas e mobilizações em frente aos terminais urbanos, principalmente no TICEN, que fica no centro da cidade. Essas mobilizações eram justificadas pelos estudantes, pois após a conquista da redução das tarifas em 2004 na ordem de 15,6%, o transporte público teve novamente aumentos, o primeiro em 6,8% em dezembro de 2004 e o segundo de 8,8% em maio de 2005, tal estatística aproximava-se da casa dos 15,6% de 2004. Fator o qual colocava em xeque as mobilizações e conquistas do ano anterior. O ano de 2005, porém, estava com uma cara nova:

Final de tarde, em torno de 17h30-18h. Algumas centenas de pessoas se concentravam em frente ao TICEN. Uma caixa de som, emprestada pelo Sindicato dos Trabalhadores da UFSC, ajudava nas falas. Fechávamos a avenida Paulo Fontes. A composição dos manifestantes? Jovens, estudantes, sem dúvida era a maioria. Mas já se podia notar uma composição um pouco diferente dos primeiros dias de revolta de 2004. Jovens de morros já se faziam presentes em algum número, por exemplo. (LIBERATO, 2005, p.14)

Além de jovens de classe média baixa que começaram a participar e se juntar nas mobilizações do MPL, em 2005, ocorreu também uma maior radicalidade. A comunidade, entendida aqui por cidadãos que apoiavam o movimento, como pais, professores, comerciários e jovens, passaram também a participar cada vez mais.

A radicalidade e o grito de ordem que se ouvia no movimento era “Ponte, Ponte!” Seria um grito ouvido à exaustão durante as assembléias em frente ao TICEN durante as semanas de manifestações. As pontes que ligam a ilha ao continente se tornaram uma espécie de signo para boa parte dos jovens que se concentravam diariamente em frente ao TICEN durante as semanas de manifestações”. (LIBERATO, 2005, p.14)



Ilustração 11 Confronto próximo das pontes em Florianópolis

Fonte: <http://www.indymedia.org>

Nesses dias, as manifestações ocorreram também na câmara de vereadores onde eram votados e discutidos os aumentos das tarifas. Nessa ocasião, em 2005, muitos dos estudantes apareceram com ovos nas mãos para atirá-los. Esse ato já era comum para alguns manifestantes, onde em 26 de outubro de 2004, estudantes atiraram ovos nos vereadores quando esses tentaram ir embora sem votar o projeto de lei do Passe Livre, fato o qual, além de

ficar conhecido como “noite das ovadas” tornou-se data símbolo da luta estudantil pelo Passe Livre. De acordo com LIBERATTO (2005 p. 15) em 2005, “não eram provocadores que haviam comprado os ovos para atirar na câmara. Eram conhecidos e companheiros. Mais um sinal, já no primeiro dia de manifestação, que o espírito dos manifestantes este ano estava mais ousado, ou menos refletido, ou mais radicalizado, como se queira”.

Nessa mesma noite de manifestações em 2005, alguns estudantes foram detidos. Tal fato ocorreu em virtude da dispersão do movimento causados pelos conflitos entre alguns participantes e a polícia.

Pude ver os policiais militares se aproximando, obviamente para fazer prisões. Só pude gritar ‘cuidado’. Era tarde. Não havia muito que fazer. De um grupo de cerca de dez pessoas, todos da JRI e MPL, vários conseguiram fugir. Eu me aproximei, mas nada podia fazer, sob o risco de ser mais um detido. (LIBERATTO, 2005, p.17)

Um outro ponto nesse ano era a grande quantidade de estudantes menores de 18 anos, fato que fez com que ocorressem campanhas televisivas que instruíram os pais a não deixarem seus filhos participarem das manifestações. “Grande parte dos manifestantes menores de idade, mas também aqueles maiores, tinham que enfrentar a pressão da família, da escola ou do trabalho para estarem nas ruas” (LIBERATTO, 2005 p.20). As mobilizações eram constituídas ao mesmo tempo, por apoio de alguns e desprezo de outros. A família, como pode ser exemplificado, tornou-se um grande ponto de apoio para muitos que participavam. Observamos que o núcleo familiar, mais precisamente os pais são percebidos como um ponto forte mesmo que indiretamente dentro desse contexto, tanto que os métodos utilizados pela prefeitura visavam o apoio desses pais para que proibissem a participação de seus filhos. Esse ponto é bastante importante para esse estudo. A relação dos jovens participantes, sobretudo, com a família é um dos pilares que sustentam a problemática aqui levantada e que será mais bem apresentado no último capítulo.

Com o passar dos dias as manifestações tornaram-se cada vez maiores, o número de estudantes crescia, assim como as repressões para conter o movimento.

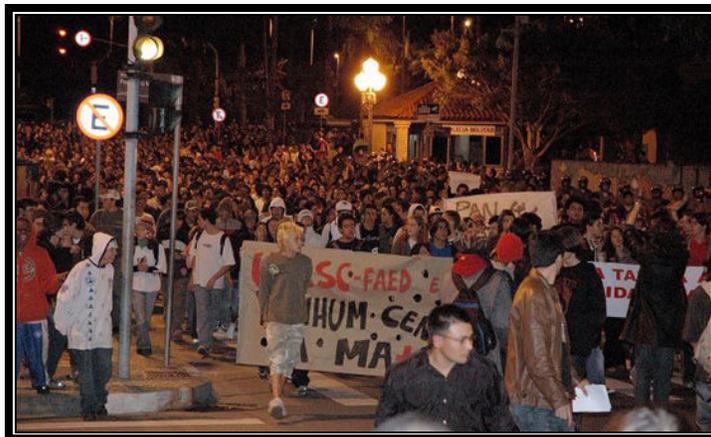


Ilustração 12 Manifestantes em Passeata

Fonte: <http://www.une.org.br>

Muitos dos que estavam presentes, comparavam as atuações policiais e do governo, com as repressões ocorridas na Ditadura Militar. Imagens e ações que trazem a dimensão que tomou conta do movimento, em uma cidade cuja história e manifestação política, não eram tão explosivas se comparadas a outras capitais como São Paulo e Rio de Janeiro, por exemplo.

Uma cena capturada por um cinegrafista de uma TV comunitária deixou as autoridades e a polícia de calças curtas: nela um companheiro do Movimento Passe Livre aparecia parado e de mãos para cima. Um policial o derruba, o imobiliza sem resistência alguma e o soca na cabeça até ele desmaiar. Por fim os policiais o arrastam desacordado e o largam no canteiro, como um saco de batata podre. “Polícia no meu governo não bate em estudante”, dizia o governador ano passado. (LIBERATO, 2005, p.29)

O fato é que o Movimento Passe Livre em Florianópolis, obteve uma grande repercussão, onde por dias estavam em noticiários nacionais de grande circulação.

O limite a essa repressão e estado de exceção foi dado, ao longo da primeira semana e das subseqüentes, pelo apoio e movimentação de uma senhora que chamarei aqui de “sociedade civil”. Logo se viu que era necessária a articulação com advogados, com grupos de direitos humanos, comissões parlamentares, etc. Era necessário tornar público, nacional e internacional, o que estava acontecendo em Florianópolis. (LIBERATO, 2005, p.22)

As mobilizações contra a redução das tarifas em 2005 na cidade de Florianópolis tiveram a participação de um número variado de atores. O movimento Passe Livre foi mais um, dentre tantos, como sindicatos e comunidade, que foram às ruas reivindicar. Um exemplo foram os servidores municipais que fizeram um dia de paralisação por reajustes salariais e acabaram somando e incorporando nas passeatas e manifestações pela redução das tarifas.

Bem, 18h, terça-feira, avenida Paulo Fontes tomada por manifestantes nos dois sentidos em frente ao TICEN. Uma marcha dos servidores municipais, que saíam da sua mobilização viria engrossar a manifestação. E quando foram avistados chegando, ninguém pode conter a satisfação de ver a aglomeração ser ampliada daquela forma. Se na segunda-feira, dia 30 de maio, éramos centenas, na terça-feira éramos milhares! As autoridades não haviam aprendido a lição do ano passado: mais repressão, mais gente na rua. (LIBERATO, 2005, p.24)

Ao mesmo tempo em que a quantidade trouxe benefícios como conquistas e pressão popular, esse número foi também um problema para a organização do movimento. À medida que o tempo ia passando as pessoas iam se dispersando. Faltavam caixas de sons e figuras importantes ao movimento que haviam sido detidas em dias anteriores.

Foi bem pesado, bem feio mesmo, pessoas se ajoelhando e falando pelo amor de Deus. O movimento até tinha uma certa organização, mas é complicado, e fora isso, aglomerava e se infiltrava muita gente. Pessoas que só vinham pra curtir, pra bagunçar, pra dar uma anarquizada. Ouvi dizer que teve um pessoal contratado, pra bem de anarquizar e mostrar que a coisa não era organizada. Claro como eu te digo eu ouvi falar. (VALÉRIA. Julho de 2007. Comerciante)

No terceiro dia de manifestação de 2005, após os confrontos e violência gerada tanto pelos policiais como por muitos dos manifestantes, o prefeito Dário Berger e o governador Luiz Henrique da Silveira se posicionaram. De acordo com LIBERATTO (2005 p. 32) em seus discursos, prefeito e governador diziam que estavam de 'mãos amarradas', afirmando que o aumento seria fruto de uma decisão judicial. Após tal discurso o judiciário se manifestou através de uma nota da Associação dos Magistrados de Santa Catarina, afirmando que o judiciário havia apenas decidido sobre a legalidade do Decreto que concedia o aumento das tarifas. Assim, novas justificativas sobre o aumento foram feitas pelo executivo, afirmando que os preços não poderiam voltar aos valores anteriores, pois isso

seria um déficit às empresas de transporte urbano, levando as mesmas a um balanço negativo.

Policiais vindo de outras cidades do Estado foram somando e reforçando o contingente de Florianópolis. A prefeitura solicitou um reforço da polícia militar, pois nesse ano de 2005 as ocorrências estavam sendo maiores do que as de 2004. Como medida preventiva, um acampamento da polícia militar havia sido montado ao lado do Terminal Rita Maria, composto por banheiros e refeitórios que davam suporte para uma vigilância de 24 horas por dia da polícia. Um dos maiores medos era de que os manifestantes trancassem o acesso às pontes que ligam a ilha ao continente.

As autoridades (prefeitura, governo e polícia) estavam realmente preocupadas com aquele dia. Havia sondado universidades de Joinville achando que partiriam ônibus com manifestantes de lá. (...) Não havia absolutamente nada programado sobre manifestantes virem de outras cidades. O que aconteceu de fato é que os protestos em Florianópolis incentivaram e motivaram protestos de mesmo cunho em Blumenau e Criciúma. (LIBERATO, 2005, p.34)

O movimento Passe Livre em Florianópolis tomou grandes repercussões como visto, não somente na cidade ou no Estado, mas também no país. Por semanas os noticiários traziam os fatos ocorridos em Florianópolis. As manifestações com seu grande volume de participantes trouxe uma dimensão do que estava acontecendo para todos aqueles que assistiam, pela televisão, jornais ou pessoalmente nas ruas da cidade. Essa grande repercussão acabou promovendo e de certa forma incentivando, outros núcleos de manifestações, como foi o caso de Blumenau e Criciúma.

No dia seguinte eu precisei ir pra Blumenau e levei ela, meio que na marra, mas chegando lá em Blumenau tinha outra manifestação, eu disse não acredito ela vai querer ir de novo. Ai eu me sentia assim, nossa ao mesmo tempo em que eu concordo que eu acho que é por ai, eu não posso expor a minha filha. Fazer dela a bandeira da injustiça. (REGINA. Junho de 2007. Comerciante)

O singular dessas manifestações no Estado, principalmente em Florianópolis, era de que os estudantes que participavam vinham com as mais diversas intencionalidades. Alguns tinham vínculo político, outros estavam acompanhando seus amigos no movimento e outros não possuíam vínculo algum.

Centenas, milhares de pessoas foram se juntando em frente ao TICEM no final da tarde. A expectativa ia aumentando. A imensa maioria jovem. Jovens sem vinculação com organizações políticas. Jovens com claro repúdio e desconfiança em relação a instituições e partidos políticos. (LIBERATO, 2005 p.34)

Essas grandes variedades acarretavam em muitas passeatas uma falta de organização. Nas manifestações muitas vezes não se sabia a quem ouvir ou quais trajetos percorrer. “As assembléias nas ruas viraram com freqüência uma feira de vaidades, onde todos os pretendentes a líderes, por ego ou por interesse, tinham que tomar a palavra, mesmo que fosse pra dizer o que já havia sido dito antes” (LIBERATO, 2005 p.35). Essas feiras de vaidades acabavam sendo reflexo desse pluralismo de idéias. As lideranças se constituíram não somente pela mídia, que “identificavam” alguns, mas também pelo próprio confronto de idéias e “vaidades individuais” de alguns participantes.

A cidade estava um caos, uma verdadeira “guerra”, na qual poucas vezes se havia assistido. “O TICEN foi invadido. Grades foram derrubadas, vidros foram quebrados. Eram cenas de revolta. (...) Nunca havia vivido uma verdadeira *riot* (distúrbio, desordem, caos), como se diria em inglês como aquela” (LIBERATO, 2005 p.38). Uma dessas noites de manifestações entrou para a história do movimento. Nessa noite os estudantes estavam em grande número, os gritos que se ouviam nas passeatas e assembléias eram “Ponte, Ponte, Ponte”. Essa por sua vez estava protegida pelos policiais, diante dessa situação outros “alvos” foram eleitos pelos estudantes como o TICEN, a COTISA e a Câmara de Vereadores, a qual foi apedrejada e incendiada por alguns manifestantes.

Exatamente no momento em que passava em frente à Câmara, um grupo de manifestantes posicionados ali começou a atirar pedras nas dezenas de policias que guardavam a entrada da casa. (...) Uma chuva de pedras fez os policiais escolherem bater em retirada, numa cena inusitada. A Câmara ficou livre para ser apedrejada. Fui embora, sem ver a porta de entrada ser arrombada, e manifestantes entrarem e colocarem fogo dentro dela, em cenas que fazem já parte da história do povo de Florianópolis. (LIBERATO, 2005, p. 37)

De acordo com LIBERATTO (2005) no mesmo momento em que a Câmara estava sendo invadida e queimada o prefeito fazia uma reunião com secretários,

vereadores, autoridades e dois militantes do Passe Livre. A notícia da invasão à Câmara caiu como uma bomba. Pela primeira vez o secretário de transporte aconselhou que o prefeito revogasse o aumento.



Ilustração 13 Invasão à Câmara Municipal de Florianópolis

Fonte: (<http://mplfloripa.blogspot.com>)

Uma outra característica das manifestações em torno do transporte coletivo neste ano foram os diversos atores que somaram ao MPL. No dia 6 de junho, por exemplo, as manifestações estudantis foram acompanhadas pela paralisação dos motoristas e cobradores de ônibus. Esses fizeram uma paralisação por dez horas, reivindicando ajuste salarial. Muitas pessoas que utilizam o transporte público foram cedo para o centro da cidade e acabaram surpreendidas ao tentarem voltar para casa, pois com a paralisação os ônibus do transporte coletivo não estavam circulando. Tal situação gerou grande desconforto aos usuários que se acumularam em torno do TICEN e trancaram diversas ruas nas proximidades do terminal. Assim, não se tratavam somente de estudantes em prol da redução das tarifas, mas sim da população que precisava do transporte público e acabou sentindo os reflexos da paralisação dos motoristas e cobradores.

Um outro grande dia que marcou a história das mobilizações nesse ano ocorreu sem muita organização, mas teve grande repercussão. Os estudantes

marcaram, como de costume, uma passeata às 18 horas que sairia do TICEN. Essa passeata estava desorganizada, os estudantes iam caminhando pelas ruas sem um percurso definido. Logo após essa passeata, outra se formou com pessoas que chegaram após às 18 horas no TICEN. Essas duas passeatas tomaram rumos diferentes e acabaram ao acaso trancando todo o centro de Florianópolis.

No caminho fui percebendo como estava realmente tudo parado, digo, o trânsito. Nada havia sido combinado, e justamente no dia que parecia tudo menos organizado, e se esperava menos, o acaso acabou fazendo com que os manifestantes ficassem divididos em dois pontos estratégicos, bloqueando todas as entradas ao TICEN e os acessos à ponte. Com os ônibus parados nas ruas, sem poder entrar no terminal, eles atravancavam ainda mais o trânsito. (LIBERATO, 2005, p. 54)

Nesse dia o confronto com a polícia foi intenso, os estudantes acabaram sendo acucados para frente do TICEN pela tropa de choque. Ocorreu um grande quebra-quebra em direção às ruas do centro da cidade. Nesse tumulto vários bancos e prédios públicos foram apedrejados. Algumas lojas do centro da cidade tiveram seus vidros quebrados e orelhões também foram destruídos.

Mas o fato é que a quinta-feira, dia 16 de junho, fez o prefeito repensar mais uma vez. A situação na cidade estava ficando insustentável, e o prefeito estava ficando isolado, cada vez mais isolado. O custo político já estava pesando demais ao governo do estado, até o líder do governo do legislativo municipal já fazia duras críticas ao executivo. (LIBERATO, 2005, p.56)

Após a terceira semana de manifestação o então prefeito da cidade de Florianópolis Dário Berger revoga o aumento das tarifas, voltando assim ao preço anterior. O discurso do prefeito era de que as empresas de transporte coletivo deveriam arcar com as despesas pela redução das tarifas. “O isolamento causado pela pressão e revolta popular fez o prefeito preferir, momentaneamente, a advocacia das empresas pela advocacia do povo. A tarifa foi reduzida sem subsídio público. Prefeito mudou seu discurso em 180 graus”. (LIBERATTO, 2005 p.58).

Uma grande idéia lançada nessa época e discutida no MPL foi a municipalização dos transportes coletivos.

No caso de Passe Livre só para estudantes, o que a gente discute é através de impostos progressivos. Atualmente o estudante já tem 50% de desconto que é pago pelos outros usuários e o passe livre 100% para os estudantes seria pago pela prefeitura municipal de transportes e aí entra essas coisas relacionadas a transporte que a gente às vezes não entra muito na discussão e que daí a gente fala 'ah pega o dinheiro da zona azul do IPVA e tal, mas depois a gente descobre que é ilegal que não pode pegar recurso dessas coisas, então se cria um fundo que é a multa de impostos, por exemplo, para quem tem mais de dois carros, então essa verba vai para o serviço público. Então se tira um pouco de quem usa o transporte individual pra financiar o transporte gratuito. (PATRÍCIA. Abril de 2007. Estudante)

Como visto, grandes foram as singularidades do movimento, sobretudo, no ano em questão. As passeatas, por exemplo, tiveram traços diferentes de anos anteriores, muitos agregaram ao movimento: comunidade, pais, trabalhadores do transporte público e usuários. O fato é que:

Se o movimento contra o aumento das tarifas em 2005 foi rico em experiências, certamente um dos motivos foi ter sido um processo em que contradições surgiam e se colocavam diante de nós. Parecia que muitas posições e situações se alteravam e alternavam com imensa velocidade. Contradições e antinomias que perpassam os processos e fenômenos sociais e que, aqueles que se lançam à prática das lutas sociais se vêem envoltas, muitas vezes, restando tirar proveito, superar ou aprender a partir delas. (LIBERATO, 2005, p. 58)

Em 2005 a luta por melhorias no transporte público não foi somente do Passe Livre, outras pessoas auxiliaram. Tal fator foi importante na constituição e formação desses jovens que participaram, trazendo possíveis fatores que por ventura pudessem os influenciar como as relações familiares, por exemplo. Assim sendo, passaremos para o último capítulo o qual será a análise efetiva dos campos que possivelmente contribuíram para a participação dos jovens.

...Eu fui uns três quatro dias nas passeatas, fui naquele ano que houve um confronto bem passado com a polícia, a gente chegou a ir à Beira Mar Norte. Fomos pelo centro até a Mauro Ramos e depois saímos na Beira Mar e aí estava a polícia de choque lá embaixo no fim da rua esperando pela gente com balas de borrachas gás lacrimogêneo...

(Catarina, comerciante)

4- A EDUCAÇÃO POLÍTICA DOS JOVENS: AS REDES DE INFLUÊNCIAS



Ilustração 14 Movimento Estudantil Brasileiro

Fonte: (http://www.historianet.com.br/imagens/cem_mil_3.jpg)

Diversos são os exemplos de participação juvenil em movimentos de cunho sociais e políticos. Alguns desses exemplos, mostrados por essa dissertação, nos levam a analisar a essência dessa participação.

Essas tantas redes que constroem a ação participativa do jovem ocorre, no caso em estudo, sobretudo na família, fonte de apoio e base estrutural. Por esse motivo, a relação com a família, será uma das principais redes a ser pesquisada. Muitos dos filhos atuantes no movimento em estudo, Passe Livre, tem um grande laço com a família, tendo, sobretudo, seus pais como exemplos de participação política. Os desdobramentos, porém, dessa participação são diferentes e podem ter outros significados, tanto para os pais, quanto para os filhos.

Os jovens de hoje são os filhos de jovens que passaram pelo trauma da desilusão como via política para a revolução, nos anos 70 e 80. Para os filhos, possivelmente, este trauma é desconhecido ou não passa de uma vaga referência ao passado. (SINGER, 2005, p.32)

Assim, dentre essas tantas possibilidades investigativas, teremos nesse último capítulo três categorias privilegiadas para analisarmos essas redes de influências. Essas categorias serão: *família, participação política e escola.*

Uma outra observação é que optamos para melhor compreender o estudo, realizar as entrevistas através de duplas de pesquisa. Essas duplas são constituídas por pais e filhos, que por sua vez foram entrevistados individualmente para que não ocorressem possíveis interferências em suas respostas. A opção por duplas foi feita pois a investigação buscou compreender as relações existentes, principalmente no ambiente familiar e dessa maneira as duplas nos proporcionaram essa interação e compreensão.

Sendo assim, para melhor nos aproximarmos do estudo, se faz necessário conhecermos o perfil desses entrevistados. Para a identificação foram usados nomes fictícios. A primeira dupla é formada por uma mãe e um filho, ela, aqui chamada por Valéria é professora universitária, casada e mãe de três filhos. Ele chama-se Douglas, é solteiro, filho mais velho, universitário e cursa psicologia. A segunda dupla é formada por uma mãe e uma filha. A mãe chama-se Regina, é comerciante, casada e mãe de três filhos. A filha chama-se Isabela, é solteira e universitária, estuda psicologia. A última dupla é formada por uma mãe e um filho. A mãe chama-se Catarina, casada mãe de três filhos, comerciante e formada em Direito. O filho chama-se Leonardo, solteiro e que no momento acabou o ensino médio.

Os critérios de seleção dos entrevistados foram duplas (pais e filhos), que tivessem algum contato com o movimento, além é claro, dos jovens possuírem uma faixa etária entre 18 a 25 anos. Não foi estabelecido nenhum critério como sexo, cor ou classe social. Porém, coincidentemente essas famílias são de classe média, perfil que é do movimento Passe Livre. Além disso, todos os filhos, participaram de alguma maneira do movimento e são estudantes do ensino público, tanto da universidade – UFSC, quanto da rede pública estadual. Todos residem em Florianópolis.

4.1- Jovens e a Família

Muito além de observarmos a família como uma rede composta estruturalmente e hierarquicamente por pais e filhos, que estão ligados por uma relação genética. A família é aqui entendida por uma formação culturalmente singular, composta por diversas histórias, constituídas individualmente por cada núcleo familiar que apresenta diversas formações. Conforme SARTI (2004):

Cada família compõe sua própria história e suas individualidades. Têm características próprias, cada uma possui sua maneira de educar e se relacionar, assim como são diferentes as relações e aprendizado do jovem no núcleo familiar.

Cada família constrói sua própria história, ou seu próprio mito, entendido como uma formulação discursiva em que se expressam o significado e a explicação da realidade vivida, com base nos elementos objetiva e subjetivamente acessíveis aos indivíduos na cultura em que vivem. Os mitos familiares, expressos nas histórias contadas, cumprem a função de imprimir a marca da família, herança a ser perpetuada. (SARTI, 2004,p.12)

A análise da família por um viés que apresente suas características próprias e individuais não implica em observá-la sem o contato com o meio externo. Ao contrário, ao observarmos suas individualidades trazemos também seu olhar próprio sobre a cultura e a sociedade. Ou seja, um núcleo familiar é constituído como tal por si próprio e pela relação que estabelece com a cultura, dentro dos parâmetros de tempo e espaço nas relações de parentescos.

Essas observações e caracterizações tornam-se ainda mais acentuadas quando observada as novas e grandes revoluções que reordenam simbolicamente o que conhecemos por família. Com avanços na área biológica, como Inseminação artificial, DNA e métodos anticoncepcionais, e avanços na ordem cultural, quebra-se a atribuição da família como *locus* biológico e permite a prática de novos valores familiares. São por motivos como esse que a simbologia familiar torna-se individual e própria.

Essas mudanças são particularmente difíceis, já que as experiências vividas e simbolizadas são constituídas culturalmente por diversos dispositivos como os jurídicos, psicológicos, biológicos e religiosos. Esses dispositivos acabam por determinar o que é e o que deve ser a família, trazendo algumas limitações.

O núcleo familiar é o lugar onde se ouve e aprende as primeiras falas, onde se constrói nossa auto-imagem e a imagem do mundo exterior. É o local onde construímos nossas primeiras impressões de tudo aquilo que nos rege culturalmente. Assim é fundamental que na família se defina o caráter social. “Família, seja como for composta, vivida e organizada, é o filtro através do qual se começa a ver e a significar o mundo. Esse processo que se inicia ao nascer estende-se ao longo de toda a vida, a partir dos diferentes lugares que se ocupa na família” (SARTI, 2004 p. 19). E são nesses diferentes lugares de ocupação que se estabelece a relação dos jovens com a família e posteriormente com o meio externo. O núcleo familiar continua tendo a função de dar sentido as relações entre os indivíduos e serve de espaço de elaboração das experiências vividas.

Os jovens se caracterizam pela busca de referências para a construção de sua identidade, seja na família, seja no meio externo. Essa busca de referências acaba constituindo sua afirmação individual e social, o que também contribui para as trocas de experiências dentro da família, entre irmãos ou entre pais e filhos. Nessas relações dos jovens com a família, tem-se uma importante troca. Os jovens incorporam outras potencialidades do meio externo ao meio familiar. Essa troca é regida também pela disponibilidade da família em impor restrições, aceitando ou não essas novas potencialidades.

Dentro dessas externalidades não podemos deixar de falar dos meios de comunicação, tão difundidos e de fácil acesso na atualidade. A publicidade e a televisão criam também referências de identidade para os jovens. Toda essa criação pode ser ou não aceita, podendo ter ou não vantagens para o indivíduo que a aceita como referência. São, porém importantes e podem marcar toda uma geração dependendo das dimensões que tomam. Os meios de comunicação podem causar também dentro da família uma restrição aos relacionamentos, pois com o uso de meios como Internet, celulares e computadores, o tempo e espaço tornam-se diferentes para cada membro da família. Ampliam-se às possibilidades de se relacionar com o mundo, podendo diminuir a vontade e a necessidade de se relacionar dentro do espaço familiar.

O papel da família é fundamental quando observamos as possibilidades de novas referências. A família é a base das referências simbólicas, representa um lugar de apego, de segurança e de proteção, e justamente por esses motivos acaba tendo moderação ao abrir espaços seguros para outros referenciais aos jovens, para justamente continuar como base estrutural. Essas aberturas e espaços permitidos pela família são de suma importância, mas muitas vezes se contrapõem com as vontades e idealizações dos pais para seus filhos. Não raro são os conflitos entre os jovens e seus pais quando falamos em escolhas, por exemplo. Os pais, assim como os filhos criam expectativas e idealizações do outro. Esses fatores podem gerar tanto conflitos ou tornar um ponto forte quando, por exemplo, os jovens entram em alguma participação política motivados pela herança e ideologia ensinada de alguma maneira através da educação e contatos dados pelos pais.

Em primeiro lugar, como objeto das expectativas familiares, os jovens têm rumos de suas vidas traçados por seus pais de forma a cumprir o que a família espera para si. São conhecidos os conflitos deflagrados pela resistência dos jovens a concretizar essa forma de herança e de perpetuação de sua família. (...) Grande parte da dificuldade de lidar com as questões juvenis, sobretudo aquelas ligadas à sexualidade, a escolhas ou indagações existenciais, tem a ver com o fato de que tocam em pontos difíceis para os pais, em suas próprias vidas. (SARTI, 2004 p.15)

Não podemos negar que em muitos casos de conflitos entre os pais e filhos ocorre uma frustração quando pontos que para os pais são importantes são renegados pelos filhos. As expectativas vêm de ambas as partes, de tamanha importância da figura dos pais e da família para a constituição da identidade do jovem.

Pelo lugar que ocupa socialmente, o jovem se afirma opondo-se, fazendo do conflito um instrumento tão necessário quanto imprescindível em seu processo de tornar-se um sujeito, na família e no mundo social. Dessa maneira, a família configura um cenário onde o conflito é intrínseco e, sendo assim, o trabalho com famílias pode se dar no sentido de pensar os limites do que é ou não negociável nas relações familiares, a partir da indagação sobre o que constitui conflito para a própria família e não como definição externa. (SARTI, 2004 p.18)

Dessa maneira o núcleo familiar é um grande potencializador da visão participativa dos jovens e contribui significativamente para a sua constituição política e

social. Os pais através da transmissão de suas vivências e experiências podem auxiliar na criação da identidade do jovem e podem potencializar algumas questões e escolhas não só na fase adolescente ou juvenil, mas durante toda a vida. Muito além de um *locus* genético o núcleo familiar é a base estrutural, estando ele ou não com dificuldades. Jovens que, por exemplo, tem sua família desestruturada trazem também seu referencial constituído pela família.

Dentre as duplas de pesquisas estudadas para essa dissertação, observamos as trocas e as contribuições feitas pelos pais e pelos filhos. Primeiramente, nas três duplas pesquisadas, todas demonstraram a importância dessa relação. Observou-se que de alguma maneira direta ou indiretamente a família ou os pais tiveram uma grande importância para a participação desses jovens dentro do movimento Passe Livre. Para melhor analisar os questionamentos levantados, o conteúdo ***Família*** foi dividido em três itens: ***Participação dos pais, Participação dos pais no Passe Livre e Influências***. É importante explicitar que pela riqueza e abundância dos depoimentos optou-se encabeçar cada item de análise com um quadro síntese dos mesmos, que por sua vez serviram de referência.

4.1.1 Participação dos pais

<p>Catarina, mãe de Leonardo</p>	<p>(...) Eu já participei bastante de movimentos, tudo começou quando eu tinha uns 10,12 anos, naquela época ocorriam bastantes greves de professores e eles falam sobre a situação deles pra nós, na época a gente ia pra auxiliá-los nas passeatas, mas aquilo, esse tipo de participação me tornou uma pessoa mais engajada. Eu me filiei a um partido e procurei participar porque em todos os lugares que eu estava sempre tinha algum motivo para reivindicar (...)</p>
<p>Regina, mãe de Isabela:</p>	<p>(...) O meu primeiro envolvimento, a gente fez lá em Lages, junto com a UNIPLAC, era as diretas já. A gente saía nas ruas, acampava, mas era muito doido, diferente, era escondido de pai e mãe, não podia. E também a polícia em Lages era muito agressiva. Se eu chegasse e falasse que estava militando levava uma surra. Como mudou né? Não havia entendimento, então a gente mentia, falava que ia a casa de uma amiga, inventava qualquer coisa. Como eu passei a minha juventude em Lages politicamente a gente não tinha muita informação, até chegar no interior demora, o que me chama a atenção eram os movimentos de São Paulo 64, 68, aqui em Santa Catarina, teve a Novembrada, mas como referência posso falar dessa minha pequena participação das diretas já. (...)</p>
<p>Valéria ,mãe de Douglas:</p>	<p>(...) Eu participei de vários movimentos, sou de um grupo de jovens do interior do Estado de São Lourenço do Oeste, então esse grupo de jovens tinha todo uma rede de formação de lideranças com valores comunitários, alternativos à sociedade capitalista e consumista, construindo todo um outro conjunto de formação, não só política. Estudei bastante Paulo Freire depois, quando entrei na universidade participei dentro da pastoral universitária, que era um grupo cristão aqui dentro, nos reuníamos semanalmente pra fazer algum tipo de intervenção na universidade e depois participei em outros movimentos. (...)</p>

Do universo de pesquisa aqui selecionado, constatou-se que todos os pais entrevistados tiveram em algum momento de sua vida, contato com movimentos sociais. Esse contato iniciou para alguns na juventude, prolongando-se para

experiências na vida adulta. Esses exemplos começam a traçar as primeiras impressões e nos confirmam a importância e o peso que esses pais tiveram na participação de seus filhos no Movimento Passe Livre, direta ou indiretamente.

Mesmo observando tais perfis, não podemos aqui afirmar que o engajamento político dos pais e a aprovação dos filhos em movimentos sociais seja condição necessária para que os jovens participem. Assim, como não podemos afirmar que todos os filhos desses pais que já participaram ou participam de movimentos irão necessariamente em algum momento de sua vida atuar em movimentos sociais. Constatamos sim, que tal engajamento contribui na formação educacional e social dos filhos, formando em alguns essa *vontade* participativa.

Porque na época eu convidei uma pessoa que fazia faculdade comigo e que tinha entre 23, 25 anos, não sei ao certo e ela me disse, minha mãe não deixa eu ir e não gosta. E a mãe dela por mais que não gostasse proibia ela de participar e ela tinha vontade, mas eu acredito que tinha vontade, mas não o suficiente, pois muitas vezes pra fazer outras coisas, vão atrás mesmo sem os pais quererem e fazem. Ela não cresceu em um clima de reivindicação, de meter a cara. Talvez meu filho não fosse se eu não tivesse apoiado e talvez se eu até proibisse, aí mesmo que ele não iria. Muitas vezes eles até acham exagero meu...”Mãe tu não pega ônibus, vai lá pra que?” E eu falo e se um dia eu pegar, vou pagar uma nota preta? (CATARINA, setembro de 2007. Comerciante)

Conforme os depoimentos, observamos que podem existir as mais variadas situações, pais que não apóiam, pais que apóiam, filhos que têm apoio e não participam, filhos que não tem apoio, filhos que participam e por aí vai. Porém em ambientes familiares cujas relações entre pais e filhos são desenvolvidas por trocas de experiências em movimentos sociais, surge maior possibilidade para a participação dos filhos. Assim, embora essa relação não seja requisito para a participação juvenil, ela tem um peso importante e mostrou em alguns dos depoimentos recolhidos como um dos principais fatores que auxiliam os jovens a tomarem decisões como as de participar ou não de um determinado movimento.

4.1.2 Participação dos pais no Passe Livre

<p>Catarina, mãe de Leonardo</p>	<p>(...) Eu fui uns três ou quatros dias nas passeatas, fui naquele ano que houve um confronto bem pesado com a polícia, a gente chegou a ir à Beira-mar Norte. Fomos pelo centro até a Mauro Ramos e depois saímos na Beira-mar e ai estava a polícia de choque lá embaixo no fim da rua esperando pela gente, com balas de borrachas gás lacrimogêneo.</p> <p>Eu soube pelo noticiário e num dos dias resolvi ir, fui pra ver como estava, pra dar uma força. A união faz a força, quanto mais gente pensando na mesma idéia, mas fácil as coisas acontecerem. Eu concordo com o movimento não só com esse, mas com outros que forem pacíficos e forem para algum bem, para reivindicar alguma coisa. É a única forma de mostrar o que tu queres, de dizer chega. (...)</p>
<p>Regina, mãe de Isabela:</p>	<p>(...) Eu ajudei, ajudava. “Ah precisa de som, o que nós vamos fazer”. A primeira manifestação deles, aquela que fechou a ponte, que durou não sei quantos dias. Eu dava essa parte de apoio estrutural “não, vamos por um som, vocês precisam de uma caixa grande”. E eles vinham me pedir alguma ajuda. E também apoio emocional, aqui na loja era um QG, qualquer coisa, pra se esconder da polícia, trocar de roupa, sair com uma toca. Porque foi bem agressivo, foi muito violento. Então a gente segura a onda aqui dentro da loja deles.(...)</p>
<p>Valéria ,mãe de Douglas:</p>	<p>(...) Eu fui uma mãe mais apoiadora, não fui observadora, eu sai já da observação, foi uma outra situação de estar perto, de apoiar e tentar articular os professores, pais e mães, não deixar eles a deriva. Tentamos articular uma rede que desse resultado, uma força, uma estrutura mínima, porque talvez eles não tinham uma maturidade diante daquele movimento. Que vão percebendo as redes de apoio que precisassem, então construímos uma rede de apoio pra esse movimento.</p> <p>(...)Eu tinha participado em duas manifestações no centro da cidade apoiando a arrecadação em um show que teve, eu ia participava, já tinha comprado camisetas, alertava um pouco eles para não se confrontarem com a polícia sem nenhum tipo de precaução. (...)</p> <p>(...) O meu filho sempre me convidava pra participar, falava vamos lá ver. Eles convidavam muitos pais, os amigos, convidavam as famílias, colocavam adesivos, sempre foi muito aberto, muito de base, participavam mais de forma igual, sem uma concepção muito de vanguarda. No início foi um movimento muito aberto, com diálogos nas praças, nas universidades, na concha acústica no domingos, à noite no centro da cidade. Sempre em espaços abertos e o povo poderia participar de uma forma bem direta. (...)</p>

Mas uma vez no universo de pesquisa selecionado para análise, verificou-se por parte de todos os pais entrevistados um engajamento com o movimento Passe Livre. Nas entrevistas observa-se que todos participaram e contribuíram de alguma maneira com o movimento. Alguns foram em passeatas, outros além das passeatas auxiliaram nas formações de algumas mobilizações, como foi o caso de uma das mães entrevistada que juntamente com outros pais e professores realizou em frente ao terminal um sopão para os estudantes que estavam acampados próximos ao TICEN.

Eu participei em uma das assembléias que teve em 2004, a gente fez um grupo maior de apoio ao movimento, estávamos vendo os jovens meio que isolados, entre a polícia e o desafio de fechar as pontes. Então convocamos um grupo de lideranças para apoiar o movimento e dali surgiu um dia de fazer um alimento, fizemos uma sopa, na frente do terminal, tinha umas doze mães. Era uma assembléia geral, marcamos uma reunião de apoio, eram lideranças de pais, mães, professores e então surgiram várias atividades, uma delas era uma manifestação de apoio mesmo junto com o movimento, e a outra era para produzirmos um dia do alimento para as pessoas que estavam morando ali no terminal, que ficaram dias acampados. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

Esses pais, além de participarem de alguma maneira do movimento Passe Livre, atuaram e tinham um histórico político engajado, onde demonstraram participação em movimentos anteriores ao MPL.

Dei sim bastante apoio, mas também tem alguma coisa minha, dos anos 80, Diretas Já. Alguma coisa ficou mal resolvida. Ela ia às passeatas com a gente, Fora Collor, Caras Pintadas. Então, agora com eles eu me senti mais livre, foi interessante assim, o resgate da minha cidadania também. Não como mãe, mas como cidadã que tem colaboradoras que precisam de transporte justo. Na hora que eu saía com a bandeira, eu participava do movimento mais como cidadã, como direito meu também de reivindicar de lutar. E até esquecia que a minha filha tava lá na frente gritando. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Essas questões nos remetem a algumas considerações. De acordo com os depoimentos dos entrevistados podemos perceber que esses pais são em muitos casos participativos. Possuem uma visão sobre movimentos sociais e sobre a importância que esses têm para algumas conquistas da sociedade. Suas vivências em movimentos anteriores refletem no Passe Livre e propiciam uma maior aceitação desses pais sobre a participação de seus filhos no movimento.

Teve uma atitude mais radical, foi quando ela ficou presa, não sei quantas horas, foi muito tempo das sete as quatro da manhã. Nesse meio tempo eu não pude ir a delegacia. Fiquei sabendo porque eu ligava, ligava para os celulares e ninguém atendia, eu não quis ir por que eu fiquei com medo da minha reação como mãe, fiquei com medo do que eu poderia fazer lá dentro dessa delegacia. Ai eu me sentia assim, nossa ao mesmo tempo em que eu concordo que eu acho que é por ai, eu não posso expor a minha filha. Fazer dela a bandeira da injustiça. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Não podemos deixar de observar com o depoimento acima que existem nesses pais um olhar contraditório, ao mesmo tempo em que apóiam e incentivam seus filhos a participarem acabam tendo restrições a essas participações, quando, por exemplo, a segurança de seus filhos está em jogo.

Diziam 'ah te cuida, tu não vai sair amanhã né, tu não vai à rua amanhã, porque olha o que já aconteceu'. Era mais por preocupação. Minha mãe que falou alguma coisa assim ' agora deu né, tu chegaste ao limite, agora acabou. É por medo. Tanto é que se tu conversar com ela, ela te fala 'ah realmente é justo vocês não estão fazendo nada errado, vocês estão fazendo uma coisa justa, mas eu não quero que tu sejas detida de novo'. (ISABELA, abril de 2007, Estudante Universitária)

Além de participantes, esses pais têm cuidados, zelam como a maioria dos pais por seus filhos e em muitos casos esse zelo acaba sobressaindo ao movimento. Tal reflexo pode ser visto quando em alguns depoimentos os pais confirmavam que eram favoráveis ao movimento, mas que não queriam que seus filhos se expusessem de uma forma que trouxesse perigo. Assim constata-se que a condição de cautela, embora já faça parte das relações que a maioria dos pais têm com seus filhos, fica mais visível quando se inicia uma comparação ou um confronto entre apoiar e exercer o papel de mãe ou pai cautelosos.

4.1.3 Influências

Dupla 01

<i>Regina</i>	<i>Isabela</i>
<p>(...) Eu acredito muito, não só no caso do meu filho, mas observando os filhos de amigos. Sem os contatos dos pais, nossa, seria diferente, como influencia. Filhos de amigos meus que às vezes eu vou conversar, tu começa a observar, o que eles falam, o que eles acreditam, como o exemplo, a educação, a convivência com os pais influencia, de uma certa forma, podemos ter isso até nas escolhas musicais (...)</p> <p>(...) Mas a gente percebe que os filhos têm um caminho individual, a gente vai deixando alguns objetos, algo que seria a educação, algo que seria uma referência, algumas coisas tu vai dando para teus filhos na convivência, uma boa conversa, um bom livro, mas o caminho deles é individual. Muitos deles não pegam aquilo pra si, outros adquirem um contato maior, mas os pais influenciam muito (...)</p>	<p>(...) Eu acho que se eu tivesse tido outra educação, talvez até fosse contra. Mas não que eles me incentivaram a participar do movimento Passe Livre. Eles não falaram 'vai lá', mas também eu falei que ia participar e não teve nenhuma mobilização contra. Teve aquela coisa 'se cuida'(...)</p> <p>(...) Sempre tem alguma coisa que tu é influenciado, claro, até mesmo eu nunca fui assim de poder ver e escolher, o que também já é uma certa influência. Por exemplo, eu ia fazer catequese, daí minha mãe falou 'ta tu não precisa fazer se tu não quiser, tu não é obrigada', eu fui assisti uma aula, não gostei e não fui mais. Não senti obrigação, se eu quisesse eu faria, mas ela não me obrigou (...)</p>

Dupla 02

<i>Catarina</i>	<i>Leonardo</i>
<p>(...) Na época, eu lembro que a gente comentou em casa depois, que conseguimos reduzir as tarifas, todo mundo ficou contente, porque tinha sido resolvido alguma coisa e nós fomos às ruas, colaboramos. Apesar de ter um pai engajado, e eu também, na verdade lá em casa eles não têm muito interesse. Mas se ele foi, e meus outros filhos também, foi por causa de mim, de qualquer forma sem mim eles não iriam de jeito nenhum (...)</p>	<p>(...) Minha mãe me incentivava eu pensava, poxa to vendo minha mãe lá e eu não vou? Não vou lutar? Minha mãe que começou, foi a primeira a ir. Fui incentivado por minha família, que estava ali lutando por uma coisa que mais tarde eu posso ter (...)</p>

Dupla 03

<i>Valéria</i>	<i>Douglas</i>
<p>(...) Depende da relação que os pais tem com seus filhos, nós tivemos uma relação sempre muito aberta, de confiança, contando a importância em se participar, explicando o que são movimentos pela disputa por água, meio ambiente, pela cidade, por praças. A gente vê que esse envolvimento é fundamental para que se desenvolva um pouco desses valores que os pais passam para seus filhos(...)</p> <p>(...) Quando eu fui fazer meu mestrado em São Paulo, trabalhando com Paulo Freire eu convivia com vários professores que colocam a tristeza em ver seus filhos muito distantes de seus projetos, eu escutava isso e dizia, poxa eu não queria que fosse assim, então tu vai aprendendo com os erros dos outros, que deixavam seus filhos muito longe desse compromisso, meus pais não me ensinaram a participar e quando os pais iniciam, os filhos dão continuidade (...)</p>	<p>(...) Minha militância teve com certeza o auxílio de meus pais, por eles conversarem comigo, me contarem exemplos de lutas, dialogarem. Minha mãe tinha cautela comigo, me incentivava, mas falava pra eu ter cuidados, pra não ficar na linha de frente (...)</p>

Nas entrevistas verificou-se que podem existir dentro da participação dos jovens no movimento diversos fatores que impulsionam e incentivam. Dentro delas, escola, amigos, professores e *família*. A família, representada pela relação com os pais, apresentou-se como uma das mais importantes fontes para apoio.

Acredito que da família não tem como fugir, é um núcleo. Não tem como você sair desse núcleo. Às vezes você quer renegar um pouco a família, principalmente na minha época, não é legal o convívio doméstico. Mas hoje aos 44 anos eu percebo, a influencia da família. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Verificou-se que dos filhos entrevistados, todos tiveram apoio de seus pais em maior ou menor grau. Os pais transmitiram e proporcionaram a seus filhos uma educação que os levaram a observar o movimento e a participarem do mesmo. Um outro item constatado também é que todos têm um relacionamento tranqüilo com seus pais, não foram mencionados problemas graves de relacionamento nas famílias.

Foi possível observar nas entrevistas que o nível de apoio foi diferente em cada relação, mas foi importante em todas elas e contribuiu para a formação política desses estudantes. Outro ponto foi que todas as duplas confirmaram que os pais influenciam e tem uma grande importância para a participação desses jovens.

Não diretamente, não que eles falaram ‘ ah vai participar’, mas indiretamente sim, por exemplo, quando eu era criança eles me levavam a manifestações grandes como pelas diretas. Eu lembro também que quando tinham eleições, lembro de bandeiras do PT, tinha comícios com muitas bandeiras e eles me levavam e lembro que eu tinha até uma camiseta do Lula. Mas mais do que isso não lembro e é por isso que eu falo que é indireto. (ISABELA, abril de 2007, Estudante universitária)

Os estudantes entrevistados confirmaram também que os pais foram fonte inspiradora na hora de participar do movimento e que direta ou indiretamente esses pais contribuíram para que eles estivessem no movimento Passe Livre.

4.2- Jovens e a Participação Política

Vimos no decorrer dessa dissertação exemplos variados de participação juvenil, caras pintadas, a geração de 68, movimento Passe Livre. Essa juventude cada qual em sua época moveu-se em direção a um objetivo específico e diferente em cada movimento. Todos esses jovens, porém, além de serem estudantes e possuírem em comum a faixa etária foram motivados por algo ou alguma coisa. Relações estabelecidas com outros jovens e com o próprio movimento que os levaram a participação política.

Para ANN MISCHÉ (1997 p. 138) um dos maiores problemas em se explicar a participação dos jovens é a utilização de modelos estáticos e deterministas de influências sociais. Para a autora precisamos de novos instrumentos de análises mais reflexíveis, capazes de compreender o dinamismo, a contingência, e a multiplicidade das experiências e interações sociais. Assim para compreendermos quais são os motivos que levam os jovens a participar temos que ter em mente como são as redes interpessoais e organizacionais nas quais esses jovens se encontram e como essas redes influenciam na articulação de projetos pessoais e sociais.

Um dos primeiros passos para se reconhecer o potencial participativo da juventude é observamos sua identidade. Essa palavra pode ser entendida como qualidades agregadas a determinados grupos sociais, como classe, nacionalidade e faixa etária. Esses itens mostram o que é visível sobre a identidade do jovem, um primeiro contato com realidades fixas, servindo mais para fins quantitativos do que qualitativos. Porém, a identidade propriamente dita vai muito além das atribuições percebidas. De acordo com MISCHÉ:

Esse conceito abarca a dimensão intersubjetiva de redes sociais: cada rede representa um repertório mais ou menos delimitado de reconhecimentos coletivos, que dão sentido e direção aos laços sociais. Redes diferentes – por exemplo, de trabalho, bairro, escola, família – dão visibilidade social às dimensões específicas de experiências que são relevantes naquele círculo, entre a multiplicidade de conexões que poderiam ser feitas. (MISCHÉ, 1997, p. 139)

Nesse sentido não são apenas atributos que caracterizam a identidade do jovem, mas também suas experiências e trocas com pessoas e instituições que acabam criando o reconhecimento e a identidade juvenil. Observamos também que essa faixa etária de aproximadamente 18 a 25 anos é sensível na formação de sua identidade. Experimentam vários círculos ou redes, como família, colegas, lazer, trabalho e política que auxiliam e contribuem para sua formação.

Experiências dentro de vários locais sociais criam as oportunidades e barreiras, esperanças e frustrações, que levam os jovens a experimentar diferentes futuros possíveis, com mais ou menos receptividades às identidades e projetos pré-concebidos que são oferecidos pela sociedade. Muitas vezes as soluções encontradas implicam em uma fusão de múltiplos “projetos-em-formação”, cristalizados numa dada identidade social. (MISCHE, 1997, p. 140)

Outro autor que nos traz afirmações importantes nessa mesma linha de raciocínio é MELUCCI. Para ele a ação juvenil não se deduz pela condição social, e é necessário para analisá-la identificar outros itens como os problemas que estão no centro dos conflitos sociais e os campos para os quais se joga o confronto para o controle de recursos decisivos. Assim, MELUCCI, afirma que somente após essa análise é possível verificar quais elementos da condição juvenil são suscetíveis de ativar uma ação coletiva. “Nessa ótica, a análise da condição deveria revelar-se como impulso à diferenciação, e os processos de expropriação da identidade se radicam na condição juvenil e no modo como acontece a mobilização dos jovens” (MELUCCI, 2001, p.101).

O mesmo autor nos afirma que nas sociedades mais avançadas e complexas, os espaços criados pelos jovens se concretizam com a escolarização de massa. Ou seja, a estada desses jovens no ambiente escolar propicia o acesso às funções adultas, prolonga o tempo da fase inativa ao trabalho e cria condições espaço temporais para a agregação de uma identidade coletiva. Essa identidade própria do jovem é definida pela necessidade dos modos de vida e linguagens próprios. Esses conceitos da condição juvenil são também amplamente percebidos pelo mercado, que se une a essa parcela oferecendo símbolos, música, rótulos e marketing.

A condição juvenil é, por excelência, uma fase de passagem e de suspensão, se prolonga, se estabiliza, torna-se condição de massa, não mais ligada à idade biológica. Os desequilíbrios entre a escola e o mercado de trabalho vão bem cedo inserir, neste prolongamento, um sinal de precariedade coercitiva: o reencaminhamento do ingresso nos papéis adultos não é só liberdade, mas marginalidade imposta e vivida, desocupação, impossibilidade de uma real autonomia econômica. (MELUCCI, 2001, p. 102)

Os jovens são importantes para o mercado e para a economia. São grandes consumidores e interagem constantemente com esse mercado, criando e confirmando seus símbolos através dele. Além do mercado econômico, os jovens estão envolvidos também pelo mercado de trabalho. A falta de uma autonomia econômica acaba por complementar o que chamamos de condição juvenil. São características que somadas a outras tantas como a dependência dos pais, a insegurança em decisões como as relativas à escolhas profissionais, aguçam e revelam ainda mais o perfil da juventude.

A condição juvenil pode revelar também um certo *conformismo* dos jovens ou uma *indiferença*. Essa questão é bem desenvolvida por MELUCCI, o autor nos afirma que essa indiferença pelo poder, embora parecendo estranha, esconde uma mudança radical nas atitudes frente ao poder e à natureza dos conflitos. O poder passa a ser reconhecido, contrapondo responsabilidades como respostas dos sujeitos de ação.

A possibilidade de ocupar um espaço de autonomia nas relações sociais, sem negar a disparidade, transforma-se numa condição para a ação, para a iniciativa, para a mudança. O que a cultura juvenil questiona não é que o poder desapareça, mas que ele seja visível e que possa ser avaliado. E, dessa forma, assume conotações antagônicas nos confrontos dos sistemas de regulação e de controle que tendem a tornar sempre mais visível, impessoal e frio o poder. (MELUCCI, 2001, p. 105)

Assim não são as lutas e os movimentos juvenis necessariamente contra o poder e contra os desdobramentos que esses têm para a sociedade quando a regulam. Os jovens reconhecem esse poder, observam suas atuações e o que na maioria das vezes questionam é a visibilidade e avaliação deste para a sociedade. Questões como essas impulsionam os jovens para a ação e tornam-se antagônicas na medida que muitos deles são caracterizados como apáticos ou conformistas, mas que, porém podem não o ser. A prova disso é o próprio

movimento em estudo, onde conseguiram reunir diversas representações juvenis, aqueles que participaram e ajudaram na organização e outros que optaram por não colaborar ou participar, por exemplo.

Outra característica importante para observarmos a participação política e sua condição juvenil são seus provisórios interesses, assimilações e escolhas. Os jovens acabam exigindo medidas em curto prazo, valorizam o presente como condição para mudanças. “Exige que aquilo que vale se afirme no aqui e no agora; reivindica o direito a provisoriedade, a reversibilidade das escolhas, à pluralidade e ao policentrismo das biografias individuais e das orientações coletivas” (MELUCCI, 2001, p. 105).

São por questões como essa que esses jovens entram e saem rapidamente da participação em movimentos. Podem estar lutando hoje por uma causa e modificá-la ou não ser mais adepto a ela no dia seguinte. Essa participação a qual falamos não se restringe a movimentos estudantis como o Passe Livre, podem ser observadas em movimentos de rap, funk, políticos, anarquistas e tantos outros. O que trazemos é que essa fase antagônica e incerta faz surgir nesses jovens a participação, onde “as mobilizações juvenis funcionam como reveladoras; elas fazem despontar questões profundas, problemas e tensões que permeiam toda a sociedade. No tempo e no espaço que o conflito delimita, os jovens não falam mais por si mesmo: ser jovem não é mais somente um destino, mas se transforma em escolha para mudar e para dirigir a existência. (MELUCCI, 2001, p. 105). As teorizações levantadas acima nos instigam a investigar as entrevistas selecionadas sobre os três pontos apresentados anteriormente: ***Entrada no Movimento, Participação no Passe Livre e Experiências.***

4.2.1 Entrada no Movimento

Douglas	<p>(...) Eu tinha acabado de entrar na faculdade, eu já era meio militante de outro movimento, do colégio aplicação, do grêmio. Já estava tendo Passe Livre lá, na época do colégio, só que eu nunca tinha entrado na luta, eu não participava, mas entrando na faculdade, tinha uma pessoa da minha sala que era bem militante, ela me convidou pra ir, eu gostei e comecei a participar. Antes eu já havia participado de algumas coisas, mas nada tão a fundo, era mais partidário, na época eu não percebia, mas hoje eu vejo. (...)</p>
Leonardo	<p>(...) Eu participei do Passe Livre, na verdade no meu colégio eles incentivaram bastante, alguns professores nem davam aulas, nos liberavam pra ir às passeatas. Tinha um professor, que era bem forte, nos levava no Passe Livre, o colégio parou.</p>
Isabela	<p>(...) Eu participei de um movimento anterior ao movimento Passe Livre, que era a campanha pelo passe livre, foi aí que eu comecei a participar. A gente foi e era a entrega de abaixo-assinados pela campanha pelo Passe Livre, depois daquilo que surgiu o movimento, bem depois, três anos depois (...)</p>

No universo de pesquisa selecionado pode-se observar que os três estudantes tiveram contato com instituições e uma rede de pessoas que contribuíram para que eles entrassem no movimento. As instituições a que me refiro são as relacionados no âmbito educacional, no caso dos entrevistados a sua própria escola e a universidade.

O pessoal do Colégio Aplicação iam ao colégio e disponibilizaram ônibus que paravam em frente do Simão e levavam a gente. Ia mais o pessoal do segundo grau, que estavam mais ligados com o Passe Livre, tinha gente do colégio que não ia. (LEONARDO, agosto de 2007, Estudante)

Esses estudantes mostraram que se envolveram no movimento Passe Livre por intermédio de amigos ou colegas que já tinham contato com o movimento. Esses jovens, tanto os que foram ponte de ligação entre o entrevistado e o movimento, quanto os próprios entrevistados tiveram a instituição educacional, escola ou universidade, como suporte ou local próprio para que se concretizassem ainda mais suas participações dentro do movimento Passe Livre. Essa categoria, porém, será debatida no item sobre escola e educação.

Os estudantes que participaram do movimento, de acordo com esse universo de pesquisa entraram por intermédio de alguns eixos de influência, como escola, família ou amigos.

É eu quis ver o que era, porque uma das meninas que passou lá eu conhecia porque ela era irmã de uma amiga minha, eu não sabia muito, mas sabia quem era ela. Eu fui mais por curiosidade. (ISABELA, abril de 2007, Estudante universitária).

Essas pessoas e instituições foram para esses estudantes uma ponte, uma ligação de apoio que possibilitou a eles se inspirarem, terem curiosidade e acabarem observando e participando do movimento que até então era completamente desconhecido e novo para muitos.

Assim para que a participação efetiva desses jovens ocorresse foi necessário, de acordo com o universo pesquisado, de uma *ponte de ligação* entre eles e o movimento. Essa ligação foi estabelecida por diferentes eixos, para alguns a participação veio por intermédio de colegas ou amigos, para outros surgiu no ambiente familiar. Porém, todas elas, até mesmo por se tratar de um movimento estudantil, tiveram como local principal de desenvolvimento o ambiente escolar, tanto na universidade quanto nas escolas secundaristas.

4.2.2 Participação no Passe Livre

Douglas	(...) Hoje eu participo muito menos, não vou mais as reuniões. Eu participei por dois anos no movimento. Acho que eu colaborei para o movimento, algumas vezes eu queria me doar totalmente pelas causas e outras vezes não, queria ir com mais cautela. Ao mesmo tempo em que eu queria ir em busca com as pessoas de algo que fosse justo, eu pensava em ir mais devagar, pois eu tenho a tendência a me jogar de cabeça. Acho que eu poderia me prejudicar, participar de todas as reuniões e acabar deixando de lado outras coisas, pois ocupa bastante, no final de semana, nos estudos, daí acaba muitas vezes deixando outras coisas de lado. (...)
Leonardo	(...) Eu fui porque muita gente falava, “nós vamos conseguir e vocês vão de carona. A gente vai lutar por alguma coisa que mais tarde vocês vão ter”. A união faz a força, eu fui pra ajudar. (...)
Isabela	(...) Mas sempre que eu posso, eu participo. Atualmente se estou com um estágio na faculdade ou muitas coisas, eu não fico envolvida, não me envolvo quando eu estou em outros momentos, mesmo porque não está naquela explosão do movimento, está mais calmo, mais discussão disto que eu estou te falando. Quando tem uma manifestação de outros movimentos, como o movimento das mulheres camponesas, o MST também participo, mas não como militante, mas como simpática, ajudante, em fim. Como militante seria só no movimento Passe Livre. (...)

A participação de jovens em movimentos sociais está amplamente relacionada como visto até aqui por instituições e pessoas que são fundamentais para a entrada e até continuidade dentro de um movimento.

A participação dele teve uma inspiração de valores que ele aprendeu em casa. A consciência política, ela não tem muitas fronteiras então às vezes ela atravessa todas as dificuldades, você pode estar cercado por todos os lados, mas sempre se encontra alguém ou algo que te abra os olhos. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

Esse ‘abrir de olhos’ citado por um dos entrevistados nos remete a observar que além dessa troca de experiência e incentivo de pessoas ou algo, a permanência no movimento requer curiosidade e continuidade por parte desses

jovens. Assim, podem existir casos de irmãos em uma mesma família que embora tenham tido uma educação similar acabam seguindo rumos diferentes em escolhas como, por exemplo, envolvimento em movimentos estudantis. Portanto, é particular e singular a participação, é própria de cada jovem. A entrada em movimentos e a continuidade dependem muito de suas vontades e objetivos próprios.

A militância, você adquire com a maturidade até por questões pessoais. Quais são os valores que eu quero como cidadão, dentro de casa, ela foi influenciada pelas conversas, a gente sempre conversou muito e temos essa questão forte, da injustiça social. Ela teve e acredito que isso também é muito dela, porque tenho mais dois filhos e eles não participam e tiveram o mesmo tipo de educação. Depende do interesse pessoal, da história de vida de cada um e isso tá muito dentro dela. Já caminhava para isso, tendia para um perfil não tanto infantilizado, não era tão sonhadora, não fantasia tanto. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Assim como existiam jovens participantes envolvidos pelas questões aqui desenvolvidas, tinham também aqueles que fizeram *volume* ao movimento, mas que não tinham quase nenhuma idéia sobre ele. Muitos que participaram conforme as entrevistas iam pela onda participativa que havia se formado principalmente nos ambientes escolares. Buscavam uma espécie de “adrenalina”, de emoção em estar no meio da confusão e caos que se estabeleceu na cidade quando ocorriam confrontos entre os estudantes e o policiamento. Muitos desses ao contrário de outros, não sabiam muita coisa sobre o movimento e sobre os possíveis desdobramentos que sua participação poderia acarretar tanto pessoalmente quanto socialmente. Essa adrenalina observada no movimento é o que MARGULISE e URRESTI (1996), chamam de moratória vital, aqui observada como capital energético. Nela é que se desenvolve o valor de uso e troca.

Isto é, a linguagem social que compatibiliza esta diferença energética num signo (capital simbólico) que permite sua intercambialidade, em uma abstração que permitindo, por sua vez, uma particular distribuição social, por classe, desse capital, em que jogam os interesses do “mercado”. (Margulis e Urresti, 1996, p.23).

A apropriação desse capital simbólico está interligada a uma espécie de *crédito* de caráter social, onde a sociedade, através das variadas instituições, oferece aos jovens a possibilidade de se apropriarem desse capital simbólico. Esse crédito formativo social permite uma reprodução na sociedade. MARGULIS e URRESTI o chama de moratória social.

Essa energia vital própria da moratória muda de expressão: o capital energético se converte em outra coisa, se mobiliza com outra lógica, aparecendo como crédito social, uma massa de tempo futuro, não investido, disponível de maneira diferencial segundo a classe social. Aqui é onde aparece a importância das transições que articulam a moratória social pelas quais se define a juventude que é o ponto de entrada pelo qual normalmente se opta na bibliografia especializada. Aí se pode notar claramente como se dá a passagem do crédito energético ao crédito social, e ao tomar a definição de seu objeto exclusivamente deste último, isto é, já objetivado socialmente, se aceita implicitamente o prejuízo social que este traz incorporado, caindo na ideologia que rege a produção dominante de “juventude. (Margulis e Urresti, 1996, p.23)

Percebe-se que esta moratória vital e social ao qual falamos é constituída nos jovens por essa busca de adrenalina. É a sensação de estar participando pela vontade de sentir emoções e medos, aos quais se busca concretizar ao correr da polícia, ao estar *contra* a ordem social, por exemplo. Porém, mesmo que inconscientemente, ocorre uma troca de capital energético para crédito social. Tal fator foi constatado no MPL. Onde muitos, mesmo que *energicamente*, trouxeram um grande volume e de alguma forma, somaram ao movimento.

Tinha os arruaceiros que jogavam pedras, mas os policiais também abusavam. Tinha gente que ia só pra correr da polícia, pela adrenalina, pra fazer bagunça e o pessoal do Passe Livre acabou levando a culpa, que apanhava. (LEONARDO, agosto de 2007, Estudante)

A participação é, portanto algo próprio de cada jovem, que é na maioria das vezes envolvida por algum motivo. Esses motivos podem ser muitos e distintos, mas acabam diferenciando e caracterizando os jovens, aqueles que buscaram uma participação ativa e os que participaram por outros motivos, como as arruaças, por exemplo.

4.2.3 Experiências

<p>Douglas</p>	<p>(...) Mudou completamente no termo de maturidade política, me serviu para não ficar tão introspectivo, uma vida mais ativa, não quero que alguém diga pra mim o que eu quero. No passé livre eu consegui perceber a dificuldade da política participativa, como lutar por uma coisa que eu quero é complicado, porque as pessoas querem coisas diferentes, o mais importante é a união pela causa? Ou vamos ser diferentes? Pra mim é uma polêmica e que ainda não está respondida. As pessoas não participam às vezes pela causa ou porque são acomodadas. Poderiam não concordar com o movimento, mas poderiam participar e indicar uma outra forma de luta. (...)</p>
<p>Leonardo</p>	<p>(...) Foi uma única participação que eu tive, mas hoje se eu gostasse de algum outro movimento eu participaria por isso foi importante. (...)</p>
<p>Isabela</p>	<p>(...) De ver as coisas de outro jeito, de não naturalizar o que está “ porque está assim tem que ficar assim pra sempre”, eu acho que isso, participar de um movimento faz a gente pensar que as coisas podem se modificar e que junto com outras pessoas a gente pode tentar promover isso, mudanças. Acho que é uma questão de prioridade. Algumas pessoas têm umas prioridades e outras têm outras. Por exemplo, pra mim é uma prioridade lutar pela melhoria do transporte coletivo, pra outras pessoas pode não ser. Não sei se é porque elas acham que é imutável ou se realmente elas se interessam por outras coisas e acham que é baboseira. Sei lá, é prioridade. Pelo que eu vejo tanto no meu curso, como com as pessoas que eu converso, eu acho que pode ser 50% a 50%, tem muita gente que tem outras prioridades como eu te falei, mas acho que tem bastante gente que ta engajada ainda. (...)</p>

O movimento Passe Livre direta ou indiretamente proporcionou a esses jovens estudantes que participaram algum tipo de experiência. Essas experiências a qual falaremos nessa parte da dissertação dizem respeito não somente em nível de movimento social, mas também foram experiências pessoais.

Então toda essa experiência acaba sendo parte dele, impulsionando a novos movimentos, abrindo possibilidades, torna-se mais observador, descobrindo o que tem por trás das coisas. Olhando para a cidade, e por um tempo pequeno, eles conseguiram exercer um papel importante e com ousadia, com coragem. É uma pena que depois eles entraram em racha no movimento, pela disputa de poder, se fragmentaram. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

O fato é que muito embora tenham tido um contato em maior ou menor grau, os entrevistados confirmaram que o movimento foi não só importante para a redução das tarifas, mas também para a sua vida pessoal. Afirmam que com o movimento aprenderam questões como cidadania e liderança, e que sua participação nesse movimento pode abrir possibilidades para participarem de outros, que lhes chame a atenção.

Até outro dia teve uma manifestação da prefeitura, dos servidores, então eles usavam os mesmo modelos, com apito, aquelas faixas, cartazes. Serviu como despertar, eles abriram, dá pra gente fazer. Independente do que causa, o resultado, quando a cidade se mobiliza, as pessoas param para pensar, com certeza contribuíram e agora eles estão em outra fase. Na época eu os achei muito corajosos. Foram audaciosos, estrategistas. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Experiências para a cidade, experiências para os jovens e para os cidadãos. O movimento Passe Livre trouxe contribuições tanto para os que participaram, pelas experiências que tiveram, quanto para aqueles que o observaram. Com suas singularidades o Passe Livre tornou-se parte da história da cidade e dessa juventude.

4.3- Jovens e a Escola

Ao analisarmos os jovens e suas relações com o mundo, devemos observar que os mesmos encontram-se em processos de socialização, começando na família e estendendo-se para outras instituições como a escola, grupos juvenis e outros mais. Os indivíduos não nascem membros efetivos da sociedade, mas com a tendência à sociabilidade tornam-se membros dela. Passamos a interiorizar as coisas que já existem no meio social, contribuimos e acrescentamos nessa existência, ao mesmo tempo em que participamos dela.

A primeira socialização do indivíduo é realizada na família, onde se tem uma estrutura social objetiva composta por diversos significados. Essa primeira etapa de significados é praticamente imposta, sem muitas escolhas. Somente a partir de outras socializações como a escola, por exemplo, é que o indivíduo começa a experimentar outras instituições que acabam por compor suas individualidades.

A socialização primária transmite conteúdos cognitivos que variam de uma sociedade para outra, mas que compreendem, fundamentalmente, o aprendizado da linguagem e, por seu intermédio, o aprendizado de diversos esquemas motivacionais e interpretativos da realidade, assim como os rendimentos do aparato legitimador da validade desses esquemas. Esse aprendizado ocorre em condições peculiares. Essas condições caracterizam-se basicamente pela presença de um grande componente afetivo e emocional, que outorga a um aprendizado uma sólida ancoragem na estrutura pessoal do sujeito. (TEDESCO, 1995, p. 100)

Ao procuramos compreender os jovens temos que os observar dentro das possíveis instituições que formam sua socialização. Em meio a uma sociedade complexa a primeira socialização do indivíduo é na família, daí a importância desta no processo de fonte de inspiração ou influência a participação em movimentos. A segunda e também importante instituição para a socialização é a *Escola*.

Para que um indivíduo faça parte de uma sociedade é necessário um processo formativo mediante o qual o sujeito em causa aprende ou interioriza os elementos que definem sua participação nessa sociedade (linguagem, esquemas de conduta, esquemas legitimadores etc..). Deste ponto de vista, educação é socialização e, como tal, constitui um fenômeno necessário em toda estrutura social que pretende perdurar. (TEDESCO, 1995, p. 99)

A escola e a família não são, porém as únicas instituições possíveis para a socialização do indivíduo, sobretudo o jovem. A aprendizagem e interação são realizadas em diversos outros espaços e é a interação desses espaços com o indivíduo que se constitui a personalidade e individualidades.

A família, a escola e o trabalho são as instituições que historicamente educam as novas gerações, apresentam-lhes o mundo, ensinam-lhes sobre ele e as preparam, em grau, maior ou menor, com autonomia e capacidade crítica para nele viver. Nos últimos anos, porém, a função socializadora dessas instituições está sendo dividida ou até perdendo espaço, seja para a mídia ou mesmo para grupos culturais juvenis, que ocorrem em diferentes lugares que, de uma maneira ou de outra, estão realizando a educação dos jovens para interagirem com o mundo. (CALLEGARO, 2007, p.28)

O ambiente escolar apresenta-se como um espaço educativo para o jovem que possibilita a imersão de outros grupos, instituições e lugares. Nesse espaço as pessoas interagem por meio de culturas e informações trazidas pelos mais diversos campos, como, família, meios de comunicação, grupos juvenis e outros. Essas instituições e campos fazem com que o ambiente escolar, seja importante também para a formação e participação desses jovens em movimentos sociais.

Os jovens, tendo a oportunidade de reunirem-se em grupos acabam constituindo diversos deles, sobretudo em espaços como a escola. Esses grupos juvenis de acordo com NAKANO (apud CALLEGARO 2007 p.29), reúnem-se de maneira mais ou menos organizada e estruturada, estabelecendo relações significativas e ganhando uma configuração como grupo por meio daquilo que realizam coletivamente. Dessa maneira, esses jovens acabam formando grupos juvenis de acordo com a aproximação de gostos, tendências, crenças e valores. Reúnem-se em grupos de certa forma parecidos, constituídos por semelhanças que os aproximam, como, por exemplo, gostos musicais, ideológicos e políticos. Há existência de inúmeros grupos juvenis e a possibilidade da participação em diversos deles, faz com que movimentos como o Passe Livre, sejam bastante heterogêneos e constituídos por jovens de diversas e diferentes *tribos*. De acordo com DURAND (2000):

A sociabilidade parte do processo de socialização vivenciado pelos jovens em seus grupos, nos quais constroem suas experiências cotidianas, que giram em torno do lazer, isto é, de atividades que absorvem as horas livres e ocupam diversos espaços, como campo potencial de liberdade. Falo das *escolhas positivas*, autônomas, feitas pelos jovens, que além de terem o caráter de aprendizado, lhes transmitem fortes significados e, acima de tudo, lhes dão prazer na formulação de suas práticas sociais.

Assim quando falamos em *Jovens e Escola*, estamos nos referindo a um ambiente escolar propício para a constituição e formação de espaços para possíveis movimentos. O ambiente escolar apresentou-se para o Passe Livre como um lugar possível para divulgação e formação do movimento. Podemos observar com as entrevistas que os jovens que participaram tiveram no ambiente escolar, com amigos, colegas, professores e saberes, um local de referência, onde se iniciou para muitos, o primeiro contato com pessoas envolvidas ao Passe Livre e com o próprio movimento.

Outro ponto relevante ao abordarmos a interação desses jovens com os diversos espaços que contribuem para a socialização do indivíduo é a possibilidade desses jovens aprenderem e interagirem.

A socialização pode ser definida como o processo pelo qual se interiorizam “submundos institucionais”, cuja maior ou menor complexidade deriva do grau alcançado pela estrutura social. Cada “submundo institucional” supõe uma linguagem específica, esquemas de comportamento e de interpretações mais ou menos padronizados, bem como concepções particulares destinadas a legitimar as práticas habituais. (TEDESCO, 1995, p. 101)

Compreendemos que a juventude ao interagir com diversos espaços é capaz de criar o seu próprio lugar. Trazem um mundo individual onde pode ser criado ambientes como músicas, valores, princípios e comportamentos próprios. Esse processo de “criação” do jovem ou dos grupos juvenis é favorecido pela socialização e contato que esses têm com os mais variados campos culturais e que contribuem para isso, como o ambiente escolar.

A *escola* ao qual nos referimos nesse trabalho constitui-se por um ambiente de aprendizado onde as inter-relações dos jovens com a sociedade e com a própria comunidade, são importantes para a formação desses jovens tanto em

níveis de educação quanto para o movimento. Essa abordagem de *escola* amplia-se também quando dialogamos sobre ela. O ambiente não se restringe à escola secundária, mas é formada também pelo ensino universitário.

O movimento Passe Livre teve tanto apoio de estudantes oriundos da rede secundária de ensino, particular ou pública, quanto da universidade, refiro-me aqui, sobretudo de universitários vindos da Universidade Federal de Santa Catarina. Dessa maneira, esses espaços educativos foram fundamentais para a divulgação do movimento, não só por esse ser um movimento estudantil, mas também por esses espaços, como visto, fazerem parte da socialização do indivíduo e que somados a outras instituições e culturas propiciaram a participação juvenil.

Para observarmos essas questões nos depoimentos colhidos, dividiremos a análise em dois blocos: o primeiro ***Ambiente Escolar*** e o ***segundo Vivências de Amigos e Professores***.

4.3.1 Ambiente Escolar

Leonardo	<p>(...) No meu colégio eles incentivaram bastante, alguns professores nem davam aulas, nos liberavam pra ir às passeatas. Tinha um professor, que era bem forte, nos levava no Passe Livre, o colégio parou. O pessoal do Colégio Aplicação ia ao colégio e disponibilizaram ônibus que paravam em frente do Simão e levavam a gente (...)</p> <p>(...). Na verdade, na hora que eu saía do colégio, que era 6, 6 e pouco era a hora da caminhada pela beira mar, depois íamos pro terminal Rita Maria e aí era aquela bagunça, não dava pra entender direito. Era só pedra, aquela correria. Seis horas da tarde já era aquela bagunça, jogavam pedras, paus.(...)</p>
Douglas	<p>(...) Eu tinha acabado de entrar na faculdade, eu já era meio militante de outro movimento, do colégio aplicação, do grêmio. Já estava tendo Passe Livre lá, na época do colégio, só que eu nunca tinha entrado na luta, eu não participava (...)</p>
Isabela	<p>(...) Na escola onde eu estudava, a escola técnica, teve uma manifestação que passou por lá, daí eu estava lá e fui ver o que era isso, fui ver o que estava acontecendo. (...)</p> <p>(...) Assim, foi mais depois do segundo grau. Que daí eu me envolvi com o grêmio da escola, da escola técnica, mas assim, antes disso não. (...)</p>

O movimento Passe Livre por ser um movimento estudantil teve uma grande participação do ambiente escolar, aqui envolvido tanto pelo ensino médio, quanto o universitário. Entendemos que esse ambiente foi propício para que os jovens que participaram do movimento se organizassem e divulgassem suas lutas. Pelas entrevistas realizadas, constatamos que nas escolas e nas universidades, principalmente as da rede pública, ocorreram grandes chamadas de estudantes para a participação. Dessa maneira, grupos de “liderança” e que estavam à frente da organização e do movimento chamavam outros para que participassem.

Eles tinham um grupo em torno de oito pessoas que eram da frente, tinha o Marcelo, tinha o Ary, tinham duas lideranças e outro grupo que eram formadores de opiniões com essas lideranças. Ocupavam o recreio das escolas, mexiam com os jovens. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

Nos espaços escolares os jovens iam chamando outros jovens. Formou-se uma grande rede onde amigos e colegas passaram a convidar *seus conhecidos* para que conhecessem e se envolvessem com o movimento.

Ele chegou em casa comentando sobre o movimento, pois o pessoal do colégio foi nas salas chamando eles. Convidaram e ele foi, os professores também os incentivavam de não irem as aulas e irem as passeatas ajudar no movimento. (CATARINA, setembro de 2007. Comerciante)

Ela foi estudar na escola técnica, até então ela não tinha participação em movimentos sociais. Indo pra escola, com 16 anos ela conheceu o movimento. Na época se chamava Juventude e Revolução e alguém foi na sala dela e passou o panfleto de manifestação que teria naquele dia. Então, ela conheceu, ela viu, acho que algo bateu dentro dela e ela foi pras ruas a partir dali, desse contato com o pessoal na escola. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Alguns professores, principalmente nas escolas públicas municipais de Florianópolis eram favoráveis e também participaram do movimento ao lado de seus alunos. Conforme os depoimentos, podemos verificar que em alguns dias as aulas foram suspensas, assim como também, houve a disponibilização de ônibus em frente de algumas escolas onde levavam os jovens para as passeatas no centro da cidade.

Dentro dos mais diversos tipos de participação ocorreram também de acordo com as entrevistas, alguns que “iam para *sentir a adrenalina* de correr da polícia”, outros que eram engajados e sabiam os motivos reais de sua participação e outros que iam mais pela *onda participativa* que tinha sido formada no ambiente educacional.

Na verdade ele foi mais no embalo do movimento, não é que ele estivesse empenhado. Ele foi bem tranquilo, comentou que ia, mas era mais impulsionado pela onda do movimento mesmo. Claro que ali dentro do movimento tu fica ouvindo de tudo e acaba sabendo mais sobre o movimento. (CATARINA, setembro de 2007. Comerciante)

Essas variadas formas de participação foram enriquecedoras. Tanto como já falado pelas experiências que esses jovens adquiriram, quanto pelo número de participantes que se formavam em cada passeata. Tal volume de participantes contribuiu significamente para que as atenções fossem voltadas naquele momento, para as mobilizações na cidade.

4.3.2 Vivências de Amigos e Professores

Douglas	(...) Entrando na faculdade, tinha uma pessoa da minha sala que era bem militante, ela me convidou pra ir, eu gostei e comecei a participar. Antes eu já havia participado de algumas coisas, mas nada tão a fundo, era mais partidário, na época eu não percebia, mas hoje eu vejo.(...)
Isabela	(...) É eu quis ver o que era, por que uma das meninas que passou lá eu conhecia porque ela era irmã de uma amiga minha, eu não sabia muito, mas sabia quem era ela. E fui mais por curiosidade. (...)
Leonardo	(...) No meu colégio eles incentivaram bastante, alguns professores nem davam aulas, nos liberavam pra ir às passeatas (...)

Como já visto, o ambiente escolar proporcionou grupos de pessoas como amigos, colegas e professores que contribuíram para que o movimento Passe Livre se concretizasse. Tal movimento teve grande repercussão em nível nacional e regional, o grande número de participantes deu-se, sobretudo, pelas relações estabelecidas dentro desse universo educacional e por seus diversos integrantes.

Observamos nos depoimentos colhidos nas entrevistas que a participação desses jovens deu-se além da família, também pelas relações estabelecidas na escola. Onde através de amigos que já participavam do movimento, muitos jovens acabavam se envolvendo.

Ele tinha um amigo Ary, que era um amigo da família e ele já estava há dois anos, desenvolvendo esse projeto que virou um projeto de lei e eles iam a vários colégios, escola técnica, instituto, colégio aplicação. E ele foi chamando meus dois filhos. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

Essas vivências trazidas por muitos campos foram importantes também na relação e educação que esses jovens tiveram, tanto na escola quanto na família. Assim as entrevistas nos mostraram que os variados ambientes onde esses jovens passaram foram importantes para que se desenvolvesse esse *espírito participativo*.

Eu fiz isso não foi ao acaso e nem planejado, mas durante quatro anos meus filhos foram junto pras praças da cidade, tirando fotografias das crianças e eles foram vindo, ora mais e ora menos, mas acredito que ali foi uma pequena escola de formação de lideranças que ensinaram eles a gostarem de estarem coletivamente. Acredito que isso é uma compreensão que se adquire ao ser pai, ao ser mãe, ao ser educadora. (VALÉRIA, Julho de 2007. Professora)

O que eu tenho feito e faço na minha vida toda é ser sincera. E dou exemplos no meu dia a dia, cabe a eles escolherem. Mas sempre há uma preocupação em relação educação, o que os teus filhos vão ser, o que eles estão pretendendo, a gente deixa livre até certo ponto. Tem que dar uma conduta adulta. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Além dos exemplos trazidos pelos pais, amigos e professores, o Passe Livre, teve também outras vivências. Essa vivência a qual nos remetemos diz respeito ao apoio dado por ex-militantes da Novembrada¹¹ ao movimento Passe Livre. Uma geração que participou em sua juventude de um movimento estudantil que também marcou a história de Santa Catarina.

Alguns militantes da novembrada também ajudaram, estavam apoiando eles, junto nas manifestações. Porque pra eles também, deve passar uma história na cabeça. Eu penso que é com os movimentos sociais que podemos mudar alguma coisa. (REGINA, Junho de 2007. Comerciante)

Esses ex-militantes foram vistos para alguns como mais um ponto de apoio e também inspiração, mesmo que essa inspiração ou influência tenha ocorrido de uma maneira indireta para muitos participantes do Passe Livre que tiveram contato com tais pessoas.

Eu acho que pela situação do Brasil eles eram mais engajados, porque a ditadura privava de muitas coisas e assim, meio que forçava o jovem a agir, e hoje não acontece isso, claro, tem privações mais de outros níveis. Mesmo que não esteja nada inscrito que nós nos inspiramos, acho que saber que essas pessoas existiram, fica, porque hoje nós podemos fazer manifestações nas ruas. (ISABELA, abril de 2007, Estudante Universitária)

Esses exemplos vindos tanto de ex-militantes da novembrada quanto dos professores e amigos, dentro do universo escolar e através do resgate de suas histórias contribuíram direta ou indiretamente na vida participativa de alguns jovens. Assim, os jovens que tiveram sua educação voltada de alguma maneira para a *observação* dos movimentos sociais através dos mais variados espaços aqui apresentados como família, escola, amigos, foram mais propensos a envolvimento no movimento Passe Livre.

¹¹ Em 30 de novembro de 1979, estudantes entraram em confronto com o então Presidente da República João Figueiredo, quando este veio visitar a cidade de Florianópolis para participar de solenidades oficiais. Após ser recepcionado no Palácio Cruz e Sousa, Figueiredo dirigiu-se ao "Senadinho", tradicional ponto de encontro no centro da cidade onde então foi 'recepcionado' por uma manifestação estudantil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora alguns estudos e opiniões tenham apresentado a participação juvenil como desinteressada, no Passe Livre em Florianópolis essa juventude se apresentou em muitos momentos engajada. Aprendemos com esse estudo que o jovem não é simplesmente um ser desinteressado ou não articulado com o mundo. A juventude hoje se apresenta envolvida por diversas redes e essas redes acabam por formá-los. O fato talvez dos jovens terem inúmeras possibilidades de escolhas e redes de relacionamento podem acabar trazendo a crença ou um olhar que os vê muitas vezes como apáticos. Porém esse estudo nos mostrou que a juventude é apenas *diferente*, não são mais os mesmos jovens que estavam nas passeatas na ditadura militar e tão pouco têm os mesmos valores. Cada período da história traz consigo sua individualidade, uma época única caracterizada por seus próprios momentos históricos e suas próprias problematizações.

Hoje esses estudantes participam de diversas redes de relacionamento, saíram das universidades e dos espaços escolares conquistando tantos outros espaços como música, teatros, shoppings, movimentos como *rap*, *rock* e outros diversos. Ser jovem não implica em ser necessariamente estudante ou estar somente em ambientes escolares. Pelo contrário, a juventude e sua própria condição juvenil acabou ampliando-se para muitos outros espaços e é também constituída por diversos deles.

A juventude foi observada nessa dissertação como um período caracterizado além da faixa etária, como uma época onde se busca formar uma identidade. Nessa época procura-se nos diversos espaços experiências para formar esta identidade. Desse modo, os movimentos sociais constituídos pelos jovens, sobretudo o estudantil, são feitos por pessoas que entram e saem do movimento e de próprios ambientes de escolhas, como educação e profissão, de uma maneira rápida.

Esses jovens por experimentarem diversos campos mostram-se diferentes. Constituídos por muitas opções e relações estabelecidas. Essa heterogenia acaba apresentando-se também nos espaços onde esses jovens interagem. No Passe Livre de Florianópolis, por exemplo, constataram-se discordâncias entre alguns jovens sobre questões até mesmo ideológicas.

Alguns exemplos de participação juvenil puderam ser observados nessa dissertação. Assim os estudos nos mostraram que as variadas mobilizações estudantis em distintas épocas, embora tenham os mesmos atores, *estudantes* são diferentes e possuem suas próprias singularidades. O movimento de 1968, o movimento Cara Pintadas e o movimento Passe Livre, possuem cada qual sua dinâmica e característica.

Os estudos feitos sobre o movimento Passe Livre nos apontaram a importância que este tomou principalmente entre os anos de 2004 e 2005. Formado inicialmente por quatro jovens através de uma campanha de abaixo-assinado. O Movimento cresceu e se estruturou particularmente quando ocorreu a exibição do documentário nas escolas de Florianópolis sobre a *Revolta de Buzú*, ocorrido em Salvador na Bahia. Muitos estudantes foram chamados e motivados por outros colegas a participarem das mobilizações em Florianópolis após o aumento das tarifas no transporte público. O movimento tem como pauta de luta a municipalização do transporte e conseqüentemente o acesso gratuito dos estudantes ao transporte público, passando a não ter mais 50% de desconto no transporte, como o que já ocorre na cidade, mas sim obtendo um desconto de 100%, ou seja, a gratuidade no transporte público.

Por fim o contato através das entrevistas com os estudantes e com os pais que participaram do movimento acabou mostrando eixos possíveis que afetam e influenciam a participação dos jovens. Dentro desses eixos três foram de grande importância e acabaram prevalecendo no último capítulo que ficou assim definido, *família, participação política e escola*.

Discutindo o primeiro item, família, pode ser observado no universo de pesquisa que todos os jovens que participaram tiveram uma forte ligação com movimentos sociais ou sobre movimentos sociais com sua própria família,

principalmente através de seus pais. Constatou-se que os pais desses jovens participaram também do movimento Passe Livre, através das passeatas ou do auxílio no movimento como foi o caso do sopão realizado para os jovens em frente ao terminal do TIICEN e que teve como uma das realizadoras a mãe de um dos entrevistados. Outro exemplo foi o auxílio de outra mãe através de empréstimos de caixa de som e outros itens que faltassem para as passeatas.

Esses pais mostraram através da pesquisa que, além de participarem do movimento de estudo, tiveram contato em sua juventude com algum tipo de experiência em movimentos sociais. Percebeu-se que esses pais foram importantes para a participação dos jovens entrevistados no movimento, seja através da educação que transmitiram ou através das conversas no núcleo familiar. Portanto, o papel dos pais e a formação que passam para seus filhos podem influenciar direta ou indiretamente na participação juvenil. Por conseguinte, confirmou-se também que esses diálogos existentes entre pais e filhos sobre movimentos sociais são importantes, porém, não são condições únicas ou exigências para se ter jovens em participações estudantis.

Um outro item importante e que complementa as discussões aqui estabelecidas diz respeito à *participação política*. Do universo de estudo foi constatado que os estudantes entrevistados que participaram do movimento tiveram envolvimento com diversos campos que por sua vez serviram como um facilitador para a participação. Dentro desses campos, a família, aqui já explicitada, o ambiente escolar e os amigos, colegas e professores.

Todos esses itens aqui apresentados em seu conjunto ou individualmente mostraram através dos depoimentos que possuem uma grande importância para a participação juvenil. Dos jovens entrevistados todos tiveram além do apoio familiar, influências de colegas ou amigos, principalmente no ambiente escolar. Como exemplo a entrada no movimento desses estudantes deu-se por intermédio de pessoas próximas como amigos, que já participavam do movimento e que o apresentaram para os entrevistados. Essa relação com colegas, sobretudo no ambiente escolar foi importante para que se estabelecessem uma primeira relação

entre os estudantes e o movimento. Foi através do exemplo de colegas e do entusiasmo desses que os entrevistados resolveram participar do Passe Livre.

Um outro item foi também às experiências. Do universo de pesquisa pode ser constatado que a participação no movimento teve um grande peso para esses jovens que confirmaram que aprenderam bastante com ele. Dentre os aprendizados, a participação no Passe Livre pode levar, de acordo com as entrevistas, em engajamentos futuros em outros movimentos sociais. Essas experiências são tanto de cunho pessoal, com individualidades e vontades, quanto de cunho da própria experiência em movimentos. Admitem esses jovens entrevistados que adquiriram contato com questões como cidadania, política, direitos e liderança, como também experiências pessoais, que por sua vez poderão despertar cada vez mais essa vontade participativa.

Por sua vez observou-se através dos entrevistados que além dessa troca de experiência e incentivo de diversos campos, como os aqui discutidos, a permanência no movimento requer curiosidade e continuidade por parte desses jovens. Assim, podem existir casos, por exemplo, em uma mesma família onde irmãos embora tenham tido uma educação similar acabam seguindo rumos diferentes em escolhas como, por exemplo, envolvimento em movimentos estudantis. Constatou-se que a participação política é, sobretudo, particular, própria de cada jovem, onde a entrada em movimentos e a continuidade dependem muito de suas vontades e objetivos constituídos.

O último item trazido por essa dissertação diz respeito aos jovens e a relação com a escola. Nesse item foi observado que a escola, local próprio para a socialização do indivíduo é constituída também pelas relações estabelecidas nesse ambiente dos jovens com o movimento. Assim quando falamos em *Jovens e Escola*, estamos nos referindo a um ambiente propício para a constituição e formação de espaços. O ambiente escolar apresentou-se para o Passe Livre como um lugar possível para divulgação e formação do movimento. Nas entrevistas foi constatado que tal ambiente foi um local de referência, onde se iniciou para muitos, o primeiro contato com MPL.

Assim, muito além do MPL ser um movimento de cunho estudantil e estar envolvido no ambiente escolar, se constituiu dentro desse ambiente, sobretudo, por ser um local qualificado para a socialização dos indivíduos e propício para as trocas de informações. Através dos depoimentos constatou-se que nos espaços escolares os jovens iam chamando outros jovens. Formando-se uma grande rede, onde amigos e colegas passaram a convidar seus conhecidos para que participassem do movimento. E foi através desse contato nas escolas, nas ruas e no ambiente familiar que foram constituindo as relações entre os participantes e do próprio movimento.

Todos esses campos aqui abordados, *família, participação política e escola*, possuem grande relevância para a constituição participativa juvenil. Não podemos, porém, definir o peso de cada um ou estabelecer o grau de envolvimento dos participantes com eles. Sabe-se sim, que para ocorrer uma participação de jovens em movimentos sociais como o Passe Livre é preciso se ter relacionamentos que propiciem a participação.

Os jovens são constituídos pelas relações que estabelecem pelos mais variados espaços e essas relações os constituem e acabam os caracterizando. Auxiliam em sua formação e identidade, por conseguinte, contribuem para que os jovens façam suas escolhas, seja as profissionais e pessoais, seja as relacionadas a participação juvenil em movimentos sociais.

Atualmente o movimento continua com suas ações, possuindo ligações com participantes e membros de outras cidades. O movimento Passe Livre divulga suas informações através de sites e grupos de e-mails, onde documentários, passeatas e manifestações são organizadas através do auxílio desse meio tecnológico. Em 2006 e 2007 os trabalhos do movimento ficaram um pouco parados em relação as manifestações e passeatas nos anos anteriores. O objetivo principal atualmente, além de continuar com as lutas é o de auxiliar os participantes que estão respondendo processos judiciais por mobilizações anteriores.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRAFIAS:

ARNS, Paulo EVARISTO. **Brasil: nunca mais**. Petrópoles: Vozes, 1985.

ABRAMO, Helena Wendel; BRANCO, Pedro Paulo Martoni, (Orgs). **Retratos da Juventude Brasileira: Análise de uma pesquisa nacional**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005.

ABRAMO, Helena Wendel. **Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo. V.5 e 6, p.25-38, 1997.

ALMEIDA, Lúcio Flávio Rodrigues de. **Movimentos sociais no Brasil**. Revista mediações. Londrina Universidade Estadual de Londrina v. 5, n. 1, p. 41-63, jan./jun., 2000.

ALVES, Maria Helena Moreira. **O Estado e oposição no Brasil (1964-1984)**. Petrópoles: Vozes, 1985.

BAQUERO, Marcello. **Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil**. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2004.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Edições 70. Lisboa, 1977.

BRANDÃO, Antonio Carlos; DUARTE, Milton Fernandes. **Movimentos culturais de juventude**. 12. ed. São Paulo: Ed. Moderna, 1994. 120p.

BOURDIEU, Pierre. **As contradições da Herança**. IN: LINS, Daniel. Org. **Cultura e Subjetividade: Saberes Nômades**. Campinas: Papius, 1997.

BORGES FILHO, Nilson. **Estado e militarização: as polícias militares como aparelhos repressivos de Estado**. 1985. 269 f. Tese (Doutorado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1989.

BRUM, Dalva Marisa Ribas. **Expressões Juvenis na Cultura Escolar: Um olhar para a Escola pública**. (Dissertação de Mestrado). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CALLEGARO, Carlos Augusto. **Juventude (S) e Escola:** Suas culturas em Diálogo. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis. 2007.

CARMO, Paulo Sérgio do. **Culturas da Rebeldia:** A juventude em questão. São Paulo: Editora SENAC, 2001.

DAGNINO, Evelina. **Sociedade civil e espaços públicos no Brasil.** São Paulo: Paz e Terra: UNICAMP, Campinas, 2001. 364p

DIAS, José de Souza. **Santa Catarina em perspectivas:** os anos do golpe. Petrópolis: Vozes, 1989.

DIRCEU, José & PALMEIRA, V. **Abaixo a ditadura:** O movimento de 68 contado por seus líderes Rio de Janeiro. Espaço e Tempo: Garamond, 1998.

DURAND, Olga C. da S. **Jovens na ilha de Santa Catarina:** sociabilidade e socialização. Tese de doutorado em Educação, Universidade de São Paulo – USP. São Paulo, 2000.

EHLERS, Carla Janaina Abrão. **A constituição da Juventude no contexto da família:** Questões Relacionais. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2007.

FERREIRA, Allan Hahnemann. **Repensando os movimentos estudantis.** Estudos: revista da universidade católica de Goiás. Goiânia, v. 30, n. 11, p. 2487-2496. Nov. 2003.

FOUCAULT, Michael. **Microfísica do poder.** Rio de Janeiro: Graal, 1985.

GABEIRA, Fernando. **O Que é isso companheiro?** Rio de Janeiro: Codecri, 1981.

GARCIA, Marco Aurélio; Vieira, Maria Alice (Org). **Rebeldes e Contestadores:** 1968 Brasil, França e Alemanha. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002.

GASPARI, Elio. **A Ditadura envergonhada.** As ilusões armadas. São Paulo: Companhia das letras, 2002.

GOHN, Maria da Gloria Marcondes. **Teorias dos movimentos sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 2.ed São Paulo: Loyola, 2000. 383p

HAUSEN, Ivan. **Porque os militares?** Rio de Janeiro: Arte Nova, 1966.

HOBBSBAWN, Eric. **A Era dos extremos:** o breve século XX, 1914-1991. São Paulo: Cia das Letras, 1995.

HOBBSAWM, E.J. (Eric J.). **Rebeldes primitivos**: estudos sobre formas arcaicas de movimentos sociais nos séculos XIX e XX. Rio de Janeiro: Zahar, 1970. 242p.

KEIL, Ivete Manetzeder. **Dos jovens contestadores aos jovens de hoje: Uma nova forma de participação na polis?**.In. BAQUERO, Marcello. **Democracia, Juventude e Capital Social no Brasil**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2004.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **Expressões contemporâneas de rebeldia: poder e fazer da juventude autonomista**. Tese (Doutorado em Sociologia Política)-. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

LIBERATO, Leo Vinicius Maia. **A guerra da tarifa**. Uma visão dentro do Movimento Passe Livre em Floripa. São Paulo: Faísca 2005.

LONGO, Sandra Márcia. **Florianópolis, 1968**: Das passeatas ao ato quinto. A rebelião estudantil: ângulos de interpretação. Trabalho de conclusão de Curso (História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

LUCAS, Doglas César. **Desobediência civil e novos movimentos sociais**: a construção democrática do direito. Dissertação (Mestrado em Direito) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. 151 f.

MARGULIS, Mário; URRESTI, Marcelo. **Juventud es más que una palabra: ensaios sobre cultura e juventud**, Buenos Aires, Biblos, 1996.

MARTINS FILHO, João Roberto. **A rebelião estudantil**: México, França, Brasil: 1968. Campinas (SP): Mercado de Letras, 1996. 112p.

MARTINS FILHO, João Roberto. **Movimento Estudantil e Ditadura Militar**. Campinas: Papyrus, 1987.

ZAGO, Nadir; Carvalho, Marília Pinto de; TEIXEIRA, Rita Amélia (Orgs). **Itinerários de Pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MELUCCI, Alberto. **A invenção do presente**: movimentos sociais nas sociedades complexas. Petrópolis: Vozes, 2001.

MELUCCI, Alberto. **Juventude, tempo e movimentos sociais**. Revista Brasileira de Educação. São Paulo. V.5 e 6, 1997.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Juventude e movimento estudantil**: o 'velho' e o 'novo' na militância. Florianópolis, Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001. 173 f.

MESQUITA, Marcos Ribeiro. **Movimento estudantil brasileiro**: práticas militantes na ótica dos novos movimentos sociais. Revista crítica de ciências sociais. Coimbra, n. 66, p. 117-149.,out.2003.

MILITINO, Angela Maria. **A novembrada de 1979 em Florianópolis: A rebeldia de 60 e a “sociedade civil” de 70.** Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

MISCHE, Ann. **De estudantes a cidadãos: Redes de jovens e participação política.** Revista Brasileira de Educação. São Paulo. V.5 e 6, p.134-150, 1997

MORETTI, Serenito A. **Movimento estudantil em Santa Catarina.** Florianópolis: [s.n.], 1984. 105p

PAOLI, Maria Célia; HELLMANN, Michaela. **Movimentos sociais e democracia no Brasil: sem a gente não tem jeito.** São Paulo: Marco Zero, 1995

PRÁ NETO, Cláudio Del. **O Problema das moradias estudantis em Florianópolis 1968: uma visão dos jornais locais.** Trabalho de Conclusão de Curso (História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

POERNER, Arthur José. **O poder jovem: História da participação política dos estudantes brasileiros.** São Paulo: CMJ, 1995.

RIBEIRO. Edaléa Maria. **Movimentos Sociais em tempos de democracia e globalização em Santa Catarina: Os anos 90.** Fundação Boiteux. Florianópolis, 2005. p.42.

RIBEIRO. Renato Janine. Rebeldia. **Revolta e Revolução.** FILOSOFIA Ciência e Vida. São Paulo, Ano II, 2007, p 14-15.

ROCHA, Luiz Fernando Vidal da. **Militância e participação política da juventude na década de 70 em Florianópolis.** Trabalho de Conclusão de Curso (História) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2002.

SARTI. Cynthia Andersen. **A família como ordem simbólica.** PSICOLOGIA USP, São Paulo, Volume 15, Fascículo 3, p. 11-28, 2004.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais no mundo multicultural.** Revista Katálysis, Florianópolis, v. 8, n. 1 , p. 24-31, jan./jun.

SILVA, Aurea Oliveira; AURAS, Marli; Universidade Federal de Santa Catarina. **Aprender a calar e aprender a resistir: a pedagogia do silêncio em Santa Catarina.** Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências da Educação. 1993.

SILVEIRA, Ricardo de Jesus. **O legado dos movimentos sociais dos anos 70-80.** Revista mediações. Londrina Universidade Estadual de Londrina v. 5, n. 1, p. 79-94, jan./jun., 2000.

SINGER, Paulo. In: ABRAMO, Helena Wendel (Org). **Retratos da Juventude Brasileira**: Análise de uma pesquisa nacional. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2005

SIRKIS, Alfredo. **Os carbonários**: Memórias da guerrilha perdida. 13. Ed. São Paulo: Global, 1994.

SOUSA, Janice Tirelli Ponte de. **Reinvenções da utopia**: a militância política de jovens dos anos 90. São Paulo: Hacker, FAPESP, 1999. 232p.

TEDESCO, Juan Carlos. **Sociologia da Educação**. Editora autores associados. São Paulo, 1995.

VANNUCHI, Paulo; NOVAES, Regina (Orgs). **Juventude e Sociedade**: Trabalho, educação, cultura e participação. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

VENTURA, Zuenir. **1968 O ano que não terminou**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1988.

VENTURA, Zuenir. **1968 O que fizemos de nós**. São Paulo: Planeta, 2008.

VIEIRA, Jaci Guilherme. **História do PCB em Santa Catarina**: da sua gênese até a operação Barriga Verde – 1922 a 1975. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1994.

VINHAS, Moisés. **O Partidão**: a luta por um partido de massas _1922-1974. São Paulo: Hucitec, 1982.

ZAGO, Nadir; Carvalho, Marília Pinto de; TEIXEIRA, Rita Amélia (Orgs). **Itinerários de Pesquisa**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ZANETI, Hermes. **Juventude e Revolução**: Uma investigação sobre a atitude revolucionária juvenil no Brasil. Brasília: Edunb,2001.

WARREN, Ilse Scherer; LUCHMANN, Ligia Helena Hahn. **Situando o debate sobre movimentos sociais e sociedade civil no Brasil** - introdução. Política & sociedade. Florianópolis, n. 5, ,, p. 11-33, out. 2004.

FONTES ORAIS (Entrevistas):

Estudante universitária, Isabela - em 23/04/2007.
Comerciante, Regina – em 18/06/2007.

Estudante universitário, Douglas – em 03/07/2007.
Professora, Valéria – em 19/07/2007.

Estudante, Leonardo – em 24/08/2007.
Comerciante, Catarina – em 11/09/2007.

JORNAIS, FOLHETINS e REVISTAS:

- Jornal O Estado. Florianópolis. Edições de janeiro a dezembro de 1968.
- Jornal Universitário “O Coruja”. Novembro 1970.
- Folhetim “CMI na Rua”. Disponível em: www.midiaindependente.org.br
- Revista Brasileira de Educação, 1997. Nº 5 e 6.
- Filosofia. Ciência e Vida. São Paulo, Ano II, 2007

ANEXOS

Anexo: A

Projeto Lei Passe Livre

Projeto de Lei do Passe-Livre

Nós, abaixo-assinados, vimos por meio deste, exigir da Prefeitura e da Câmara dos Vereadores deste município, a aprovação de Projeto de Lei o qual estabelece o Passe-Livre nos meios de transporte permitidos, explorados e concedidos para estudantes do ensino fundamental, médio e superior reconhecidos pelo MEC, bem como para alunos de cursos profissionalizantes e cursinhos pré-vestibulares bastando apenas a apresentação de RG Escolar ou Carteira de Estudante. Tal projeto também institui o Passe-Livre para desempregados.

Abaixo expomos a proposta de Projeto de Lei.

Projeto de Lei XXX/XX:

Art. 1º. – Fica instituído o Passe-Livre para os estudantes e desempregados, nos serviços de transportes coletivos explorados, permitidos ou concedidos pelo município.

§ 1º. – Serão considerados estudantes, para efeito da presente Lei, aqueles regularmente matriculados no ensino fundamental, médio e superior, alunos dos cursos presenciais de educação de jovens e adultos, técnicos e profissionalizantes, legalmente reconhecidos pelo MEC.

§ 2º. – Serão considerados estudantes também aqueles regularmente matriculados em cursinhos pré-vestibular legalmente cadastrados pela Prefeitura para esses fins.

§ 3º. – Serão considerados desempregados, para efeito da presente Lei, aqueles que não tiverem registro vigente em carteira de trabalho ou como autônomos e não forem funcionários públicos.

Art. 2º. – Em nenhuma hipótese, poderá ser autorizado o aumento de tarifas de transporte urbano devido aos custos que esse benefício possa originar.

Art. 3º. – A gratuidade do transporte coletivo será concedida mediante apresentação de carteira escolar ou de desempregado, expedida pela Prefeitura, ou pela apresentação do RG Escolar.

§ 1º. – Não será cobrado qualquer tipo de taxa de emissão da carteira escolar e de desempregado.

§ 2º. – A gratuidade para estudantes será concedida em todos os dias da semana, no período compreendido de 01 de fevereiro e 31 de janeiro do ano subsequente.

§ 3º. – A gratuidade para desempregados será concedida em todos os dias da semana, durante o período compreendido de um ano.

Art. 4º. – As carteirinhas de que trata o artigo 3º. conterão:

I – Dados pessoais do estudante ou desempregado.

II – Espaço para declaração de que o estudante está regularmente matriculado no ano ou semestre letivo em que for expedida a mesma e para a assinatura da autoridade competente.

III – Fotografia 3 x 4 do titular.

Art. 6º. – Tal benefício terá validade em todos os transportes coletivos que circulem no âmbito do município.

Art. 7º. – Mediante convênios com outras prefeituras ou com governos estadual e federal, tal benefício poderá ser estendido aos transportes intermunicipais.

Art. 8º. – As despesas com a execução desta lei ficarão por conta de dotações financeira próprias, consignadas no orçamento vigente e suplementadas, se necessário, devendo as previsões futuras destinar recursos específicos para seu fiel cumprimento.

Art. 9º. – Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Nome	RG	Assinatura

Anexo: B

Folhetins

Anexo: C

Roteiro das Entrevistas

Roteiro para Entrevista Com os Filhos

1) LEMBRANÇAS FAMILIARES:

- 1.1) Fale um pouco sobre você, quantos irmãos tem? Se possui uma família grande? Como é o relacionamento seu com sua família e seus pais?
- 1.2) Que lembranças você tem de seus pais na participação em sua vida na infância, enfatizando aqui a escola e as relações interpessoais?
- 1.3) Já na vida adulta, como continuaram essas relações? Como seus pais lidavam com as suas escolhas? Profissionais, de relacionamentos, amigos e trabalho?
- 1.4) Como você vê a atuação de seus pais nas suas escolhas ao longo da vida? Por influências? Livre arbítrio?
- 1.5) O que você trás de seus pais? Existem traços ou maneiras de agir deles que hoje de alguma maneira a influência?

2) INSERÇÃO AO MOVIMENTO:

- 2.1) Como surgiu o movimento Passe Livre em sua vida?
- 2.2) Quais são as causas de luta do movimento Passe Livre?
- 2.3) Como você analisa sua participação no movimento? Atuante? Engajada?
- 2.4) Como está hoje seu grau de participação no movimento Passe livre?
- 2.5) Você se considera um participante que conhece as causas de luta do movimento com plenas convicções? Porque?

3) PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS:

- 3.1) Como você analisa suas participações desde o início de sua vida escolar? Em algum momento fosse líder de turma ou teve alguma participação como organizador (a) de eventos na escola, na faculdade?
- 3.2) Fora esse Movimento, você tem participação ou teve em outros momentos e mobilizações? Se sim, quais?

4) SIGNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO:

- 4.1) Qual o significado do movimento Passe Livre em sua vida?
- 4.2) De alguma maneira o movimento trouxe experiências para você ou mudou sua concepção sobre alguns assuntos? Por que?
- 4.3) Como você vê as pessoas que são atuantes e as que não são em movimentos?
- 4.4) Dos inúmeros movimentos ocorridos no Brasil, tanto no passado quanto nos dias atuais, tem algum que lhe chama a atenção pela participação efetiva dos integrantes, pelos resultados obtidos e pela influência que ele teve ou tem em concepções? Se sim, qual (ais) e porque?
- 4.5) Você acredita que seu pai/ mãe lhe influenciou de alguma maneira a participar do movimento? Porque?

Roteiro para Entrevista Com os Pais

1) INSERÇÃO AO MOVIMENTO:

1.1) Você sabe como iniciou a participação de seu filho (a) no movimento passe livre? Se sim, como foi?

1.2) E a sua participação, ela ocorreu? De que maneira ? Atuante, solidária a causa? ouvinte? Ou de outra maneira? Qual?

2) PARTICIPAÇÃO EM MOVIMENTOS:

2.1) Como você analisa a participação de seu filho (a) no movimento? Ele ou ela os mantinha informados do que estava acontecendo? Considera-o atuante ou o analisa por outra maneira? Qual?

2.2) Seu filho(a) participou ou participou de outros movimentos, como sindicatos, igrejas, movimentos escolares, se sim qual (ais)?

2.3) Em relação as suas atuações, você participou ou participa de movimentos, como sindicatos, igrejas, ou outros, se sim qual (ais)?

2.4) Se atuante, como analisa sua participação como colaborador aos movimentos em que participou?

3) SIGNIFICAÇÃO DO MOVIMENTO:

3.1) Você vê algum significado ou alguma mudança nas concepções de mundo de seu filho (a), por ter participado do movimento Passe Livre?

3.2) Para você que significado tem o papel dos pais na participação e no incentivo dos filhos em movimentos ou em decisões e escolhas durante a vida? Acreditada que essas influências (em movimentos e decisões como a escolha da profissão são completamente diferentes? Ou tem a mesma importância? Por que?

3.3) Você acredita que seu filho(a) foi de alguma maneira influenciado por você na participação do movimento? Porque?